



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**MARIA EDUARDA CAPELLINI**

***A HISTORIA PONTIFICALIS DE JOÃO DE SALISBURY:  
UMA ANÁLISE DA ESCRITA DA HISTÓRIA (SÉCULO  
XII)***

**CAMPINAS**

**2018**

**MARIA EDUARDA CAPELLINI**

**A *HISTORIA PONTIFICALIS* DE JOÃO DE SALISBURY: UMA  
ANÁLISE DA ESCRITA DA HISTÓRIA (SÉCULO XII)**

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em História, na Área de História Cultural.

*Supervisor/Orientador:* Profa. Dra. Néri de Barros Almeida

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO  
FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA  
MARIA EDUARDA CAPELLINI, E ORIENTADA  
PELA PROFA. DRA. NÉRI DE BARROS ALMEIDA.

**CAMPINAS**

**2018**

**Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s):** CAPES

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

C171h Capellini, Maria Eduarda, 1990-  
A historia pontificalis de João de Salisbury : uma análise da escrita da história (século XII) / Maria Eduarda Capellini. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Néri de Barros Almeida.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. João de, Salisbury, Bispo de Chartres, m.1180. 2. Escrita - História. 3. Idade Média - História. 4. Crônicas. I. Almeida, Néri de Barros, 1965-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** The historia pontificalis of John of Salisbury : an analysis of the writing of history (XII century)

**Palavras-chave em inglês:**

Writing - History

Middle Ages - History

Chronicles

**Área de concentração:** História Cultural

**Titulação:** Mestra em História

**Banca examinadora:**

Néri de Barros Almeida [Orientador]

Cybele Crossetti de Almeida

André Luís Pereira Miatello

**Data de defesa:** 28-03-2018

**Programa de Pós-Graduação:** História



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

A comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 28 de março de 2018, considerou a candidata Maria Eduarda Capellini aprovada.

Profa. Dra. Néri de Barros Almeida (orientadora) – Unicamp

Profa. Dra. Cybele Crossetti de Almeida – UFRGS

Prof. Dr. André Luís Pereira Miatello – UFMG

**A Ata de Defesa, assinada pelos membros da Comissão Julgadora, consta no processo de vida acadêmica da aluna.**

*Dedico aos meus pais, Ary e Maria, sem  
vocês esse trabalho não seria possível.*

## **Agradecimentos**

Esse texto, apesar de escrito a duas mãos, não é apenas fruto do meu trabalho, mas de muitas pessoas que de diversas formas estiveram presentes ao longo do processo até o resultado final, sem elas o trabalho não seria possível. Agradeço algumas delas aqui.

Aos meus pais, Ary e Maria, que sempre me apoiaram em todos os meus sonhos, e sempre trabalharam e se esforçaram para tornar meus caminhos mais suaves e cheios de amor e carinho, sem vocês nada disso seria possível. Vocês são a base de todas as minhas conquistas e o apoio de todos os momentos.

À minha irmã, Carol, que é minha inspiração para continuar seguindo na vida acadêmica, você pode não saber, mas todo o seu esforço e dedicação me motivam a cada dia, ver suas conquistas me inspira a correr atrás das minhas.

Às minhas amigas de vida, Carla, Karla, Mayara e Thaís, obrigada pelos treze anos de amizade, e por sempre estarem comigo, mesmo quando estávamos distantes.

Aos meus amigos de Unicamp, da graduação ou não, que se tornaram amigos para vida, Fernanda Ramos, sem você a graduação não teria sido a mesma, a amizade e cumplicidade de todos esses anos foi e continua sendo minha força em muitos momentos. Giulia Bassani, obrigada por todas as conversas e incentivos, e também por acreditar em mim, em momentos em que eu mesma já não acreditava. Sandro Vimer Valentini, amigo de graduação e mestrado, mesmo estudando períodos tão distantes você sempre esteve presente para me ouvir, obrigada pelas conversas e conselhos trocados. Ana Carolina Moraes e Juliana Yamada, mesmo sendo de áreas diferentes as conversas estimulantes sempre me fizeram pensar e querer cada vez mais expandir meus horizontes. Serginho Venancio, sua vontade de estudar e aprender sempre me motivam a também continuar. Letícia Nogueira, amiga de graduação que se tornou minha professora de francês, obrigada por me ajudar a aprender um idioma fundamental para minha pesquisa. E tantos outros que estiveram comigo ao longo desses anos, as conversas, ideias, e experiências trocadas me ajudaram a chegar até aqui.

À toda equipe da Olimpíada Nacional em História do Brasil que me recebeu com tanto carinho e me estimulou a pensar e a estudar mais sobre a História do Brasil, meu muito obrigada por me convidarem e por me deixarem participar com vocês desse projeto maravilhoso.

Aos amigos de medieval e orientação, obrigada por todas as vezes que vocês me ouviram, me sugeriram ideias e me ajudaram: Carol, Thiago, Robson, Rita, Bárbara, Rafael Bosch, Fabrício e Michele.

Ao professor Luiz Marques, que sempre pergunta sobre minha pesquisa e é sempre tão solícito e acessível no empréstimo de livros.

Aos professores da banca, Cybele Crossetti e André Miatello, pela leitura atenta do texto de qualificação e final e pelas críticas que me ajudaram a pensar e crescer, enquanto, historiadora que está se formando.

À minha orientadora, Néri de Barros Almeida, que desde o começo de minha graduação sempre esteve presente, seus conselhos, críticas e leituras me ajudam a cada dia, seu apoio e presença constante foram fundamentais para esse trabalho, sem sua participação eu não teria chegado até aqui, você me estimula a crescer como historiadora e como pessoa.

Agradeço também a todos os funcionários do IFCH/Unicamp que sempre me auxiliaram nas questões administrativas e burocráticas, em especial, ao Leandro Maciel, sempre respondendo meus e-mails e me ajudando com todas as dúvidas e questões burocráticas.

Agradeço à CAPES pelo apoio financeiro e os dois anos de bolsa que permitiram a realização dessa pesquisa.

*“Viver” significa ir em direção à morte. Nesse caminho topava-se com coisas que obstruíam a passagem. Essas coisas chamadas “problemas” tinham que ser conseqüentemente retiradas da frente. “Viver” significava então resolver problemas para poder morrer.*

Vilém Flusser

*If I were forced to characterize John of Salisbury in a single phrase, I should call him the man with the serious smile.*

Johan Huizinga

*Omnia disce, uidebis postea nichil esse superfluum.*

Hugo de São Victor

## **Resumo**

Esse trabalho tem como objetivo apresentar por meio da análise da obra de João de Salisbury, *Historia Pontificalis*, uma discussão sobre o que consiste um texto de história composto na Idade Média, em especial no século XII, quais suas metodologias e elementos textuais. Ao iniciar a narrativa o autor expõe que teria a pretensão de narrar os acontecimentos que tiveram lugar no momento em que esteve presente junto à cúria papal, assim sendo, a obra trata dos anos entre 1148 e 1152. O texto apresenta as ações do papa, Eugênio III, e por isso, recebeu o adjetivo de *pontificalis*, mas também de outros personagens que seriam importantes para João de Salisbury, como, Teobaldo, arcebispo de Canterbury, Bernardo de Claraval e Gilberto de Poitiers. Por isso, a escolha do título é discutida pela historiografia: teríamos nela uma história *pontificalis* ou um exemplar das memórias de João de Salisbury?

Os objetivos da pesquisa procuram compreender que elementos constituem um texto de história na Idade Média e se esses podem ser encontrados na narrativa de João de Salisbury. Também buscamos entender a metodologia empregada pelo autor que permite elencar a narrativa junto à tradição dos escritos históricos medievais.

**Palavras-chave:** escrita da história; história; história pontifical; crônica; João de Salisbury; século XII.

## **Abstract**

This work aims to present, through the analysis of the work of John of Salisbury, *Historia Pontificalis*, a discussion about what constitutes a text of history composed in the Middle Ages, especially in the twelfth century, which methodologies and textual elements. At the beginning of the narrative the author states that he would pretend to narrate the events that took place when he was present at the papal curia, so the work deals with the years between 1148 and 1152. The text presents the actions of the pope, Eugene III, and therefore received the adjective of *pontificalis*, but also of other personages that would be important for John of Salisbury, like, Theobald, archbishop of Canterbury, Bernard of Clairvaux and Gilbert of Poitiers. So the choice of title is discussed by historiography: would we have in it a pontifical history or a copy of the memoirs of John of Salisbury?

The aims of the research seek to understand what elements constitute a text of history in the Middle Ages and whether these can be found in the narrative of John of Salisbury. We also try to understand the methodology used by the author that allows to list the narrative next to the tradition of medieval historical writings.

**Keywords:** writing of history; history; pontifical history; chronicle; John of Salisbury; XIIth century

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo I.....</b>	<b>17</b>
<b>O texto de História na Idade Média.....</b>	<b>17</b>
<b>A crônica de Sigeberto de Gembloux.....</b>	<b>20</b>
<b>A <i>Historia Pontificalis</i> de João de Salisbury.....</b>	<b>22</b>
<b>Capítulo II .....</b>	<b>27</b>
<b>João de Salisbury: vida e obras .....</b>	<b>27</b>
<b>Obras.....</b>	<b>33</b>
<b>Tradição manuscrita e autoria da <i>Historia Pontificalis</i> .....</b>	<b>35</b>
<b>Datação .....</b>	<b>38</b>
<b>Capítulo III.....</b>	<b>40</b>
<b><i>Historia Pontificalis</i>: análise do documento.....</b>	<b>40</b>
<b>Prólogo.....</b>	<b>44</b>
<b>Papa Eugênio III.....</b>	<b>48</b>
<b>Arcebispo Teobaldo, de Canterbury.....</b>	<b>51</b>
<b>Pedro de Celle .....</b>	<b>54</b>
<b>Rei dos Ingleses .....</b>	<b>56</b>
<b>Rei dos Francos .....</b>	<b>57</b>
<b>Rei dos Germânicos .....</b>	<b>57</b>
<b>Concílio de Reims .....</b>	<b>58</b>
<b>Concílio de Cremona .....</b>	<b>59</b>
<b>O julgamento de Gilberto de Poitiers .....</b>	<b>60</b>
<b>Segunda Cruzada.....</b>	<b>63</b>

<b>Arnaldo de Brescia .....</b>	<b>65</b>
<b>Octávio de Santa Cecília, antipapa Vítor IV.....</b>	<b>67</b>
<b>Guido de Crema, antipapa Pascoal III .....</b>	<b>67</b>
<b>Menções a cisma dentro da obra .....</b>	<b>68</b>
<b>Conclusão .....</b>	<b>71</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>77</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>82</b>
<b>Anexo I.....</b>	<b>82</b>
<b>Anexo II .....</b>	<b>83</b>
<b>Anexo III.....</b>	<b>85</b>
<b>Anexo IV .....</b>	<b>88</b>

## Introdução

O presente trabalho pretende analisar alguns elementos característicos da escrita histórica do século XII, e como eles aparecem na obra de João de Salisbury. Para isso, tomaremos como objeto a *Historia Pontificalis* de João de Salisbury<sup>1</sup>. O pressuposto que nos permite associar o texto inacabado à tradição histórica das crônicas medievais decorre do fato de que seu autor o apresenta como continuação da crônica de Sigeberto de Gembloux, que teria início em 381 e com as continuações chegaria até o ano de 1148. Esse dado presente no prólogo da narrativa expõe a intenção de incluir sua obra em uma tradição de escritos produzidas no período entendido como Idade Média.

Quando pensamos nos textos chamados de história escritos na Idade Média tendemos a analisar as obras em bloco, como se todos os textos se repetissem no aspecto formal e todos os autores seguissem um mesmo método de escrita, ou ainda como se todos os textos dessem à escatologia o mesmo peso, como se a supremacia do plano providencial sobre o destino humano fosse antagônica à valorização da objetividade e especificidade das situações experimentadas no tempo.

No entanto, quando lemos a historiografia que analisa esses textos notamos que os estudiosos propõem que as narrativas seguiriam algumas diretrizes metodológicas apresentando pontos em comum que tinham como intenção diferenciar aqueles textos considerados como história de escritos de outros gêneros, como os anais e que os próprios textos de história estavam longe de constituir um único padrão narrativo e metodológico.

Podemos observar que a maioria dos textos, autodenominados “história” ou “crônica” apresentam pontos em comum; por exemplo, a existência de um prólogo abrindo a obra é fator importante, é nesse prólogo que o autor mencionará qual o objetivo que pretende alcançar com a produção do texto e cita autores de referência. Nesse espaço o autor pode elencar as fontes que irá utilizar e delimitar a temporalidade e a espacialidade que serão abordadas. Em algumas obras é também no prólogo que o autor menciona quem teria encomendado o texto, quando há uma encomenda, e a quem ele seria dedicado. Ainda na abertura da narrativa o autor pode mencionar qual ordem teria escolhido estabelecer para seguir a composição do texto, uma sequência cronológica, uma divisão

---

<sup>1</sup>CHIBNALL, Marjorie (ed. e trad.). *The Historia Pontificalis of John of Salisbury*. Oxford: Oxford University Press Inc., 2002.

que se propõe a seguir os acontecimentos de determinado momento ou um personagem específico.

A escolha da *Historia Pontificalis* deu-se devido ao fato de que esse texto, apesar de ser obra de um autor célebre, tenha permanecido pouco estudado. A *Historia Pontificalis*, foi considerada uma continuação anônima da crônica de Sigeberto de Gembloux até 1873, quando foi atribuída a João de Salisbury, em um artigo a respeito de Arnaldo de Brescia<sup>2</sup>.

No entanto, somente em 1927, R. L. Poole<sup>3</sup> editou o texto pela primeira vez e, em seguida, em 1956, Marjorie Chibnall produziu uma edição bilíngue se baseando na edição anterior. Ambos, os editores, utilizavam e concordavam com a confirmação de autoria fornecida a partir do artigo sobre Arnaldo de Brescia.

A edição de Chibnall apresenta uma introdução ao documento, que nos fornece algumas das referências utilizadas pelo autor, além da datação dos acontecimentos narrados auxiliando na compreensão cronológica do texto e, por fim, também pontua as referências bíblicas e dos autores antigos citados ao longo da obra.

Somente em 1988, a tese de John Patrick McLoughlin a respeito de João de Salisbury<sup>4</sup>, abordou detalhadamente o problema da autoria da *Historia Pontificalis*, explicitando os possíveis objetivos do autor ao escrever o texto, a relação de João de Salisbury com Tomas Becket, as ligações do autor com a cúria papal. Entretanto, a obra não se encontra publicada e é de difícil acesso, e poucos são os estudiosos que citam McLoughlin. A maior parte dos trabalhos que tratam a respeito de João de Salisbury escolhem como objeto de análise o *Policraticus* e o *Metalogicon*.

João de Salisbury e sua obra sempre estiveram em debate. No entanto, alguns temas apresentados por sua obra foram mais trabalhados do que outros. Em 1980, Hans Liebeschütz<sup>5</sup>, publicou um livro tratando do humanismo medieval na vida e na obra de João de Salisbury, com especial ênfase para o *Policraticus*. Em 1984, um volume<sup>6</sup> foi

---

<sup>2</sup>GIESEBRECHT, W. von. **Arnold von Brescia**. In: Sitzungberichte der philosophisch-philologischen und historischen Classe der k.b. Akademie der Wissenschaft zu München, 1873.

<sup>3</sup>CHIBNALL, op. cit. p.xlviii.

<sup>4</sup>McLOUGHLIN, John Patrick. **John of Salisbury (c.1120-1180): The career and attitudes of a schoolman in church politics**. Ireland: Trinity College, 1988.

<sup>5</sup>LIEBESCHÜTZ, Hans. **Mediaeval Humanism in the life and writings of John of Salisbury**. Nendeln: Kraus, 1980.

<sup>6</sup>WILKS, Michael (ed.). **The World of John of Salisbury**. Ecclesiastical History Society: Blackwell, 1984.

lançado reunindo textos produzidos a partir de um congresso que aconteceu em 1980 em comemoração aos 800 anos da morte de João de Salisbury. O livro apresenta vinte e cinco artigos que tratam de variados assuntos, como da biografia de João de Salisbury, os trabalhos que foram publicados a seu respeito no período de 1953 até 1982, a influência de seu pensamento em outras obras e autores. Em 2015, uma obra<sup>7</sup> composta por diversos autores foi publicada tratando do autor e de seus escritos, sendo que apenas um capítulo<sup>8</sup> do livro é dedicado a escrita da *Historia Pontificalis*. Além do estudo de McLoughlin, em 1991 Yoko Hirata<sup>9</sup> defendeu uma tese sobre as cartas e os correspondentes de João de Salisbury. E nesse ano, 2018, o professor Carlile Lanzieri Júnior<sup>10</sup> publicou um livro que trata da pedagogia de João de Salisbury presente no *Metalogicon* juntamente com a de outros mestres do período.

Nesse cenário a escolha de documento e autor foi motivada pela pequena atenção dada ao problema da escrita da história na Idade Média em sua obra. Embora por vezes a obra seja citada como continuação da crônica de Sigeberto de Gembloux, essa afirmação tem suscitado poucos debates. Muitos escritos que citam a *Historia Pontificalis* acabam por utilizá-la como uma fonte para o conhecimento do período, mas não há a elaboração de uma análise da natureza narrativa do texto em si, sua metodologia, a constituição do prólogo, o tipo de eventos selecionados e a maneira como foram abordados, a dedicatória da obra e o público em cuja intenção foi escrita.

Em alguns casos, entretanto, é feita a aproximação da *Historia Pontificalis* com o *Liber Pontificalis*<sup>11</sup>, a obra editada por Duchesne se inicia com Pedro e segue até o papa Pio II em 1464, contudo, essa narrativa apresenta uma estrutura diferente, por ter sido elaborada por diversos autores, em alguns momentos contendo apenas os nomes dos papas e a duração de seus pontificados, apresentando pequenas biografias e notas históricas resumidas e em outros apresentando longas narrativas. O *Liber Pontificalis*

---

<sup>7</sup>GRELLARD, Christophe e LACHAUD, Frédérique (eds.). **A Companion to John of Salisbury**. Leiden: Brill, 2015.

<sup>8</sup>MONAGLE, Clare. **John of Salisbury and the Writing of History**. In: GRELLARD e LACHAUD, op. cit. pp.215-234.

<sup>9</sup>HIRATA, Yoko. **John of Salisbury and his Correspondents: a study of the epistolary relationships between John of Salisbury and his Correspondents (3v)**. Universidade de Sheffield, 1991.

<sup>10</sup>LANZIERI, Carlile. **Homens de Pedra. Tradição, memória e harmonia na pedagogia de João de Salisbury e outros mestre medievais**. Universidade Federal de Mato Grosso, 2018.

<sup>11</sup>DUCHESNE, L. **Le liber pontificalis (3v)**. Paris: Boccard, 1981.

pode ser entendido como um texto em processo e por isso apresenta difícil definição de categoria, seria um texto de história, uma crônica ou uma grande biografia dos papas?

A intenção de João de Salisbury não era a mesma. Ele escreveu a memória dos anos passados junto à cúria papal, construindo uma narrativa dos acontecimentos de que o papa participou, e colocando seu ponto de vista sobre alguns eventos e posicionamentos do pontífice, como ao mencionar porque, para ele, muitas das decisões tomadas por Eugênio III teriam sido suspensas depois de sua morte, incluir uma explicação da teologia de Gilberto de Poitiers e narrar eventos a respeito de Teobaldo de Canterbury.

O presente trabalho tem como objetivo analisar o documento à luz de questões que foram colocadas pelos estudiosos da escrita histórica medieval. As colocações apresentadas por Bernard Guenée tanto na obra *Histoire et culture historique dans l'Occident médiéval*<sup>12</sup>, quanto no artigo, *L'écho d'un prologue*<sup>13</sup>, os pontos levantados por Antonia Gransden em seu livro, *Legends, traditions and History in Medieval England*<sup>14</sup>, dentre outros que serão citados ao longo do texto formaram a base da argumentação desenvolvida.

Pretendemos, no primeiro capítulo, abordar os textos que tratam da escrita da história na Idade Média, e investigar quais elementos textuais se encontram em um texto que se denomina como história, como esses elementos são trabalhados pelo autor na obra, e como a obra de João de Salisbury foi classificada por alguns estudiosos. O segundo capítulo irá trazer uma apresentação do autor e de suas obras, além da apresentação do documento, da tradição manuscrita, da questão da autoria e da datação. O terceiro capítulo é dedicado à análise do documento, tomando como ponto de partida alguns critérios como a apresentação do prólogo na obra, quais eventos o autor escolheu narrar, se o texto se encontra dentro de uma tradição de escrita da história, quais são os personagens de maior destaque da obra. As considerações finais terão como objetivo fechar o texto com as conclusões que puderam ser estabelecidas a partir da pesquisa, das leituras e do trabalho desenvolvido como um todo.

---

<sup>12</sup>GUENÉE, Bernard. **Histoire et culture historique dans l'Occident médiéval**. Paris: Aubier Montaigne, 1980.

<sup>13</sup>GUENÉE, Bernard. **L'écho d'un prologue: de Guillaume de Tyr à Michel Pintoin**. In: CHAZAN, Mireille e DAHAN, Gilbert (orgs.). **La méthode critique au Moyen Âge**. Turnhout: Brepols, 2006.

<sup>14</sup>GRANSDEN, Antonia. **Legends, traditions and History in Medieval England**. Londres: The Hambledon Press, 1992.

## Capítulo I

### O texto de História na Idade Média

A forma como se escreve História na Idade Média remonta à Antiguidade, sendo entendida como um exercício de recontar eventos e narrar o que passou, podendo se movimentar por definições mais amplas ou mais diretas. Muitas vezes os autores apontam nos prólogos qual a definição de história que estariam seguindo ou como compreendem os usos de um texto de história. No período medieval era comum que os textos de história fossem utilizados como fonte de modelos a serem seguidos ou evitados<sup>15</sup>.

Para Bernard Guenée<sup>16</sup>, ao se elaborar um trabalho de história na Idade Média era preciso estar atento a quatro questões: (i) a documentação que o autor iria utilizar, (ii) a temporalidade a ser trabalhada, por exemplo a história universal que ia do começo dos tempos ao presente do escritor ou se propor a continuar uma crônica que já era conhecida, caso escolhido por João de Salisbury, que se denominou continuador da obra de Sigeberto de Gembloux, (iii) o espaço sobre o qual ele iria escrever, podendo ser geográfico com a escolha de um território específico, ou como em João de Salisbury uma circunscrição eclesiástica como o papado em oposição à escolha de Sigeberto de Gembloux, o império, (iv) e por fim o gênero escolhido - anais que seguiriam ano a ano elencando os acontecimentos de maior importância, ou crônicas e histórias que apresentariam narrativas mais longas e elaboradas.

Para Justin Lake<sup>17</sup>, quando analisamos um texto de história composto na Idade Média o que precisamos levar em conta acerca da escrita são três pontos: (i) o gênero e função da obra, (ii) a audiência e o contexto da escrita, (iii) e o valor do prólogo como evidência de intenção autoral. O autor também pontua que a história na Idade Média possuía uma coleção de subgêneros – anais, crônicas, narrativas históricas, biografias, genealogias, gestas, catálogos -, e as fronteiras entre algumas delas não estavam claramente estabelecidas. A este respeito, podemos notar que na obra de João de Salisbury, o autor faz uso tanto do termo crônica (*cronicis*) quanto história (*hystoriam*) sem fazer distinção entre eles<sup>18</sup> e sem defini-los separadamente.

---

<sup>15</sup>GUENÉE, *Histoire et culture historique...* op. cit, pp.18-19.

<sup>16</sup>Idem.

<sup>17</sup>LAKE, Justin. *Authorial Intention in Medieval Historiography*. History Compass, 2014.

<sup>18</sup>Ibidem, pp.344-345.

Ao analisarmos um texto de história composto na Idade Média precisamos estar atentos a descrição feita pelo autor no começo da obra. A tradição medieval dos prólogos literários possui raízes nos “tempos” gregos e romanos. É no prólogo que o autor se apresenta ao leitor, e tenta estabelecer um estado de espírito receptivo. É também no prólogo que o autor informa a proposta e o escopo do trabalho e faz a demonstração de suas habilidades retóricas. Para alcançar esse fim ele se vale de uma variedade de lugares comuns literários, conhecidos como *topoi*<sup>19</sup>.

Usualmente o prólogo dedica o trabalho a uma pessoa importante, e frequentemente afirma que essa pessoa, ou algum outro sujeito, ordenou ou persuadiu o autor a compor o texto. Em seguida, o autor tenta conquistar o leitor com uma declaração de modéstia. Como um lugar comum, ele promete que irá escrever brevemente e em estilo simples e até mesmo rústico. E algumas vezes menciona o trabalho de historiadores anteriores, assim demonstrando seus ensinamentos e discutindo suas fontes. Frequentemente, o historiador declara que seu propósito é preservar a memória dos feitos passados para proveito da posteridade<sup>20</sup>. Para Guenée é no prólogo que o historiador menciona quem ele acredita ser e que história ele tem a pretensão de compor<sup>21</sup>.

O prólogo é de grande importância para a compreensão total da obra e também para explicitar o sentido e o direcionamento que o autor pretende dar ao texto. Alguns autores aproveitam esse espaço para indicar qual método estariam seguindo, quais escritos teriam consultado e como fariam uso das fontes que possuíam disponíveis<sup>22</sup>. O autor coloca muito de si mesmo no prólogo, e atribui importância ao texto ao inseri-lo junto a determinada tradição, por exemplo, como continuador de um texto que já seria reconhecido no momento.

A respeito das fontes que estariam disponíveis, os historiadores da Idade Média sabiam que possuíam três categorias delas à disposição: o que eles viram, o que eles teriam compreendido do que havia sido mencionado por testemunhos confiáveis e o que

---

<sup>19</sup>GRANSDEN, op. cit. p.125.

<sup>20</sup>GRANSDEN, op. cit. pp.125-126.

<sup>21</sup>GUENÉE, Bernard. **L’histoire entre l’éloquence et la Science. Quelques remarques sur le prologue de Guillaume de Malmesbury à ses *Gesta Regum Anglorum***. In: Comptes rendus des séances de l’Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, 126e année, n.2, 1982, pp.357-370.

<sup>22</sup>TEIXEIRA, Igor S. e BASSI, Rafael (org.). **A Escrita da História na Idade Média**. Rio Grande do Sul: Oikos, 2016. p.170.

eles teriam lido<sup>23</sup>. Na Idade Média, o testemunho ocular possuía maior autoridade do que o escrito. Muitos historiadores, sobretudo a partir do século XII começaram a elaborar uma lista das fontes que teriam consultado no prólogo das obras<sup>24</sup>.

Também era comum os autores escreverem nos prólogos que tinham como pretensão compor uma narrativa ordenada, mas sem especificarem qual seria o significado de ordenada, para alguns a ordem cronológica seria a ordem legítima, mas nem sempre ela era seguida. A cronologia, no entanto, estaria diretamente ligada com a verdade histórica, para ter validade histórica um determinado evento deveria estar corretamente datado<sup>25</sup>.

Nos séculos X e XI, não há praticamente nenhum prólogo de obra histórica que não tenha o formato de uma carta dedicatória, na qual, o autor se dirige a um protetor e faz dele o leitor privilegiado do texto<sup>26</sup>. A partir, do século XII começa a se tornar comum que o prólogo anuncie a metodologia que o autor pretendia seguir e também por qual evento iria iniciar a narrativa<sup>27</sup>.

Bernard Guenée, reconhece que a importância de uma obra na Idade Média estaria muito mais ligada a originalidade do conteúdo que ela apresenta do que a difusão que teria alcançado, a influência que uma obra exerce em outros autores e em outros escritos pode ser maior do que o sucesso, em número de manuscritos, alcançado<sup>28</sup>.

O século XII foi, de fato, a era de ouro da historiografia na Inglaterra assim como em alguns lugares da Europa, nesse momento de auge a historiografia pretendia preservar o passado para a posteridade<sup>29</sup>. Ao se inserir na narrativa ao lado dos personagens de sua história o historiador também se elegia como objeto de memória para as gerações futuras ao construir para si a reputação de um bom orador<sup>30</sup>.

---

<sup>23</sup>CHAZAN, Mireille. **La méthode critique des historiens dans les chroniques universelles médiévales.** In: CHAZAN, Mireille e DAHAN, Gilbert (orgs.). **La méthode critique au Moyen Âge.** Turnhout: Brepols, 2006, p.229.

<sup>24</sup>Op. cit, p.238.

<sup>25</sup>GRANSDEN, op. cit, p.142.

<sup>26</sup>GUENÉE, **L'histoire entre l'éloquence et la Science.** op. cit, pp.360-361.

<sup>27</sup>BOURGAIN, Pascale. **Les prologues des textes narratifs.** In: CHAZAN e DAHAN, op. cit, p.258.

<sup>28</sup>GUENÉE, **Histoire et culture historique...** op. cit, p.274.

<sup>29</sup>GRANSDEN, op. cit, p.134.

<sup>30</sup>ALMEIDA, Néri de Barros e TORRE, Robson Della. **A História Eclesiástica de Eusébio de Cesaréia frente à tradição historiográfica clássica.** In: TEIXEIRA, Igor S. e BASSI, Rafael, op. cit, p.20.

### **A crônica de Sigeberto de Gembloux**

João de Salisbury se apresenta no prólogo da obra como um continuador da crônica de Sigeberto de Gembloux. Por isso, antes de analisarmos o documento, falaremos a respeito dessa crônica.

Sigeberto de Gembloux produziu duas versões do seu texto, a primeira em 1088, que abordava o período de 381 a 1084. Em seguida, teria corrigido, completado e continuado o texto, chegando até o ano de 1111 e a descrição da coroação de Henrique V. A segunda versão aparece após a morte de Sigeberto em 1112, aumentada, por Anselmo de Gembloux, continuador do escrito, narrando os eventos de 1112 e apresentando um elogio fúnebre a Sigeberto<sup>31</sup>.

Ao compor o texto o autor sofre a influência das obras de Eusébio de Cesaréia e São Jerônimo, e sua crônica aparece como a principal fonte a respeito do Império no período compreendido entre 381-1112. Segundo o autor, as principais referências da obra foram esses dois autores e também Beda, considerado modelo de fonte e autoridade para Sigeberto<sup>32</sup>. A crônica é orientada por uma concepção de mundo centrada na existência e na necessidade de um Império.

É conhecida a existência de quarenta e dois manuscritos da crônica de Sigeberto, compreendendo desde o manuscrito original de Gembloux, o total desses manuscritos se encontra dividido entre os séculos XII e XIV. A esse número podemos acrescentar quinze manuscritos assinalados por copistas e citados nos catálogos de bibliotecas medievais ou descritos por antiquários dos séculos XVII e XVIII. Há um número de interpolações ou de continuações que revelam a existência de nove manuscritos suplementares, o que nos leva ao total de sessenta e seis manuscritos no total<sup>33</sup>.

Muitos cronistas do período se apresentaram como continuadores da crônica de Sigeberto de Gembloux, dentre eles podemos mencionar: Anselmo de Gembloux, Roberto de Auxerre, Roberto de Torigni e o próprio João de Salisbury, mas eles nem sempre seguiram os planos traçados pelo autor, mas delegavam importância a eventos e localidades por eles elegidos como primordiais, indicando que a escrita da história, nesse momento, estava relacionada aos acontecimentos vivenciados e testemunhados pelo autor

---

<sup>31</sup>CHAZAN, Mireille, **L'Empire et l'histoire universelle de Sigebert de Gembloux à Jean de Saint-Victor (XIIIe-XIVe siècle)**. Paris: Honoré Champion, 1999, p.109.

<sup>32</sup>CHAZAN, op. cit, p.103.

<sup>33</sup>CHAZAN, op. cit, p.311.

que escreve, e que também possuíam como intenção informar e agradar ao público ao qual sua obra se dirigia. Dessa maneira, podemos notar nos textos um destaque para uma região ou assunto específico em detrimento de outros<sup>34</sup>, sendo essa uma metodologia comum aos textos de história que buscam narrar e informar questões que são mais relevantes ao autor, ao seu tempo e ao público a que se dirige.

Segundo a classificação proposta por Bernard Guenée para o sucesso ou não de uma crônica, podemos dizer que o escrito de Sigeberto obteve grande sucesso<sup>35</sup>. Segundo Guenée, o sucesso de uma crônica seria apontado pelo número de manuscritos produzidos, quanto maior o número de manuscritos maior o sucesso da obra. Desse modo, notamos que, para Guenée, importância e sucesso são verificados de formas distintas.

A partir do que se conhece a respeito da difusão desses manuscritos, é incontestável que o sucesso da crônica de Sigeberto de Gembloux é, sobretudo, francês, porque dos quarenta e dois manuscritos existentes, podemos retirar nove que são de proveniência desconhecida, cinco foram copiados no Império, dois na Inglaterra e vinte e seis na França<sup>36</sup>.

O sucesso da crônica foi, sobretudo, um sucesso do século XII, como podemos observar a partir dos números de manuscritos divididos entre os séculos XII e XVI:

- Século XII: 21 manuscritos;
- Século XIII: 10 manuscritos;
- Século XIV: 4 manuscritos;
- Século XV: 5 manuscritos;
- Século XVI: 2 manuscritos.

João de Salisbury, ao tecer comentários a respeito da crônica de Sigeberto, combina elogio e crítica, para ele a característica imperial do escrito não passou despercebida, assim como seu tom antiregociano<sup>37</sup>. João de Salisbury estaria escrevendo em 1164, em pleno cisma papal, e no momento em que o Concílio de Tours

---

<sup>34</sup>CHAZAN, L'Empire et l'histoire universelle... op. cit, p.317.

<sup>35</sup>CHAZAN, op. cit, p.312.

<sup>36</sup>Idem. O Anexo I apresenta um mapa dos manuscritos da crônica de Sigeberto de Gembloux nos séculos XII e XIII no reino da França, reproduzido a partir de CHAZAN, op. cit, p.313.

<sup>37</sup>"Fuit tamen sollicitus multorum percurrere momenta regnorum, set in hiis amplius et diligentius studuit immorari, que ad suos Teutones pertinere noscuntur. Quorum etiam fauore cronicis suis nonnulla inseruisse uisus est, que uidentur ecclesie Romane priuilegiis obuiare, et sanctorum traditionibus patrum." In: CHIBNALL, op. cit, p.3.

viria excomungar o papa imperial Vítor IV, e também no mesmo ano que Frederico Barbarossa faria eleger o papa Pascoal III. Partidário de Alexandre III e hostil à toda tentativa de o império intervir diretamente nos assuntos da Igreja, João de Salisbury foi capaz de perceber claramente a orientação política da crônica de Sigeberto, o que, por outro lado, não o impede de reconhecer as qualidades da mesma: em especial o lugar que ocupa na história dos reinos<sup>38</sup>.

As características da crônica de Sigeberto, no que diz respeito as relações entre os papas e os imperadores não passou despercebida também para os autores que a utilizaram. Ao tecer a crítica ao escrito de Sigeberto o autor, João de Salisbury, menciona que mesmo se considerando seu continuador irá adicionar a sua obra pontos omitidos e que poderiam ser úteis para aqueles que conduziam os assuntos da Igreja<sup>39</sup>. Dessa maneira, ao tecer seus comentários sobre a crônica de Sigeberto, João de Salisbury situaria seu escrito em um lugar diferente do de seu antecessor, os escritos estariam colocados em posições opostas.

### ***A Historia Pontificalis de João de Salisbury***

Nossa intenção é compreender e demonstrar se a *Historia Pontificalis* pode ser entendida como um texto de história composto no século XII, para isso observaremos as definições que estudiosos fizeram a respeito do texto.

Bernard Guenée em sua obra que trata a respeito dos textos, crônicas e histórias compostos durante a Idade Média, classifica a obra de João de Salisbury como tendo obtido pouco sucesso, pois, como Guenée pontua, podemos atestar a existência de um único manuscrito fragmentário da narrativa. Apesar de apresentar os mesmos objetivos dos cronistas que o precederam difere da crônica de Sigeberto de Gembloux, que conheceu ampla difusão<sup>40</sup>.

John Patrick McLoughlin em sua tese considera a obra de João de Salisbury como apresentando uma defesa dos direitos do papado, sendo que isso demonstra uma relação direta com os acontecimentos que tinham lugar no momento da elaboração da narrativa.

---

<sup>38</sup>CHAZAN, op. cit. p.401.

<sup>39</sup>“[...] ordimur nostram, subtexentes ea que ab illo constat fuisse pretérta, et ecclesiasticis negotiis adminiculari posse creduntur. ”. In: CHIBNALL, op. cit. p.4.

<sup>40</sup>GUENÉE, *Histoire et culture historique...* op. cit. p.275.

Escrever sobre os assuntos que tocam a cúria papal era o objetivo do autor, o que está exposto no prólogo, e aparece ao longo do texto.

Além, de defender os direitos do papado o escrito também tece uma apologia a Teobaldo de Canterbury, ele é retratado como um arcebispo obediente e devotado ao papa, em determinados momentos agindo contra determinações reais para atender aos pedidos do pontífice. Por escrever tanto em um momento de exílio quanto em um momento com a existência de dois papas, apresentar uma defesa do que seria o papado legítimo e a boa conduta perante o papa do arcebispo de Canterbury são questões importantes para João de Salisbury.<sup>41</sup>

Antonia Gransden em seu livro a respeito dos escritos ingleses considera a *Historia Pontificalis* como texto de história, sendo um dos poucos que teriam sido compostos na primeira metade do reinado de Henrique II. A autora o entende apenas como uma história papal dos anos de 1148 a 1152 estando pouco preocupado com assuntos ingleses<sup>42</sup>. Diferentemente de McLoughlin que observa toda uma defesa dos posicionamentos tomados pelo arcebispo de Canterbury dentro da obra.

Christopher Brooke<sup>43</sup> observa a *Historia Pontificalis* sobretudo como um trabalho não finalizado, meio satírico, meio sério que compõe um ensaio de história visto a partir da cúria papal. Para Brooke os escritos de João de Salisbury mostram seu mundo, e em todos eles há um jogo, que o autor menciona como sendo de complexa ironia, entre os assuntos e as pessoas que estão sendo retratadas. Na *Historia Pontificalis* o tom satírico aparece, principalmente, quando João de Salisbury escreve sobre assuntos referentes ao papa, o pontífice é retratado como mudando de personalidade ao lidar com casos de pedido de anulação de casamentos, mas em outros eventos é retratado como sendo um homem sério. Nesses momentos, de resoluções sobre pedidos de anulação de casamentos, em especial, segundo João, apresentava uma sensibilidade exacerbada, como chorar demais ou se prostrar diante de seu requerente.

Arsenio Frugoni<sup>44</sup>, em seu trabalho dedicado a Arnaldo de Brescia e aos autores que escreveram sobre ele durante a Idade Média, considera o manuscrito da *Historia*

---

<sup>41</sup>McLOUGHLIN, op. cit. p.161.

<sup>42</sup>GRANSDEN, Antonia. **Historical writing in England**. Londres: Routledge, 1996. p.219.

<sup>43</sup>BROOKE, Christopher. **John of Salisbury and his world**. Studies in Church History. Subsidia, número 3, 1994. p.9.

<sup>44</sup>FRUGONI, Arsenio. **Arnaud de Brescia dans les sources du XIIe siècle**. Paris: Les Belles Lettres, 2004. p.103.

*Pontificalis*, como um fragmento, podendo ser apenas analisado como tal. A partir da análise desse fragmento o texto se reduziria a uma vida do papa Eugênio III e não seria entendido como uma história *pontificalis*.

Bert Roest ao escrever sobre histórias institucionais compostas na Idade Média, definidas como escritos históricos oficiais ou não oficiais de e para instituições religiosas medievais, propõe três categorias para agrupar esses textos: histórias monásticas, histórias episcopais e historiografia mendicante. Dessa maneira, classifica a obra de João de Salisbury como fazendo parte das histórias episcopais institucionais, assim como o *Liber Pontificalis*. No entanto, o texto de João de Salisbury não se apresenta naquele que seria o formato original das histórias episcopais, pois ele pode ser dividido em duas partes, apresentando uma biografia papal com uma crônica a respeito do pontífice<sup>45</sup>. Apesar de apresentar uma crônica a respeito do papa não concordamos com a presença de uma biografia papal, em nenhum momento João de Salisbury se mostra preocupado em biografar a vida de Eugênio III.

Para Wim Verball<sup>46</sup> ao tratar do Concílio de Reims Verball menciona que a narrativa de João de Salisbury a respeito desse evento, que por décadas não foi contestada, sendo tomada como fonte histórica por excelência, escrita a partir do relato de um autor que esteve presente no acontecimento, precisa ser questionada, pois o objetivo de João de Salisbury, segundo Verball, em resumo, era o de demonstrar a fraca liderança de Eugênio III e a superioridade intelectual de Gilberto de Poitiers, partindo desse objetivo o autor fez escolhas ao descrever o acontecimento, tendo assim, favorecido a imagem do bispo de Poitiers. A narrativa do concílio precisa ser questionada, assim como, a imagem do pontífice, pois para atingir seu objetivo João de Salisbury teria descrito os personagens de forma conveniente para demonstrar seu ponto de vista. Apesar da pouca atuação de Eugênio III no momento de disputa entre Gilberto de Poitiers e Bernardo de Claraval, em outros momentos da narrativa a liderança do papa de faz atuante.

Ronald Pepin exemplifica que apesar de João de Salisbury pontuar no prólogo da *Historia Pontificalis* que sua obra tem como pretensão abordar assuntos pertinentes a história papal e reiterar esse ponto no capítulo XV<sup>47</sup>, Pepin, considera que o texto não

---

<sup>45</sup>ROEST, Bert. **Later Medieval Institutional History**. In: DELIYANNIS, Deborah Mausekopf (ed.). **Historiography in the middle ages**. Boston: Brill, 2003.

<sup>46</sup>VERBALL, Wim. **The Council of Sens reconsidered: Masters, Monks, or Judges?** Church History, volume 74, número 3, 2005. pp. 464-465.

<sup>47</sup>"*Superest ut ad pontificalem redeamus hystoriam*. " In: CHIBNALL, op. cit, p.41.

configura uma história convencional do papado. Para ele, a *Historia Pontificalis* está repleta de um “humor” refinado, em especial nas descrições do perfil dos personagens, essa característica corrobora com as colocações de Christopher Brooke, em especial, com relação ao tom satírico e de “humor” refinado da obra, particularmente no momento da descrição de Eugênio III lidando com os casos de pedido de anulação de casamentos levados a ele. Ronald Pepin, também, observa que o trabalho de João de Salisbury apresenta como estilo a moderação, o autor insiste em *moderatio*, *modestia* e *frugalitas* em todos os seus trabalhos, expondo que os excessos não são considerados como o modo correto de agir<sup>48</sup>.

Por fim, para Clare Monagle ao analisar a disputa entre Bernardo de Claraval e Gilberto de Poitiers tanto na obra de João de Salisbury quanto na obra de Otto de Freising, a autora considera ambos os textos como histórias administrativas, pois os autores estavam interessados em abordar estratégias de liderança e de governo, extrapolando as obras de seus protagonistas, o papa Eugênio III no primeiro caso, e Frederico Barbarossa no segundo.

Contudo, também, classifica a obra de João de Salisbury como uma história burocrática que busca traçar a rotina diária da administração de Eugênio III, o papa é retratado em diversas atividades: negociando com nobres que teriam requisitado a anulação de seus casamentos, supervisionando o Concílio de Reims. O trabalho do papa como descrito por João de Salisbury seria o de negociar um compromisso entre facções divididas, no começo de cada incidente o papa ouve a petição de ambos os lados da disputa e depois toma sua decisão.

Para Monagle a *Historia Pontificalis* é uma história das dificuldades experimentadas pelo papa em tomar decisões apropriadas e as reforçar<sup>49</sup>. Para a autora a obra é composta a partir de uma mistura de história, política e teologia o que para os leitores e historiadores modernos pode parecer estranho. Há no texto de João de Salisbury uma combinação entre o abstrato e o concreto que em alguns momentos podem parecer ininteligível<sup>50</sup>, por exemplo ao inserir dois capítulos na narrativa que tratam a respeito da

---

<sup>48</sup>PEPIN, Ronald E. **John of Salisbury as a Writer**. In: GRELLARD e LACHAUD, op. cit. p.167.

<sup>49</sup>MONAGLE, Clare. **The trial of Ideas: Two Telling of the Trial of Gilbert of Poitiers**. Viator: Medieval and Renaissance Studies, volume 35, 2004, p.126.

<sup>50</sup>MONAGLE. Idem, p.115.

teologia de Gilberto de Poitiers, deixando a descrição dos acontecimentos do período de lado por um momento.

Em outro texto<sup>51</sup>, Monagle observa três momentos da obra, o prólogo, a disputa entre Gilberto de Poitiers e Bernardo de Claraval e a Segunda Cruzada, a partir da análise desses trechos a autora pontua que a história de João de Salisbury possuía uma motivação pedagógica<sup>52</sup>, algo comum no período, quando os textos estavam repletos de exemplos a serem seguidos, e possuem a intenção de serem visto como modelos para trabalhos futuros.

Consideramos a obra de João de Salisbury como um texto de história, pois ele apresenta elementos textuais que eram pertinentes aos textos compostos no período, como a existência de um prólogo, que menciona o que para o autor seria compor um texto de história, quais as fontes foram utilizadas, como se deu a escolha pela narrativa dos eventos, no entanto, não entendemos como uma história do papado, pois apesar do papa, Eugênio III, ser o personagem central da obra, outras questões são importantes para o autor, como aquelas envolvendo Teobaldo de Canterbury, assim concordamos com Marjorie Chibnall, que considera o texto como uma narrativa das memórias da cúria papal. Contudo, entendemos que o título de *pontificalis* pode ter sido utilizado para situar o texto em um lugar oposto daquele da crônica de Sigeberto de Gembloux e também por apresentar relatos referentes a diversos homens da Igreja.

---

<sup>51</sup>MONAGLE, Clare. **John of Salisbury and the Writing of History**. In: GRELLARD e LACHAUD, op. cit.

<sup>52</sup>MONAGLE. Idem, p.215.

## Capítulo II

### João de Salisbury: vida e obras

Nascido na Inglaterra, entre 1115/1120, ainda jovem, aproximadamente no ano de 1136, João de Salisbury foi estudar em Paris, tendo passado quase 12 anos em escolas, tanto em Paris quanto em Chartres como descreve em seu *Metalogicon*<sup>53</sup>. Muito autores<sup>54</sup> escreveram a respeito desse capítulo autobiográfico da obra de João de Salisbury, tentando recompor os mestres e localidades pelas quais o autor teria passado. Esses anos de estudos podem ser divididos em quatro momentos:

- 1.) 1136-38: estuda lógica no Monte de Santa Genoveva, primeiramente com Pedro Abelardo e depois com os mestres Alberico de Reims e Roberto de Melun.
- 2.) 1138-41: estuda gramática com Guilherme de Conches, sendo esse o mestre principal, enquanto, esporadicamente, participava de outras classes e debates com outros mestres, como Ricardo, o Bispo, Hardewin, o Germânico, Teodorico de Chartres, Pedro Elias, Adão do Petit-Point e Guilherme de Soissons.
- 3.) 1141-1147/8: durante um ano, 1141-42, estudou com Gilberto de Poitiers até que esse se tornou bispo;
- 4.) 1147/8: então por mais um ano estuda teologia com Roberto de Pullen e por fim com Simão de Poissy até 1147/8<sup>55</sup>.

Os mestres Gilberto de Poitiers e Roberto de Melun aparecem na *Historia Pontificalis*, sendo que o primeiro ocupa lugar de destaque, por meio da narrativa detalhada de seu julgamento no Concílio de Reims, seguida de dois capítulos dedicados a apresentação e explicação de sua teologia. Nos capítulos, XIII e XIV, em que o autor está descrevendo a teologia de Gilberto de Poitiers, o que aparece no texto já teria sido desenvolvido no *Metalogicon*, os dois capítulos dedicados a teologia do bispo de Poitiers apresentam proximidades com os assuntos discutidos na obra<sup>56</sup>.

---

<sup>53</sup>McGARRY, Daniel (ed. e trad.). **The *Metalogicon* of John of Salisbury: a twelfth-century defense of the verbal and logical arts of the trivium**. Gloucester, Mass.: Peter Smith, 1962. pp.95-100. O anexo II apresenta uma tabela com as informações sobre os anos de estudo de João de Salisbury, as informações foram retiradas do *Metalogicon* e do texto de LANZIERI, Carlile. “De todas as coisas, a mais desejável é a sabedoria” Os mestres de João de Salisbury e o método educacional de Bernardo de Chartres no *Metalogicon* (século XII). Artigo cedido pelo autor.

<sup>54</sup>Mencionamos aqui quatro deles Richard Southern, Cédric Giraud, Constant Mews e Carlile Lanzieri.

<sup>55</sup>SOUTHERN, R. W. **Scholastic Humanism and the Unification of Europe. (v.I)**. Oxford, Reino Unido: Blackwell, 1997, pp.220-221.

<sup>56</sup>CHIBNALL, op. cit, p.32.

No final dos anos dedicados aos estudos, entre 1146-47, João de Salisbury estava vivendo em situação de penúria, como ele menciona na carta 33, endereçada ao amigo Pedro de Celle<sup>57</sup>, em agradecimento por tê-lo ajudado. Foi durante esses anos que obteve uma carta de recomendação de Bernardo de Claraval<sup>58</sup>, endereçada ao arcebispo Teobaldo de Canterbury, segundo McLoughlin teria sido Pedro de Celle quem recomendou João de Salisbury ao abade de Claraval<sup>59</sup>.

Para Southern, devido a esta carta João de Salisbury teria deixado Paris e se dirigido para Canterbury no outono de 1147. Assim estava com o arcebispo Teobaldo de Canterbury quando esse partiu secretamente da Inglaterra, em fevereiro de 1148, cumprindo a ordem papal de se apresentar no Concílio de Reims em março. Indo contra a deliberação do rei inglês, o arcebispo teria levado João de Salisbury junto consigo<sup>60</sup>.

A partir da colocação de Southern, podemos compreender a narrativa detalhada que João de Salisbury faz da fuga do arcebispo na *Historia Pontificalis*<sup>61</sup>, Southern, baseia seu argumento, de que o autor teria partido da Inglaterra juntamente com Teobaldo de Canterbury a partir dessa detalhada descrição. No entanto, para Hans Liebeschütz, João de Salisbury não teria utilizado a carta de recomendação. O que teria acontecido é que, provavelmente, durante uma visita do papa Eugênio a Paris, na primavera de 1147, uma oportunidade para se unir à cúria papal teria sido oferecida a ele, assim ele já se encontraria empregado com o papa em 1147, e teria permanecido no cargo até o final de 1153, sendo esse também o motivo, segundo o autor, pelo qual o período abordado na *Historia Pontificalis* se restringiria a esses seis anos<sup>62</sup>. Para Liebeschütz, João de Salisbury encontrou o papa no momento final de seus estudos, quando retornou ao Monte de Santa Genoveva, como menciona no *Metalogicon*.

Não é possível confirmar se João de Salisbury utilizou ou não a carta de recomendação redigida por Bernardo de Claraval, Liebeschütz e Southern partem de documentos diferentes para construir suas argumentações, mas o que podemos atestar

---

<sup>57</sup>MILLOR, W. J. e BUTLER, H. E. (eds.). **The Letters of John of Salisbury (v.I)**. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 2003, pp.55-58.

<sup>58</sup>ARANGUREN, Ináki e BALLANO, Mariano (eds. e trads.). **Obras completas de San Bernardo – Cartas**. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 2003. pp.1036-1039.

<sup>59</sup>McLOUGHLIN, op. cit, pp.119-120.

<sup>60</sup>SOUTHERN, R. W. **Scholastic Humanism and the Unification of Europe (v.II)**. Oxford: Reino Unido: Blackwell, 1997, pp.169-170.

<sup>61</sup>CHIBNALL, op. cit, pp.6-8.

<sup>62</sup>LIEBESCHÜTZ, op. cit. p.9.

é a participação do autor no Concílio de Reims. E discordando de Liebeschütz quando defende que a *Historia Pontificalis* trataria apenas do período de 1147 a 1153, penso que o documento que temos disponível se configura em um fragmento e por isso não podemos atestar até que momento o autor possuía a intenção de escrever.

Brenda Bolton sugere que João de Salisbury teria a intenção de apresentar o papa Adriano IV (1154-1159) como personagem principal da obra, devido, principalmente, ao fato de ser um papa inglês e da relação de proximidade que os dois mantinham<sup>63</sup>. Essa é uma hipótese difícil de verificar. Contudo, podemos observar que Adriano IV não aparece em nenhum momento da narrativa, nem mesmo como cardeal ou arcebispo.

Além disso, no prólogo da obra, o autor afirma que irá apresentar o breve relato dos acontecimentos que tocam a história papal omitindo tudo o que não diz respeito a ela e que irá escrever sobre tudo o que ele próprio testemunhou<sup>64</sup>. Ao observarmos com atenção os momentos em que João de Salisbury esteve presente na cúria papal, podemos notar, a partir de seus escritos, que até o ano de 1156 ele teria estabelecido contato.

Millor e Butler<sup>65</sup>, na edição das cartas de João de Salisbury mencionam que em sete ocasiões diferentes ele esteve na cúria papal, ocasiões essas que podemos verificar por meio de seus textos:

- 1.) Entre março e abril de 1148, no Concílio de Reims cujo relato está presente na *Historia Pontificalis*<sup>66</sup> e no *Policraticus*<sup>67</sup>.
- 2.) Entre novembro de 1149 e fevereiro de 1150, em Roma, no momento da visita de Henrique, bispo de Winchester<sup>68</sup>.
- 3.) No verão de 1150, na Apúlia, quando João de Salisbury esteve presente na resolução do caso de divórcio de Hugo de Molise<sup>69</sup>.
- 4.) Entre novembro de 1150 e o verão de 1151, em Ferentino<sup>70</sup>.

---

<sup>63</sup>BOLTON, Brenda. **Adrian IV, the English Pope, 1154-1159: studies and texts**. Aldershot, Hampshire, England; Burlington, VT: Ashgate, 2003, p.34.

<sup>64</sup>“(…) *omissis aliis, ea que ad pontificalem hystoriam pertinente (...). In hiis autem que dicturus sum nichil auctore Deo scribam, nisi quod uisu et auditu uerum esse cognouero.* ”. In: CHIBNALL, op. cit. pp.3-4.

<sup>65</sup>MILLOR e BUTLER, op. cit. pp.253-256.

<sup>66</sup>CHIBNALL, op. cit. pp.4-27.

<sup>67</sup>KEATS-ROHAN, K. S. B. (ed.). **Ioannis Saresberiensis Policraticus I-IV**. Turnholti: Brepols, 1993, p.129.

<sup>68</sup>CHIBNALL, op. cit. pp.78-80.

<sup>69</sup>CHIBNALL, op. cit. pp.80-82.

<sup>70</sup>NEDERMAN, op. cit. p.134.

- 5.) Na primavera de 1152, em Segni, quando a embaixada germânica teria ido anunciar a eleição de Frederico Barbarossa.
- 6.) Em dezembro de 1153, em Roma<sup>71</sup>.
- 7.) Entre novembro de 1155 e julho de 1156, por três meses, em Benevento com o papa Adriano IV<sup>72</sup> - assim observamos que Adriano IV aparece no *Policraticus*, mas não na *Historia Pontificalis*.

Em meados de 1156, João de Salisbury teria se indignado com as taxas impostas sobre os bens do clero inglês para subvencionar os gastos de uma campanha contra Toulouse, assim, despertando contra si a cólera de Henrique II que teria tentando obrigá-lo a deixar a corte<sup>73</sup>. Em uma carta endereçada a Pedro de Celle, João de Salisbury narra o começo dos desentendimentos com o rei e faz menção a uma possível partida da Inglaterra<sup>74</sup>. No entanto, ele permanece na terra natal, até partir para o exílio em 1164, mesmo diante da cólera do monarca, esperando por uma resolução para o caso.

Em uma nova carta para Pedro de Celle menciona quais teriam sido seus crimes, professar a liberdade e defender a verdade, e então redige uma explicação detalhada do porquê teria decidido permanecer na Inglaterra nesse momento<sup>75</sup>. Para ele deixar a ilha naquele momento poderia sugerir que era um fugitivo, se recusar a encontrar os caluniadores poderia demonstrar uma consciência culpada e não esperar uma resolução do soberano poderia expô-lo às leis de lesa majestade<sup>76</sup>.

---

<sup>71</sup>Podemos obter essa informação a partir de uma carta de Pedro de Celle endereçada a João de Salisbury – “*Ad dominum papam appellatus sum pro cemeterio Sancti Sereni de Cantumerula quod imminuere uel auferre nobis nititur canonicorum et abbatis nimis presumptuosa supervia, contra priuilegium Anastasii Pape quod tu ipse uidisti et partim fabricasti, contra ius antiquissimum nostrum, et Luce Euangeliste coartauit terminum quem ipsi perduxerant in primam Dominicam aduentus Domini. Causa ista tua est; cogita tanquam tuam, uel de tua. Non uadam, sed mittam iuxta consilium tuum.*”. In: HASELDINE, Julian (ed.). **The Letters of Peter of Celle**. Oxford: Clarendon Press, 2001. pp.311-312.

<sup>72</sup>NEDERMAN, op. cit, p.132.

<sup>73</sup>SENEILLART, Michel. **As artes de governar**. São Paulo: Editora 34, 2006, pp.139-140.

<sup>74</sup>“*Serenissimi domini, potentissimi regis, inuictissimi principis nostri tota in me incanduit indignatio. [...]. Cum admissi mei factum diligentius exprimunt [...]. Quod quis nomen Romanum apud nos inuocat, michi inponunt. Qod in electionibus celebrandis, in causis ecclesiasticis examinandis uel umbram libertatis audet sibi Anglorum ecclesia uendicare, michi inputatur, ac si dominum Cantuariensem et alios episcopos quid facere oporteat solus instruat. Hiis de causis totus concutior, quibus etiam urgentibus michi creditur exilium imminere. [...]* Vnde infra kalendas Ianuarias me opinor ab Anglia exiturum, et quidem habito consilio uestro, uel moraturum in Galliis uel inde ad Rom(anam) ecclesiam transiturum.”. In: MILLOR e BUTLER, op. cit, pp.31-32.

<sup>75</sup>MILLOR, op. cit, pp.49-51.

<sup>76</sup>“*Insulam egredi imaginem uidebatur habere diffugii; calumpniatorum declinare congressum esset ream conscientiam profiteri; principis non expectare conspectum caput meum laesae maiestatis obnoxium legibus faceret.*”. In; MILLOR e BUTLER, op. cit, p.50.

Nesse mesmo período, 1155-56, João de Salisbury esteve junto com Adriano IV em Benevento, ele levou a questão da Irlanda pertinente ao rei inglês para apreciação de Adriano<sup>77</sup>. O papa reconheceu o direito do monarca sobre a Irlanda, entregando-a como um presente papal, enquanto o rei considerava a sua supremacia sob a Irlanda como um direito. A partir desse desentendimento entre as duas autoridades João de Salisbury novamente teria caído em desgraça diante do rei, Henrique II.

Além dos desentendimentos com o rei, João de Salisbury também estava enfrentando problemas com o bispo de Lisieux, ele era amigo do rei e o autor suspeitava que tecia comentários desfavoráveis sobre si, como escreve em algumas cartas endereçadas a Adriano IV. Essas desavenças o levam a permanecer exilado em sua casa, banido da corte do rei e sem poder realizar as tarefas em Canterbury<sup>78</sup>. O bispo de Lisieux aparece na *Historia Pontificalis* em dois momentos distintos<sup>79</sup>, no capítulo que João de Salisbury está narrando acontecimentos referentes à Segunda Cruzada e no capítulo a respeito da sucessão ao trono inglês. Os dois relatos a respeito do bispo não lhe são favoráveis. Nesse mesmo ano, João de Salisbury, escreve uma carta ao papa Adriano IV narrando o fato de não poder deixar a Inglaterra, mas também como era difícil lá permanecer<sup>80</sup>.

No final de 1163 ou começo de 1164, João de Salisbury, deixou a ilha por razões que não são bem conhecidas. Ele teria a intenção de se encontrar com Henrique II, no final de abril ou começo de maio de 1166, quando esperava restabelecer a paz e voltar à Inglaterra<sup>81</sup>. Em 1169, escreve para o abade Engelbert, que nesse momento atuava como mediador papal<sup>82</sup>, explicando em poucas palavras o que entendia como o motivo de seu exílio:

A razão para o meu exílio em suma é esta: tenho assistido o Senhor de Canterbury de acordo com os meios em meu poder, mas estou certo de que não ofendi o rei da Inglaterra intencionalmente. Mas ele confiscou minhas posses e as de meus irmãos, e estou sofrendo como em um exílio. Eu não tenho nem armas, nem meios, nem amigos através dos quais eu possa obter o melhor de um rei (...)<sup>83</sup>.

<sup>77</sup>GRELLARD e LACHAUD, op. cit, p.10.

<sup>78</sup>NEDERMAN, op. cit, p.14.

<sup>79</sup>Capítulos XXIV e XLI.

<sup>80</sup>MILLOR, op. cit, p.30.

<sup>81</sup>NEDERMAN, op. cit, pp.29-31.

<sup>82</sup>LIEBESCHÜTZ, op. cit, pp.101-102.

<sup>83</sup>Não temos acesso a essa carta na versão latina, então copiamos aqui a versão inglesa do livro de Liebeschütz: "The reason for my exile in short is this: I have assisted the Lord of Canterbury according to the means in my power, but I am sure I have not offendend the King of England intentionally. But he has

Mediante esforços de amigos, a permissão real para que pudesse retornar à Inglaterra foi obtida. No entanto, existia uma condição, ele deveria afirmar que no período passado no continente não tinha feito nada de prejudicial para a honra do país. João de Salisbury acabou, por fim, retornando à Inglaterra em 1170, momento no qual foi estabelecido um período de paz<sup>84</sup>.

Possivelmente João de Salisbury teria esperado no começo de sua vida um patronato proveniente de Henrique II, da Inglaterra; e teria chegado perto dele quando enviado real e arquiépiscopal a Roma, em 1155-1156, onde negociou a aprovação do pontífice à invasão da Irlanda por Henrique. Em sua percepção negociou o evento tão bem que o papa “concedeu a Irlanda ao rei como presente do pontífice”, enquanto Henrique considerava a Irlanda como sua por direito. A partir dessa confusão entre os soberanos, João de Salisbury teria caído em desgraça perante Henrique. Com esse caso, a imagem do autor aos olhos desse monarca nunca mais teria se recuperado e, como podemos perceber ao longo de sua trajetória, não foram poucas as vezes em que o soberano teria lançado ataques contra ele. Mesmo no auge da crise de Tomas Becket, João de Salisbury ainda pedia e buscava uma reconciliação com o rei, mas seu destino imediato estaria mais intimamente ligado a Luís VII, rei dos Francos.

A elevação de João de Salisbury a bispo Chartres foi o resultado de um apadrinhamento de eclesiásticos do norte da França, em especial, Guilherme, irmão dos condes de Champagne e Blois e cunhado de Luís VII, que tinha sido bispo de Chartres, em 1165<sup>85</sup>. O interesse desses eclesiásticos franceses na eleição de João de Salisbury ocorreu devido à sua proximidade com o mártir Tomas Becket e com as relíquias que possuía, tanto de Becket quanto de outros santos. As relíquias de Becket, que foram levadas a Chartres por João de Salisbury, proporcionaram o surgimento de um culto inicial na França a Tomas Becket<sup>86</sup>.

O evento mais notável do curto período de João de Salisbury como bispo, que foi de 1176 a 1180, teria sido a reconciliação entre os reis da França e da Inglaterra, em 1177.

---

confiscated my possessions and those of my brothers, and I am suffering as an exile. I have neither weapons nor means nor friends through which I can get better of such a king or ward off the wrong which he does me and my kin at his pleasure.” In: LIEBESCHÜTZ, op. cit, pp.101-102.

<sup>84</sup>LIEBESCHÜTZ, op. cit, pp.104-105.

<sup>85</sup>BARRAU, Julie. **John of Salisbury as Ecclesiastical Administrator**. In: GRELLARD e LACHAUD, op. cit, p.120.

<sup>86</sup>BOLLERMANN, Karen e NEDERMAN, Cary J. **A Special Collectio: John of Salisbury's Relics of Saint Thomas Becket and Other Holy Martyrs**. Mediaevistik, vol.26, 2013.

João de Salisbury testemunhou a ocasião, na qual os dois soberanos teriam feito planos de uma Cruzada para resgatar a Terra Santa, embora os preparativos tenham sido ambiciosos a expedição conjunta nunca chegou a acontecer<sup>87</sup>. João de Salisbury permaneceu como bispo de Chartres até 1180, ano de sua morte.

## Obras

Para Clare Monagle João de Salisbury, ao compor seus textos, tinha uma preocupação com a questão da linguagem e da comunicação, como eram desenvolvidas e utilizadas tanto na corte real, quanto nas escolas e na cúria papal. Essa questão seria muito importante para o autor e aparece em três de seus trabalhos, *Policraticus*, *Metalogicon* e *Historia Pontificalis*.

Dentre suas obras podemos destacar o *Entheticus de Dogmate Philosophorum* (*Entheticus Maior*), que teria sido composto em dois momentos diferentes, a primeira parte teria sido escrita enquanto João de Salisbury era um estudante, nos anos de 1140, e o restante do poema dataria de meados dos anos 1150. Há indícios de que teria surgido como um exercício de gramática e a intenção do escrito seria a de instruir o leitor sobre a relação entre a razão humana e a verdade divina, apresentando um viés tanto didático quanto satírico.

O *Policraticus*<sup>88</sup> apresenta como subtítulo: *As Frivolidades dos Cortesãos e os Vestígios dos Filósofos*, foi composto em 1159 e é dedicado a Tomas Becket. Nessa obra o autor se utiliza dos *exempla* para construir a argumentação, a obra apresenta temas que versam sobre a teologia moral, sátira, especulação filosófica, procedimentos legais, autoconsolação, comentários bíblicos e meditação pessoal.

O *Metalogicon*, composto entre os anos de 1158-59, apresenta como tema central a defesa do estudo do *trivium*. João de Salisbury não pretendia expor um currículo escolar, apesar de dedicar parte da obra a seus anos de estudos e mestres, mas apresentar uma defesa da lógica, que para ele seria a ciência do falar e argumentar. O escrito fornece um testemunho particularmente importante não apenas sobre as escolas do século XII, mas sobre a visão do autor acerca dos ensinamentos que uma educação ideal deveria

---

<sup>87</sup>BROWN, M. Anthony. **John of Salisbury**. St. Bonaventure University – Franciscan Institute Publications: Franciscan Studies, volume 19, número 3/4, 1959, p.296.

<sup>88</sup>NEDERMAN, Cary J. (ed. e trad.). ***Policraticus, of the Frivolities of Courtiers and the Footprints of Philosophers***. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

fornecer<sup>89</sup>. João de Salisbury não quer nos informar sobre a cronologia dos seus estudos ou dos seus trabalhos nas escolas, mas sobre o que constituiria uma boa educação: aprendendo com diferentes professores, e não se limitando a apenas uma disciplina, reconsiderando, por vezes, o que alguns pensam e sabem<sup>90</sup>.

O autor apresenta entre seus escritos duas hagiografias, a *Vita Sancti Anselmi* escrita em 1163 que teria sido apresentada no Concílio de Tours para o papa Alexandre III. Pretendendo acelerar o processo de canonização de Anselmo de Canterbury, a hagiografia de João de Salisbury é extensivamente dependente da *Vita Anselmi* de Eadmer. E a *Vita Thomae* composta em 1171, que também tinha como intenção promover a canonização de Tomas Becket, composta a partir de uma carta de João de Salisbury, *Ex insperato*<sup>91</sup>, escrita logo após o assassinato de Becket e enviada a vários de seus amigos e contatos da igreja da França.

A partir da leitura do texto, podemos considerar que a *Vita Thomae* teria como intenção fazer uma apologia a Tomas Becket parecida com alguns capítulos da *Historia Pontificalis*, que fariam uma apologia a Teobaldo de Canterbury. As duas obras poderiam apresentar proximidade ao promoverem a apologia dos dois arcebispos de Canterbury com os quais João de Salisbury teve proximidade e trabalhou.

Além dessas obras, temos o conjunto de cartas compostas pelo autor que formam um material importante para entendermos seus contatos e suas opiniões em assuntos diversos, elas indicam as pessoas com quem João de Salisbury se relacionava e os eventos nos quais se encontrava envolvido.

As obras compostas por João de Salisbury, em especial, *Policraticus*, *Metalogicon* e *Historia Pontificalis* podem ser considerados como textos híbridos que conectam preceitos teológicos com ciência política, teoria educacional e história respectivamente<sup>92</sup>.

---

<sup>89</sup>GIRAUD, Cédric e MEWS, Constant. **John of Salisbury and the Schools of the 12th Century**. In: GRELLARD e LACHAUD, op. cit, p.32.

<sup>90</sup>Op. cit, p.37.

<sup>91</sup>MILOR, W. J. (ed.). **The Letters of John of Salisbury (v.II)**. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 2003, pp.725-739.

<sup>92</sup>MONAGLE, op. cit, p.2.

### Tradição manuscrita e autoria da *Historia Pontificalis*

A *Historia Pontificalis* sobreviveu em um único manuscrito, Bern Bürgerbibliothek 367, do século XIII, precedido por uma cópia da crônica de Sigeberto de Gembloux, com as adições de Anselmo de Gembloux e as *Continuatio Gemblacensis*. O manuscrito apresenta um final abrupto no começo do capítulo XLVI, deixando três colunas inteiras em branco.

Para Reginald Poole, primeiro editor da obra, o copista teria deixado o trabalho incompleto, e a narrativa de João de Salisbury seguiria até o final do papado de Eugênio III ou até o momento em que o autor teria deixado a cúria papal. No entanto, como Marjorie Chibnall argumenta, o fato de o copista ter deixado essas colunas em branco pode sugerir que tenha feito a cópia exata daquilo que tinha disponível. O fato de apresentar o fim do texto no começo da primeira sentença do capítulo XLVI pode sugerir que o escrito não teria sido revisado pelo autor<sup>93</sup>. Podemos mencionar que esse manuscrito é um fragmento, contudo, não encontramos indícios para definir se a obra foi deixada inacabada pelo autor ou se a cópia é que constituiria um fragmento.

Apenas em 1873, Wilhelm von Giesebrecht<sup>94</sup> sugeriu que o trabalho foi composto por João de Salisbury. Até esse momento o escrito era considerado como mais uma das continuações da crônica de Sigeberto de Gembloux, de autor anônimo. A frase em que a autoria da obra é conferida a João de Salisbury aparece em um artigo de Giesebrecht sobre Arnaldo de Brescia, uma sentença direta: “o único homem com conhecimento e experiência para ter escrito isso foi João de Salisbury.”<sup>95</sup>

A argumentação para essa autoria foi um pouco melhor desenvolvida em 1881 por Reinhold Pauli, mencionando que algumas das descrições dos eventos da corte papal são tão vívidos que eles só poderiam ter sido testemunhados pelo próprio João de Salisbury<sup>96</sup>, que esteve presente à maioria dos eventos narrados, mas ainda assim as colocações a respeito da autoria da obra eram muito pontuais, no entanto, eram aceitas. Até 1988, quando John Patrick McLoughlin desenvolveu de forma mais completa a questão da autoria.

---

<sup>93</sup>CHIBNALL, op. cit, p.xlvii.

<sup>94</sup>Historiador germânico e autor da primeira história geral medieval da Alemanha.

<sup>95</sup>GIESEBRECHT, W. von. **Arnold von Brescia**. In: Sitzungberichte der philosophisch-philologischen und historischen Classe der k.b. Akademie der Wissenschaft zu München, 1873.

<sup>96</sup>McLOUGHLIN, op. cit, p.128.

Para McLoughlin há seis evidências que confirmam a autoria da obra como sendo de João de Salisbury:

- 1.) Datação e proximidade do autor e do destinatário: o trabalho teria sido composto entre 1164 e 1170 e o autor e o destinatário da obra estariam vivendo próximos um do outro; o autor, ao se referir ao seu leitor, usa termos casuais<sup>97</sup>.
- 2.) O autor teria sido um clérigo do arcebispo Teobaldo de Canterbury: o tema principal da *Historia Pontificalis* são os assuntos referentes à Inglaterra e à Normandia, com especial ênfase sendo dada as atividades do arcebispo Teobaldo. O arcebispo é apresentado como sendo leal ao papado, o tratamento dispensado a ele é detalhado e simpático, ele aparece em 11 capítulos ao longo da obra, isso indicaria que o trabalho teria sido composto por alguém de seu círculo<sup>98</sup>.
- 3.) Presença do autor no Concílio de Reims em 1148: há riqueza de detalhes na narração do concílio, em três ocasiões o autor indica sua presença: capítulo VIII<sup>99</sup>, capítulo XI<sup>100</sup> e capítulo XII<sup>101</sup>. No *Policraticus* 2:22<sup>102</sup> João de Salisbury faz uma referência à ortodoxia de Gilberto de Poitiers, que foi discutida no mesmo concílio<sup>103</sup>.
- 4.) O autor estava interessado em assuntos teológicos e tinha grande respeito por Gilberto de Poitiers: o interesse do autor e de seus leitores em assuntos teológicos fica claro em dois capítulos, XIII e XIV, nos quais ele discute em detalhes as doutrinas trinitárias do bispo de Poitiers. Assim como o autor da *Historia Pontificalis*, João de Salisbury também admirava Gilberto de Poitiers, no *Metalogicon*, por duas vezes, o autor menciona o bispo<sup>104</sup>.
- 5.) O autor esteve na cúria papal continuamente ou intermitentemente durante o período de abril de 1149 até o verão de 1151: na obra há detalhes dos eventos que

---

<sup>97</sup>McLOUGHLIN, op. cit, pp.129-131.

<sup>98</sup>Op. cit, pp.131-133.

<sup>99</sup>“*Quod uidi loquor et scribo, sciens mihi apud Deum et homines conscientie et fame dispendium imminere, si falsitas presertim de re tanta fuerit in ore et opere me. Nec deerit qui redarguat mentientem: supersunt enim plures pleni fide et graues auctoritate uiri, quos huic uerbo interfuisse certissimum est.*”. In: CHIBNALL, op. cit, p.17.

<sup>100</sup>“*Vnde eadem capitula, licet ea audierim, utpote qui presens aderam, publicari, tamen nec inter acta concilii, nec in domini Eugenii regesto potui repperire [...]*”. In: CHIBNALL, op. cit. p.25.

<sup>101</sup>“*Memini me ipsum ex parte abbatis episcopum sollicitasse quatinus conuenirent in aliquo religioso loco [...]*”. In: CHIBNALL, op. cit, p.26.

<sup>102</sup>KEATS-ROHAN, op. cit, p.129.

<sup>103</sup>McLOUGHLIN, op. cit, pp.133-134.

<sup>104</sup>Op. cit, pp.135-136.

ocorreram na cúria nesse período, especialmente alguns eventos precisos que aconteceram enquanto a cúria esteve no sul da Itália;

- a.) A anulação do casamento de Hugo de Molise: a narração detalhada indica que o autor esteve presente na cúria nesses anos, ao final do capítulo o próprio atesta que esteve presente no processo de anulação<sup>105</sup>, esse evento teria acontecido no ou próximo ao reino da Sicília.
- b.) Henrique de Winchester em Roma: o modelo de narrativa desse capítulo<sup>106</sup> sugere a narrativa de um testemunho.
- c.) A cúria e a Sicília: a discussão das relações entre Eugênio III e Rogério II da Sicília, nos capítulos XXXII<sup>107</sup> e XXXIV<sup>108</sup>, são detalhadas e precisas indicando que devem ter sido baseadas em informações retiradas da própria cúria. O autor demonstra conhecer as condições da Sicília, deve ter estado na cúria nesse momento, ou teve acesso aos registros papais que tratam sobre esse assunto posteriormente.
- d.) Conclusões: a recordação detalhada de eventos da cúria papal entre abril de 1149 e março de 1151 e a evocação do “humor” da cúria indicam que o autor esteve com a mesma nesses momentos. Há pequenos erros de datação – capítulos II<sup>109</sup>, XIX<sup>110</sup>, XXIII<sup>111</sup>, XXVIII<sup>112</sup>, XXXI<sup>113</sup> -, mas eles podem ser explicados devido ao fato do trabalho ter sido composto anos após os acontecimentos. A presença do autor na cúria papal durante esses anos se encaixa com o que sabemos sobre as atividades de João de Salisbury, (i) a presença de João de Salisbury na Apulia no verão de 1150: no prólogo do livro III do *Metalogicon*<sup>114</sup> há menção de que viajou duas vezes para a Apulia, sabemos que a segunda viagem foi por três meses, entre novembro de 1155 e junho de 1156. Na carta 33<sup>115</sup>, de 1157 a Pedro de Celle, João de Salisbury menciona um evento que ocorreu em uma dessas visitas. (ii) João de Salisbury

---

<sup>105</sup> “*Hiis presens interfui, unde ea ad gloriam Dei et honorem tanti pontificis curavi diligentius enarrare.*”. In: CHIBNALL, op. cit, p.82.

<sup>106</sup>Op. cit, pp.78-80.

<sup>107</sup>Op. cit, pp.65-67.

<sup>108</sup>Op. cit, pp.68-69.

<sup>109</sup>Op. cit, pp.6-8.

<sup>110</sup>Op. cit, pp.47-49.

<sup>111</sup>Op. cit, pp.52-53.

<sup>112</sup>Op. cit, pp.60-61.

<sup>113</sup>Op. cit, pp.62-65.

<sup>114</sup>McGARRY, op. cit, p.142.

<sup>115</sup>MILLOR e BUTLER, op. cit, pp.55-58.

esteve em Ferentino, entre novembro de 1150 e julho de 1151: no *Policraticus* 6:24<sup>116</sup>, há a descrição de um evento com a presença de Eugênio na localidade, a única vez que o papa esteve em Ferentino foi nesse espaço de tempo<sup>117</sup>.

- 6.) Coincidência verbal entre a *Historia Pontificalis* e o *Policraticus*: essas coincidências podem indicar (i) que o autor das duas obras é o mesmo ou (ii) que o autor da *Historia Pontificalis* utilizou o *Policraticus*, (iii) ou ainda que os dois autores se basearem em uma fonte comum para compor suas obras<sup>118</sup>.

### Datação

A *Historia Pontificalis* foi composta entre 1164 e 1170, momento no qual João de Salisbury se encontrava no exílio, acolhido por seu amigo, Pedro de Celle. Mas podemos observar indícios de que a obra poderia ter sido composta em diferentes momentos, como a partir da leitura do prólogo, que pode indicar que os capítulos XIII e XIV não foram originalmente concebidos como parte do texto, porque no prólogo o autor escreve que irá tratar da história papal omitindo tudo o que não diz respeito a ela<sup>119</sup>. A partir dessa afirmação podemos pensar que João de Salisbury tinha a pretensão de excluir longas digressões e detalhadas discussões filosóficas e teológicas que estão presentes nesses dois capítulos.

Há discussões a respeito dessa datação e composição da narrativa. Para McLoughlin a decisão de incluir esses dois capítulos foi tomada após a escrita do prólogo, ele argumenta que as linhas de abertura do capítulo XV<sup>120</sup> confirmam essa decisão<sup>121</sup>. Marjorie Chibnall menciona que os capítulos XIII e XIV, em conjunto com o prólogo, possuem características comuns, o que, para ela, sugere que eles foram compostos em um mesmo período<sup>122</sup>. Com a leitura do documento temos a impressão de que os capítulos XIII e XIV que abordam as questões teológicas de Gilberto de Poitiers não faziam parte de um primeiro plano de escrita, mas foram adicionados ao texto para proveito de Pedro

<sup>116</sup>NEDERMAN, op. cit, p.134.

<sup>117</sup>McLOUGHLIN, op. cit, pp.136-145.

<sup>118</sup>Op. cit. pp,145-146.

<sup>119</sup>“[...] omissis aliis, ea que ad pontificalem hystoriam pertinent [...]”. In: CHIBNALL, op. cit, p.3.

<sup>120</sup>“Hec, amicorum karissime, diffusius fortasse quam ratio propositi exigebat prosecutus sum, tum ut hominem plenius noueris quem te uidisse gaudes et doles non audisse, tum ut tue satisfacerem uoluntati, edisserens intelligentiam quam prefatus episcopus in supra positis credebatur habere capitulis. Superest ut ad pontificalem redeamus hystoriam. ”. In: CHIBNALL, op. cit, p.41.

<sup>121</sup>McLOUGHLIN, op. cit, pp.146-148.

<sup>122</sup>CHIBNALL, op. cit, p.xxv.

de Celle e seu círculo, assim como demonstrado pela explicção dada por João de Salisbury no início do capítulo XV<sup>123</sup>.

---

<sup>123</sup>“*Hec, amicorum karissime, diffusius fortasse quam ratio propositi exigebat prosecutus sum, tum ut hominem plenius noueris quem te uidisse graudes et doles non audisse, tum ut tue satisfacerem uoluntati, edisserens intelligentiam quam prefatus episcopus in supra positis credebatur habere capitulis. Superest ut ad pontificalem redeamus hystoriam.*” In: CHIBNALL, op. cit, p.41.

### Capítulo III

#### ***Historia Pontificalis*: análise do documento**

O objetivo do capítulo é a partir da análise documental compreender o texto de João de Salisbury como um exemplar da história composto no século XII, para isso escolhemos pontos específicos do documento para serem analisados.

Podemos citar como exemplo o prólogo que traz elementos textuais importantes para compreender a obra e as pretensões do autor. Escolhemos também alguns personagens, como o papa Eugênio III, João de Salisbury se propõe a escrever sobre a história papal, então buscamos entender qual o papel de Eugênio na narrativa. Precisamos notar que João de Salisbury estava escrevendo a partir de uma perspectiva de conflito entre o rei inglês e o arcebispo de Canterbury, Tomas Becket, e a narrativa de conflito perpassa pela obra, em diversos momentos há a descrição de conflitos e a tentativa de resolução desses.

Os 46 capítulos<sup>124</sup> da *Historia Pontificalis* foram redigidos entre 1164-1170, no momento em que ocorria um cisma papal, desse forma, segundo McLoughlin a obra pode ser entendida como uma defesa do prestígio e dos direitos do papado, – os capítulos IX, X, XVIII, XIX, XXI e XXXVI – narram momentos em que poderiam ter acontecido cismas<sup>125</sup> dentro da Igreja.

No prólogo João de Salisbury menciona quais eram para ele os usos das crônicas, elas serviam para estabelecer ou abolir costumes e manter ou destruir privilégios<sup>126</sup>. Segundo McLoughlin essa questão é abordada nos acontecimentos que João escolhe narrar<sup>127</sup>entre os quais podemos citar:

- a.) Concílio de Reims<sup>128</sup>: descrição de reivindicações de primazia e também a explicação dos cânones que foram promulgados, mas sobre os quais ainda existiam dúvidas em relação a interpretação – cânones 2, 7 e 13.

---

<sup>124</sup>O anexo III apresenta uma tabela com todos os capítulos e temas abordados nesses para uma visualização mais rápida sempre que preciso.

<sup>125</sup>Escolhemos utilizar o termo cisma, pois é como aparece no documento.

<sup>126</sup>“*Valet etiam noticia cronicorum ad statuendas uel euacuandas prescriptiones et priuilegia roboranda uel infirmanda [...]*”. In: CHIBNALL, op. cit, p.3.

<sup>127</sup>McLOUGHLIN, op. cit, pp.173-174.

<sup>128</sup>CHIBNALL, op. cit, pp.4-11.

- b.) Concílio de Cremona<sup>129</sup>: seguindo os mesmos passos do Concílio de Reims ocorreram reivindicações de primazia e os mesmos decretos foram promulgados em ambos<sup>130</sup>.
- c.) Os termos de paz acordados entre o papa e Rogério da Sicília, em julho de 1150, em Ceprano<sup>131</sup>.
- d.) O decreto de Eugênio com relação a posse do *pallium*<sup>132</sup>.
- e.) As reivindicações de primazia de St. Andrews e a obediência que deveria ser devida a Canterbury e não a York<sup>133</sup>.
- f.) As reivindicações de sucessão ao trono inglês de Estevão e Matilda<sup>134</sup>.

A partir das resoluções e dos exemplos que esses acontecimentos forneceria, o leitor teria modelos que poderia seguir em determinados casos.

Além dos usos das crônicas elencados no prólogo, segundo Clare Monagle, para João de Salisbury a escrita apresentaria um caráter pedagógico, sendo esse um uso comum para os textos compostos no período.

O autor demonstra não estar interessado em narrar eventos sobrenaturais para demonstrar a presença de Deus no mundo, ele estava mais interessado nas negociações que aconteciam no mundo<sup>135</sup>; o que observamos no texto é uma apresentação do seu genuíno interesse nos detalhes humanos para revelar as “coisas invisíveis”<sup>136</sup>, tanto é que em apenas três momentos distintos João de Salisbury aborda questões proféticas<sup>137</sup>. A *Historia Pontificalis* narra principalmente o mundo dos homens, da competição e da lealdade dos reinos.

A obra não estaria preocupada com a “Verdade” no sentido histórico moderno, mas em expressar por meio das narrativas exemplos a serem seguidos ou descartados<sup>138</sup>. João de Salisbury se mostrava preocupado com a linguagem e o uso que se faz dela, o bom uso da linguagem torna possível a comunicação e essa garantiria uma civilização

---

<sup>129</sup>Op. cit, pp.50-51.

<sup>130</sup> “[...] in utroque concilio decreta eadem promulgata sunt. ”. In: CHIBNALL, op. cit, p.50.

<sup>131</sup>Op. cit, pp.65-67.

<sup>132</sup>Op. cit, pp.67-68.

<sup>133</sup>Op. cit, pp.70-72.

<sup>134</sup>Op. cit, pp.83-86

<sup>135</sup>MONAGLE, In: GRELLARD e LACHAUD, op. cit, p.215.

<sup>136</sup>MONAGLE, op. cit, p.216.

<sup>137</sup>Capítulos V, VII e XIX.

<sup>138</sup>MONAGLE, op. cit, p.231.

pacífica tão cara ao autor. Por outro lado, o mundo dos governos é exemplificado pela má comunicação, como observamos com a questão vivenciada por João de Salisbury a respeito da Irlanda, as pessoas ali envolvidas não seriam capazes de se entender, ou não tentariam se entender<sup>139</sup>, podemos citar como exemplos o caso de anulação do casamento do rei Luís e a da rainha Leonor, os cardeais atuando contra Bernardo de Claraval no julgamento de Gilberto de Poitiers, além dos desentendimentos entre os soberanos germânico e franco na Segunda Cruzada. Ao compor a obra o autor fez um esforço para combinar teoria e prática, com isso há tanto os relatos dos acontecimentos como opiniões de João de Salisbury.

No texto, João de Salisbury, tem a intenção de relatar um conflito entre valores monásticos e valores escolásticos. Ao compor a narrativa ele coloca em destaque sua relação com Pedro de Celle e o círculo de Reims durante os anos de 1160, sua avaliação a respeito do papa Eugênio III, a respeito de Bernardo de Claraval e de alguns cardeais que são citados, além de registrar as atividades que teria desempenhado junto à cúria papal<sup>140</sup>.

A *Historia Pontificalis* narraria um momento no qual não existiam grandes líderes, tanto o papa como os reis, inglês, francês e germânico encontrariam dificuldades para estabelecer hegemonias, quer em seu território de atuação, quer internacionalmente. João mostra-se interessado pela história e pelos acontecimentos ingleses de seu tempo. Ele escreve sobre temáticas e problemas referentes a sua época<sup>141</sup>, questões que, para ele, são importantes. Embora intitulada de *pontificalis* a narrativa se ocupa tanto dos passos do papa Eugênio III quanto do arcebispo Teobaldo, de Canterbury, assim ela segue os homens da Igreja, e não necessariamente o papa.

Para Maria Lodovica Arduini, o período compreendido entre os anos 1150 e 1160 foram densos de problemas históricos, políticos, religiosos e culturais para João de Salisbury, para a Igreja e o reino da Inglaterra, e também para a Igreja de Roma e a cristandade<sup>142</sup>. Podemos levantar a hipótese de que essa densidade de problemas e

---

<sup>139</sup>MONAGLE, op. cit, p.232.

<sup>140</sup>McLOUGHLIN, op. cit, pp.127-128.

<sup>141</sup>NEDERMAN, Cary J. **The Changing face of Tyranny: The Reign of King Stephen in John of Salisbury's Political Thought**. Brepols, 1987.

<sup>142</sup>ARDUINI, Maria Lodovica. **Contributo alla Ricostruzione Biografica di Giovanni di Salisbury**. Rivista di Filosofia Neo-Scolastica, volume 90, número 1/2, 1998, p.200.

acontecimentos tenham estimulado João de Salisbury a compor a obra, para tentar ordenar e relatar essas questões.

A historiografia considera o trabalho confuso, pois os capítulos não seguem uma ordem cronológica, o autor em alguns momentos insere digressões no texto e em outros momentos avança temporalmente. Poucas são as vezes em que menciona o ano do acontecimento que descreve. Para Brown, João de Salisbury teve dificuldade considerável para decidir que ordem utilizaria para narrar os eventos ali expostos: uma cronologia dos acontecimentos, de acordo com os assuntos ou seguindo um personagem específico<sup>143</sup>.

Assim sendo, ao realizarmos a leitura do documento podemos notar que há uma mistura entre as três formas, no entanto, o autor se vale de conectivos e frases para chamar atenção do leitor quando está retomando algum assunto que já havia mencionado, entre eles, podemos citar:

- “Como eu já tinha relatado”<sup>144</sup> - no capítulo acerca do julgamento de Gilberto de Poitiers, ao mencionar que as quatro proposições lidas em voz alta tinham sido discutidas pelo abade e outros homens da Igreja e ele havia relatado esse acontecimento em outro capítulo;
- “Quem eu mencionei acima”<sup>145</sup> - ao mencionar um bispo sobre o qual ele tinha escrito;
- “Como já relatei”<sup>146</sup> - no capítulo XXXVI, ao falar sobre João Paparo, que tinha sido mencionado no capítulo II da obra;
- “De quem eu falei acima”<sup>147</sup> - ao relatar a morte do príncipe Raimundo da Antioquia, que havia sido mencionado no capítulo XXIII.

Para a análise do documento optamos por dividi-lo nos seguintes tópicos<sup>148</sup>: prólogo, papa Eugênio III, Teobaldo, arcebispo de Canterbury, Pedro de Celle, rei dos ingleses, rei dos francos, rei dos germânicos, Concílio de Reims, Concílio de Cremona,

---

<sup>143</sup>BROWN, op. cit, p.262.

<sup>144</sup> “[...] unde supra tetigimus [...]”. In: CHIBNALL, op. cit, p.23.

<sup>145</sup> “[...] cuius supra memini [...]”. In: CHIBNALL, op. cit, p.62.

<sup>146</sup> “[...] ut supradictum est [...]”. In: CHIBNALL, op. cit, p.71.

<sup>147</sup> “[...] de quo superius dictum est [...]”. In: CHIBNALL, op. cit, p.73.

<sup>148</sup> Contudo, no anexo IV há uma lista com os nomes de todos os personagens que aparecem na obra, de acordo com a ordem em que são mencionados.

juízo de Gilberto de Poitiers, Segunda Cruzada, Arnaldo de Brescia, Octávio de Santa Cecília, Guido de Crema e menções a cisma dentro da obra.

### **Prólogo**

Para Bernard Guenée<sup>149</sup>, quando analisamos o prólogo de uma obra podemos, entre outras, apresentar três questões fundamentais:

- 1.) O prólogo anuncia e esclarece a obra?
- 2.) Podemos perceber a partir do prólogo as influências diretas do autor?
- 3.) Se o historiador compila o prólogo a partir de um ou de muitos outros historiadores ele segue os modelos para se inspirar e compor a história ou crônica?

E Antonia Gransden<sup>150</sup>, elenca características que são encontradas nos prólogos medievais. Podemos dividi-las em cinco pontos:

- 1.) O prólogo dedica o trabalho há uma pessoa importante que teria influenciado de alguma maneira o autor a escrever.
- 2.) Há uma declaração de modéstia.
- 3.) O autor menciona que irá fazer um relato breve seguindo um estilo simples e por vezes até mesmo rústico.
- 4.) Há menção a trabalhos de historiadores anteriores.
- 5.) O autor declara que o propósito da obra seria preservar a memória dos feitos passados para as gerações futuras.

A partir das colocações desses dois autores, que se complementam, iremos analisar o prólogo da *Historia Pontificalis*. João de Salisbury começa o prólogo com uma elaborada lista de historiadores, incluindo uma pequena biografia e breves comentários sobre seus trabalhos. Como Guenée pontua, João de Salisbury e Rafael de Diceto compilaram suas pesquisas historiográficas sob a influência de Hugo de São Victor – o qual ambos incluem em suas listas -, o prólogo da crônica universal de Hugo possui uma lista composta por 34 historiadores<sup>151</sup>.

---

<sup>149</sup>GUENÉE, Bernard. *L'écho d'un prologue: de Guillaume de Tyr à Michel Pintoin*. In: CHAZAN e DAHAN, op. cit, p.229.

<sup>150</sup>GRANSDEN, op. cit, pp.125-126.

<sup>151</sup>GRANSDEN, op. cit, p.139.

O prólogo de João de Salisbury elenca nove autores: São Jerônimo, Lucas que escreveu sobre a infância da Igreja<sup>152</sup>, Eusébio de Cesaréia que escreveu sobre a juventude e a vida adulta<sup>153</sup>, Cassiodoro<sup>154</sup>, Orósio, Isidoro, Beda – autor inglês de grande influência no período -, Hugo de São Victor, cuja crônica inicia com o começo do mundo e segue até o tempo do papa Inocêncio e Luís, rei dos francos<sup>155</sup> e, por fim, Sigeberto de Gembloux, cuja narrativa inicia no primeiro ano de Valentiniano e Graciano e segue até o Concílio de Reims<sup>156</sup>. Ao citar o último autor João de Salisbury menciona não ter encontrado mais nenhuma crônica, mas se deparado com eventos memoráveis nos arquivos da Igreja que poderiam ser úteis aos futuros escritores<sup>157</sup>. Ao mencionar esse fato referente aos arquivos da Igreja o autor tem a intenção de inserir a história que viria a compor nesses arquivos<sup>158</sup>.

João de Salisbury faz uma crítica à obra de Sigeberto, mencionando que ele não descreveu todos os acontecimentos do tempo do papa Inocêncio e deu maior atenção às questões germânicas do que a outras. Desse modo, ele estaria classificando a crônica de Sigeberto como sendo de caráter imperial, diferente daquela que ele se propõe a escrever que toma o partido do papa e da Igreja.

A narrativa é dedicada para um amigo, e no prólogo há a menção de que irá obedecer ao pedido desse de escrever sobre o período em que esteve presente na cúria papal<sup>159</sup>. No capítulo seguinte – o primeiro – podemos encontrar o nome daquele ao qual o escrito é dedicado, Pedro, possivelmente Pedro de Celle, por quem o autor tinha grande amizade.

---

<sup>152</sup>“Lucas [...] nascentis ecclesie textit infantiam [...]”. In: CHIBNALL, op. cit, p.1.

<sup>153</sup>“Eusebius Cesariensis, adolescentis ecclesie processus enarrat [...]”. In: CHIBNALL, idem, p.1

<sup>154</sup>“Cassiodorus [...], palmas Christiane militie uisas et acceptas a patribus preconatur, et sicut preuios in cronicis descriptionibus habuit, sic illustres uiros huius studii reliquit successores. ”. In: CHIBNALL, op. cit, p.2.

<sup>155</sup>“[...] magister Hugo canonicus sancti Victoris Parisiensis fere nouissimus floruit, qui ab inicio nascentis seculi usque ad tempus domini Innocentii pape secundi et Christianissimi regis Francorum Ludouici seriem temporum digessit [...]”. In: CHIBNALL, op. cit, p.2.

<sup>156</sup>“[...] Sigebertus Iamblensis monachus, qui ab anno primo Valentiniani et Gratiani telam narrationis ordens, eam produxit usque ad concilium Remense, quod tempore iam dicti Ludouici regis Francorum celebratum est, Conrado regnante in Alemannia [...]”. In: CHIBNALL, idem.

<sup>157</sup>“Verum exinde cronicum alicuius librum non potui repperire, licet aliquas rerum memorabilium subnotationes in archiuis ecclesiarum inuenerim, que possint si qui forte scripturi sunt eorum diligentiam adiuuare. ”. In: CHIBNALL, idem.

<sup>158</sup>MONAGLE, op. cit, p.219.

<sup>159</sup>“Vnde uoluntati tue, dominorum amicorumque karissime, libentius acquiescens [...]”. In: CHIBNALL, op. cit, p.3.

O autor menciona qual era o tema e o objetivo do trabalho, ele pretende fazer um breve relato dos acontecimentos que tocam a história papal, omitindo tudo o que não diz respeito a ela. E pontua que ao escrever a obra tem como intenção a mesma de outros cronistas que vieram antes dele, que seria para o proveito dos contemporâneos e das gerações futuras. João de Salisbury, em seguida, escreve o que entendia como sendo o valor das crônicas, para o autor elas serviriam para estabelecer ou abolir costumes, reforçar ou destruir privilégios e que nada após a graça e a lei de Deus ensinariam a viver de forma mais segura do que o conhecimento dos feitos dos antepassados<sup>160</sup>, as crônicas seriam, então, modelos a serem seguidos.

E por fim, estabelece quais seriam as fontes utilizadas na obra, colocando que ele não iria escrever nada além do que ele mesmo teria visto e ouvido sabendo ser a verdade, ou que teria sido testemunhado ou escrito por homens de confiança e boa autoridade<sup>161</sup>. Também no prólogo, João de Salisbury precisa qual era para ele a utilidade da história, ela forneceria exemplos de recompensa e punição que ensinariam a viver, revelaria o invisível divino, e ajudaria a estabelecer e abolir costumes, reforçar ou destruir privilégios. A história serviria então, à moral, à teologia e ao direito<sup>162</sup>, também podemos incluir nesses usos da história a política. João de Salisbury não cita outros autores na composição da *Historia Pontificalis*, isso pode ter ocorrido devido ao fato de estar produzindo sua obra em exílio e, possivelmente, não ter consigo suas anotações.

João de Salisbury escreveu uma história sobre o tempo presente. Os acontecimentos que são descritos por ele se encontram muito próximos do momento da escrita, quando personagens da obra ainda estavam vivos. Dentre eles podemos citar o arcebispo Henrique, o rei Luís, a rainha Leonor e o segundo marido dela, o rei inglês, Henrique II, e Arnulfo, bispo de Lisieux, a respeito do qual os relatos de João não são nada favoráveis<sup>163</sup>. Isso nos leva a pensar sobre o possível público que o autor pretendia

---

<sup>160</sup> “[...] *omissis aliis, ea que ad pontificalem hystoriam pertinente [...], idem habens propositum, coetaneis et posteris proficiendi, quod cronici scriptores alii ante me noscuntur habuisse. [...]. Valet etiam noticia cronicorum ad statuendas uel euacuandas prescriptiones et priuilegia roboranda uel infirmenda; nichilque post gratiam et legem Dei uiuentes rectius et ualidius instruit quam gesta cognouerint decessorum.* ”. In: CHIBNALL, op. cit, pp.3-4.

<sup>161</sup> “[...] *nisi quod uisu et auditu uerum esse cognouero, uel quod probabilium uirorum scriptis fuerit et auctoritate subnixum.* ”. In: CHIBNALL, op. cit, p.4.

<sup>162</sup> GUENÉE, op. cit, p.27.

<sup>163</sup> “*Lexouiensis autem nitebatur de eloquência et industria negociorum, de titulo liberalitatis et nugis curialibus, quas sub facetiarum colore uenustabat.* ”. In: CHIBNALL, op. cit, pp.55-56.

alcançar. Para McLoughlin<sup>164</sup>, o autor estava escrevendo apenas para entreter Pedro de Celle e seu círculo de amigos, e assim não veria problemas na descrição dessas pessoas.

Como João de Salisbry se encontrava exilado e tentando uma reaproximação com o rei para que pudesse se reestabelecer na Inglaterra, provavelmente, não seria do seu interesse que o rei lesse a descrição da primeira tentativa de anulação de casamento da rainha Leonor, evento que o autor menciona detalhadamente ao narrar os acontecimentos da Segunda Cruzada. Também não seria interessante que o bispo de Lisieux tivesse acesso aos relatos que o autor faz sobre ele, já que a relação entre os dois não era amigável, como João de Salisbury menciona em algumas de suas cartas. Então, podemos colocar a questão, o autor escrevia seu relato para um círculo restrito de leitores ou tinha a intenção de que realmente se incluísse em uma tradição e fosse amplamente reconhecido?

Ao analisarmos o prólogo da *Historia Pontificalis*, dessa forma, podemos notar que apesar de apresentar pontos em comum com os prólogos compostos na Idade Média, também pode ser considerado como pouco usual, pois combina histórias universais reconhecidas com particularidades marcantes.

No prólogo há um movimento que parte das histórias bíblicas para o mundo concreto que compete aos reis e aos concílios. Para o autor seu tempo não seria o tempo da história sagrada<sup>165</sup>. O prólogo pode ser considerado como um *topos*, ao apresentar elementos textuais que vão ao encontro das colocações de Bernard Guenée e Antonia Gransden, mas apresenta traços de individualidade ao colocar a interpretação do autor sobre o uso da história<sup>166</sup>.

Ao iniciar o texto, João de Salisbury, menciona que primeiramente irá lidar com os assuntos legais que foram discutidos no Concílio de Reims. Ele menciona que espera que não o culpem por repetir assuntos mencionados em outros escritos, mas pontua que nenhuma história seria confiável se o autor estivesse mais ansioso para agradar do que para dizer a “verdade”, pois segundo ele, aqueles que se esforçam para agradar alguns acabam enganando a todos por sua conta e risco<sup>167</sup>. Essa colocação pode exemplificar que

---

<sup>164</sup>McLOUGHLIN, op. cit, p.183.

<sup>165</sup>MONAGLE, op. cit, pp.220-221.

<sup>166</sup>BROOKE, Christopher. *Aspects of John of Salisbury's Historia Pontificalis*. In: SMITH, Lesley e WARD, Benedicta (eds.). *Intellectual Life in the Middle Ages*. Londres: The Hambledon Press, 1992, p.185.

<sup>167</sup>“*Quas si retulero, mihi non debet aliquis indignari, quia nullius hystorie fides est incorrupta, si scriptor adulationi potius seruiat quam ueritati, et dum paucis placere nititur, in sui ipsius perniciem decipit universos.*”. In: CHIBNALL, op. cit, p.4.

o autor não estaria escrevendo para agradar determinadas pessoas, mas para dar a sua interpretação da verdade a respeito de acontecimentos sobre os quais ele possuía conhecimento.

### **Papa Eugênio III**

O papa Eugênio III é o personagem central da obra, nela são retratadas as dificuldades experimentadas pelo pontífice nas tomadas de decisão em diversos momentos. Para Marjorie Chibnall, por mais que o papa figure como personagem de maior destaque da narrativa, a intenção de João de Salisbury, não seria fazer do escrito uma biografia de Eugênio. Ele estava interessado em narrar as decisões e ações tomadas pelo papa nos diversos acontecimentos que o envolvem.

Dos 46 capítulos que compõem o documento, o papa está presente em 30<sup>168</sup>. A intenção não é descrever cada um desses capítulos, mas observarmos os pontos mais relevantes. Como, por exemplo, a atuação do papa na anulação do casamento do conde Rafael de Vermandois. Observamos que, ao permitir a separação e absolver o conde, Eugênio estava indo contra a sentença de três dos seus antecessores, Inocêncio, Celestino e Lúcio<sup>169</sup>. Posteriormente na narrativa, João de Salisbury irá falar a respeito da facilidade do papa em revogar medidas tomadas pelos antecessores e como esses posicionamentos foram rapidamente alterados após seu pontificado.

Na narrativa acerca do julgamento de Gilberto de Poitiers, o autor narra que Bernardo de Claraval convenceu o papa a permanecer ao seu lado, questionando o bispo de Poitiers a respeito das proposições que já teriam sido discutidas e redigidas pelo abade e seu grupo, no encontro anteriormente reunido por Bernardo<sup>170</sup>.

João de Salisbury menciona que muitos dos julgamentos promovidos por Eugênio foram revogados e apresenta duas razões para isso: primeiro, porque Eugênio também rapidamente tinha revogado as sentenças de seus antecessores, como ele expõe no

---

<sup>168</sup>Capítulos I, II, III, IV, V, VI, IX, X, XI, XV, XVI, XVIII, XXI, XXVII, XXIX, XXXI, XXXII, XXXIII, XXXIV, XXXV, XXXVI, XXXVII, XXXVIII, XXXIX, XL, XLI, XLII, XLIII, XLIV, XLV.

<sup>169</sup>“[...] dominus papa cunctis exposuit qua ratione fecerit absolui comitem, recepto secundum morem ecclesie iuramento sollempni; et quia uerecundebatur facere in facie ecclesie quod tum faciebat (rescindebat enim sententiam decessorum suorum, Innocentii, Celestini, Lucii, et ut credebatur equissimam, qui dampnauerant adulterium quod comes cum sorore regine arguebatur committere), beniuolentiam mulieris et partis sue captare plurimum uisus est [...]”. In: CHIBNALL, op. cit, pp.13-14.

<sup>170</sup>“Exposuit quid crederet super articulis in questione propositis, et persuasit ut apostolicus eisdem passibus graderetur. Erat enim uir potens in opere sermone coram Deo ut creditur, et ut publice notum est, coram hominibus. Nam data sibi dicendi facultate, fere persuadebat semper desiderio suo. ”. In: CHIBNALL, op. cit, pp.20-21.

primeiro caso de divórcio narrado na obra, e também, devido ao fato de ele apenas confiar em sua opinião pessoal para impor sentenças. O autor menciona que o papa era desconfiado e raramente acreditava em alguém, e por isso suas sentenças não teriam prevalecido por muito tempo, não confiando em seus assessores e conselheiros<sup>171</sup>.

Ao receber o rei e a rainha dos Francos quando retornavam da Segunda Cruzada, os recepcionou com ternura e reverência, tratando o rei como se fosse um anjo de Deus, ele os tinha reconciliado e os fizera dormir na mesma cama que estava adornada por tapeçarias feitas pelo pontífice, não teria poupado presentes ao casal e no momento da partida, embora fosse um homem severo, como o autor menciona, não conteve as lágrimas ao abençoar o casal e o reino dos Francos<sup>172</sup>. O papa nesse momento demonstra fraqueza e sensibilidade. Contudo, sabemos que a reconciliação promovida pelo pontífice não durou por muito tempo, pois o rei e a rainha viriam a se separar, sendo que Leonor da Aquitânia se casaria com o rei inglês, Henrique II e Luís VII viria a ter mais duas esposas.

Além das anulações e reconciliações entre casais, João de Salisbury, descreve o papa atuando ao dar explicações acerca de assuntos eclesiásticos. Há a explicação a respeito de alguns dos cânones que foram promulgados no Concílio de Reims para que não houvesse confusão quanto às interpretações<sup>173</sup>, a resolução acerca de alguns casos de primazia das igrejas e também esclarecimentos sobre quais seriam as atribuições conferidas ao *pallium* e aquele que o recebesse<sup>174</sup>.

---

<sup>171</sup>O autor denomina os assessores e conselheiros de Eugênio como *laterum suorum*, ao remeter a essa ideia de lado há uma conexão entre a composição do Estado e o corpo humano desenvolvida por João de Salisbury no *Policraticus*. O autor estaria retirando a referência de uma obra de sua autoria. - “*Et nescio quo pacto plurime sententiae Eugenii tam facile retractentur, nisi forte ex duabus acciderit causis. Hoc enim forte promeruit, quia decessorum sententias facile retractabat, nedum coepiscoporum, et quia in ferendis sententiis spiritum proprium máxime sequebatur. Erat manque suspiciosissimus, ut uix alicui crederet nisi in hiis que rerum experientia uel auctoritas perspicua suadebat. Suspitionem uero ex duabus causis prouenisse arbitror, tum ex infirmitate nature, tum quia conscius erat egritudinis laterum suorum; sic enim assessores et consiliarios consuere appellare.*”. In: CHIBNALL, op. cit, p.51.

<sup>172</sup>“*A quo tanta humanitate/ et deuotione receptus est ut non mortalem quempiam sed angelum Domini recipere uideretur. [...] Fecit eos in eodem lecto decumbere, quem de suo preciosissimis uestibus fecerat exornari. Et singulis diebus illius morule familiar colloquio redintegrare studuit caritatem. Honorauit eos muneribus et tandem in eorum dimissione, quam uis esset homo seuerior, non potuit lacrimas continere; et dimittens benedixit eis et regno Francorum quod ab ipso meruerant super omnia regna mundi.*”. In: CHIBNALL, op. cit, pp.61-62.

<sup>173</sup>CHIBNALL, op. cit, pp.8-10.

<sup>174</sup>“*[...] respondit dominus papa quia preter officium quod in eo confertur archiepiscopis, solet quibusdam episcopis dari ad ostendendam suarum sedium dignitatem, quam certum est prouenire ex tribus causis. Assertionem suam propositis iuuu exemplis. Episcoporum namque sedes, in quibus alicuius gentis primi predicatorum resederunt, honore pallii reddunt insignes [...]. Ostiensis quoque episcopus eo utitur in consecratione Romani pontificis et postea in sollempnitate missarum, quod tamen non presumat nisi fuerit apostolici consecrator; hoc est enim priuilegium sedis eius. Tercii uero hoc recipiunt, quia principalibus*

Ao relatar as questões referentes aos arcebispos da Irlanda, João de Salisbury menciona que Eugênio tinha escolhido alguns padres e bispos para receber tal promoção, no entanto, João Paparo se recusou a ser ordenado, com isso o papa tinha rompido com ele e mandado que se retirasse de seu posto. João Paparo, então, ameaçou voltar para Roma e incitar os cidadãos a estabelecerem um outro papa e restaurar a paz. Por fim, a partir da intercessão dos outros cardeais João Paparo se conteve e aceitou a promoção papal<sup>175</sup>, no entanto, essa é uma entre as 6 menções de cisma que aparecem na narrativa. João de Salisbury estava compondo a obra em meio a um cisma papal e relatar que um cardeal ameaçou o papa é importante para o momento de escrita da obra.

Em mais um caso de pedido de anulação de casamento, de um conde, Hugo, o papa Eugênio é retratado como alguém sensível. Após ouvir os depoimentos daqueles que pediam pela anulação o papa teria se colocado diante do conde em lágrimas e suplicado para que tomasse novamente a esposa com carinho. O papa prometeu redimir todos os pecados do conde os tomando para si se a união fosse reestabelecida. Assim o conde, também chorando, aceitou a esposa prometendo obedecer ao pontífice com alegria<sup>176</sup>. Em mais uma ocasião de anulação podemos observar o papa atuando para que os matrimônios não fossem desfeitos, e nesses casos ele aparece retratado como uma pessoa de grande sensibilidade.

João de Salisbury narra como foi a atuação do papa no caso de sucessão ao trono inglês e das desavenças entre o rei Estevão e a imperatriz Matilda, que teriam ocorrido devido a esse assunto. Henrique de York fez a paz com o rei e prometeu a ele se esforçar de todas as formas para conseguir induzir o papa a uma posição favorável a eles<sup>177</sup>. Para

---

*aliquarum gentium ciuitatibus presidente, et freti priuilegiis ecclesie Romane principes in gente sua creare possunt.* ”. In: CHIBNALL, op. cit, p.68.

<sup>175</sup>“*Sed solus Paparo, in uirtute obedientie iussus ascendere, renuit ordinari. Vnde et dominus papa se ab illius communionem suspendit, et eum de statione diaconorum comministrancium precepit exire et sacras exuere uestes. Ille uero tanta confusione permitus, quia nobilis erat, se ad urbem reuersurum esse minatus est et inducturum Romanos ut alium crearent papam, qui pacem reformaret [...]*”. In: CHIBNALL, op. cit, p.72.

<sup>176</sup>“*Suffusus ergo lacrimis, de sede corruens, in conspectu omnium, quantus erat, prostrauit se ad pedes comitês, ita eciam quod mitra delapsa capiti puluerulenta, postquam eum episcopi et cardinales erexerant, inter pedes stupefacti hominis inuenta est. Supplicauit itaque et suasit, quantum ualebat affectio patris et faciundia oratoris et veneranda fidelibus eminenca Romani pontificis, ut omni rancore deposito comes uxorem benigne reciperet, non tam iuris obsequens necessitati quam fidem exhibens et affectionem coniugii. [...] Omnes qui aderant conlacrimati sunt, et ipse comes madens lacrimis se promisit cum reuerencia et gaudio pariturum.* ”. In: CHIBNALL, op. cit, pp.81-82.

<sup>177</sup>“*Henricus Eboracensis archiepiscopus, cum Stephano rege Anglorum faciens pacem, promisit se daturum operam et diligenciam ut apostolicus Eustachium filium regis coronaret; quod utique fieri non licebat, nisi Romani pontificis uenia impetrata.* ”. In: CHIBNALL, op. cit, p.83.

mencionar qual foi a posição que Eugênio tomou, o autor compõe uma digressão até 1139 para narrar eventos que aconteceram naquele momento e que levaram ao estabelecimento de um acordo entre o papa Celestino II e a imperatriz Matilda, que vigorava até o momento do pontificado de Eugênio.

Esse acordo proibia que qualquer mudança fosse feita na posição da coroa inglesa, desde que sua transferência tinha sido denunciada, que ocorreu de Matilda para Estêvão com a morte do rei Henrique I, e o assunto ainda continuava em discussão, dessa maneira o papa apenas poderia repetir a mesma proibição de seus antecessores e os apelos do arcebispo de York não teriam validade para a coroação do filho do rei<sup>178</sup>. Marjorie Chibnall<sup>179</sup>, menciona que o relato de João de Salisbury acerca desse litígio entre a imperatriz Matilda e Estêvão após a morte de Henrique I seria uma fonte entre apenas duas que narra o caso, tornando o relato de João de Salisbury importante para a compreensão desse acontecimento.

Como podemos observar, João de Salisbury estava seguindo o papa de um conflito a outro, o autor também não possuía intenção de glorificar ou santificar Eugênio<sup>180</sup>, o que ele oferece na narrativa é uma descrição das características do pontífice, como eram suas tomadas de decisões e como eram as relações com seus seguidores. Segundo Marjorie Chibnall, por mais que o papa figure como personagem central da obra, a intenção do autor, não era a de compor uma biografia de Eugênio.

### **Arcebispo Teobaldo, de Canterbury**

Apesar de intitulada de *historia pontificalis* e pretender relatar os acontecimentos que tocam a história papal, a obra possui outro personagem importante, além do papa Eugênio III, que é Teobaldo, arcebispo de Canterbury. Para McLoughlin, um dos objetivos da obra seria o de apresentar uma apologia a Teobaldo<sup>181</sup>. Dos 46 capítulos da narrativa o arcebispo figura em 11<sup>182</sup>, mas determinados momentos merecem maior destaque,

---

<sup>178</sup>“*Postea cum prefatus Guido cardinalis promoueretur in papam Celestinum, fauore imperatricis, scripsit domino Theobaldo Cantuariensi archiepiscopo, inhibens ne qua fieret innouatio in regno Anglie circa coronam, quia res erat litigiosa cuius translatio iure reprobata est. Successores eius papa Lucius et Eugenius eandem prohibitionem innouauerunt. Vnde contigit ut prefatus Eboracensis archiepiscopus promotionem Eusthachii non potuerit impetrare.*”. In: CHIBNALL, op. cit, pp.85-86.

<sup>179</sup>CHIBNALL, op. cit, p.83 n.2.

<sup>180</sup>MONAGLE, op. cit, p.126.

<sup>181</sup>McLOUGHLIN, op. cit, p.182.

<sup>182</sup>Capítulos I, II, IV, VIII, XV, XIX, XX, XXII, XL, XLII e XLIII.

como, por exemplo, o capítulo que narra a fuga do arcebispo da Inglaterra para comparecer ao Concílio de Reims.

Segundo João de Salisbury, o rei inglês havia detido os bispos e abades de seu país convocados para o concílio, no entanto, Teobaldo teria fugido, pois considerava a obediência o melhor dos sacrifícios. O autor relata com detalhes as condições precárias em que o arcebispo fez a viagem - fazendo crer que talvez estivesse no barco com ele - e que mesmo assim o arcebispo se mantivera firme no propósito de cumprir a ordem papal.

Chegando ao concílio, todos os que lá estavam ficaram surpresos. O autor menciona que essa desobediência ao rei ao término do concílio se mostrou vantajosa para o mesmo, pois quando o papa estava pronto para excomungar o soberano devido ao fato de ter proibido membros do clero inglês de participarem do concílio, foi Teobaldo quem conseguiu, por meio de uma audiência com o pontífice, um relaxamento da punição<sup>183</sup>.

Para Lynsey Robertson, João de Salisbury, ao narrar as ações tomadas por Teobaldo para que o rei inglês não fosse excomungado, se aproxima da narrativa que Eadmer teria feito em sua *Historia Novorum* da ação de Anselmo de Canterbury contra a excomunhão do rei inglês pelo papa Urbano II. Como sabemos, João de Salisbury leu o trabalho de Eadmer, principalmente a hagiografia composta por ele a respeito de Anselmo de Canterbury, o que torna a tese da autora plausível<sup>184</sup>.

Outra questão importante envolvendo o arcebispo de Canterbury é que Teobaldo foi recebido em seu retorno para a Inglaterra por mensageiros do rei, Ricardo de Lucy e Guilherme Martel, que o advertiram a deixar o país rapidamente, pois ele teria desafiado à proibição real e comparecido ao concílio. Assim sendo, o arcebispo partiu para o exílio permanecendo por um tempo em São Omer.

---

<sup>183</sup> “[...] *et episcopos et abbates Anglie uocatos ad concilium detinuerat [...] precluderetur egressus. Ille tamen sciens obedientiam uictimis preferendam, et confidens de miseri/cordi Domini, piscatoriam nauiculam quam conduxerat in ábdito secessu et ab hominum uicinia remoto occultatam, que non plus quam xiii homines capiebat, et erat fere destituta necessariis armamentis, ingressus est, et sic non tam nauigio quam quasi quodam naufrágio transfretauit. [...] Cum enim dominus papa nouissimo die concilii surrexisset iam candelis accensis ob causas superiores regem excommunicaturus, et a patribus et a magnis uiris qui conuenerant et satisfactionem promittebant faciente condicionis dilatio non posset impetrari, dominus Cantuariensis affectuosissime supplicauit ut parceret, et solus pre ceteris omnibus, sicut apostolicus ipse publice testatus est, meruit exaudiri. ”. In: CHIBNALL, op. cit, pp.6-7.*

<sup>184</sup> ROBERTSON, Lynsey. **Exile in the Life and Correspondence of John of Salisbury**. In: NAPRAN, Laura e HOUTS, Elisabeth van. (eds.). **Exile in the Middle Ages: selected proceedings from the International Medieval Congress, University of Leeds, 8-11 July 2002**. Turnhout: Brepols, 2004, pp.193-194.

O autor menciona como foi para o arcebispo permanecer no exílio, as dificuldades e o esquecimento dos amigos<sup>185</sup>. João de Salisbury, ao compor a narrativa, se encontrava em posição semelhante: fora de seu país e longe de alguns amigos. Ao descrever o exílio do arcebispo de Canterbury o autor estava fazendo comentários sobre o seu próprio momento de exílio, o que passou e como foi a relação com os amigos que ficaram na Inglaterra.

João de Salisbury fala do próprio exílio em suas cartas, mas esse capítulo, em especial, pode ser considerado como uma descrição de como ele observava esse momento, mencionando que o arcebispo sofreu sozinho as misérias do exílio e as dores de ser proscrito, pois seus amigos estavam livres para ir e vir como quisessem e até mesmo, se escolhessem, podiam levar a ele assistência material para suas necessidades. Apesar disso, o arcebispo sofreu o destino comum de todos os infelizes e encontrou poucos que foram fiéis<sup>186</sup>.

Para Robertson, a descrição do exílio de Teobaldo tem relações ainda maiores com o exílio do próprio João de Salisbury. Em uma de suas cartas o autor menciona como seria difícil permanecer no exílio, principalmente, a partir do momento em que as cartas dos amigos vão se tornando mais escassas<sup>187</sup>, no entanto, o exílio do arcebispo Teobaldo não seria comparável aquele vivenciado por Tomas Becket<sup>188</sup>, que o autor irá descrever na hagiografia que lhe dedica<sup>189</sup>.

Por fim, um dos últimos capítulos em que o arcebispo aparece demonstra que foi um dos únicos membros da igreja inglesa a participar do Concílio de Reims, descumprindo as ordens reais, Teobaldo ficou responsável por absolver os bispos e abades ingleses que tinham descumprido a ordem papal e realizou essa ação liberando

---

<sup>185</sup>“*Qui cum applicuisset, occurrerunt ei nuncii regis, ipsi/archiepiscopo fidelitate astricti, Ricardus de Luci et Guillelmus Martellus et alii, denunciantes ei ut festinanter egrederetur de terra, quia contra prohibitionem regis ad concilium uenire presumpserat. [...] Exilii molestias et dampna proscriptionis solus archiepiscopus sensit: liberum erat amicis pro libitu transire ad ipsum et redire in patriam, et, si uoluissent, in subleuandis necessitatibus afferre solatium: sed ipse, pro sorte que communis est omnibus desolatis, in paucissimis repperit fidem, et sepe expertus est uerum esse prouerbium quia: Nulla fides unquam miseros elegit amicos.*”. In: CHIBNALL, op. cit, p.42.

<sup>186</sup>Idem.

<sup>187</sup>“*Ad exilii et proscriptionis meae cumulum nichil acerbius potuit accessisse quam ut michi subtrahatur solacium litterarum, quae praeuente gratia mentem purgante a uitiiis, notitia ueritatis illustrant, accendunt caritatem et exercitio sui uirtutes stabiliunt et confirmant.*”. In: MILLOR, op. cit, pp.546-548.

<sup>188</sup>ROBERTSON, op. cit, pp.195-196.

<sup>189</sup>PEPIN, op. cit, pp.86-88.

todos da suspensão, menos Henrique de Winchester que teria ido a Roma pessoalmente fazer as pazes com o papa<sup>190</sup>.

Nos capítulos em que Teobaldo aparece ele está sempre se esforçando para cumprir as ordens papais e por meio de seus atos afirma a autoridade do pontífice sobre a igreja de Canterbury. Desse modo, a narrativa se constrói como uma fonte significativa, descrevendo, sobretudo, as relações entre o papado e Canterbury nesse período<sup>191</sup>. João de Salisbury estava compondo a obra em um momento de exílio por ter se aliado ao arcebispo de Canterbury, Tomas Becket, também exilado no momento.

Compor uma apologia a Teobaldo seria aproximar de sua pessoa a figura de Becket, para quem João de Salisbury irá compor uma espécie de apologia em sua *Vita Thomae*<sup>192</sup>. Os conflitos entre os arcebispos de Canterbury e os reis ingleses não estão presentes apenas na *Historia Pontificalis*. No capítulo VIII da *Vita Anselmi* o autor narra um conflito entre Anselmo, o arcebispo de Canterbury e o rei da Inglaterra. O arcebispo pretendia ir a Roma em busca do *pallium* necessário à administração, mas o rei não permitiu, dessa maneira, promovendo uma desavença com o papa<sup>193</sup>. Essas desavenças entre os soberanos ingleses e os arcebispos de Canterbury não estavam restritas a um arcebispo em particular, mas seria algo comum, demonstrando que Canterbury estava disposta a obedecer às ordens do pontífice em detrimento do rei.

### **Pedro de Celle**

Pedro de Celle era amigo de João de Salisbury, e o recebeu no período do exílio. Durante esses anos, 1164-70, João de Salisbury foi introduzido no círculo de amizade de Pedro de Celle em Champagne, se relacionando com os priores de Mont-Dieu e Val-Saint-Pierre, os abades de São Nicaise e São Crépin, e o tesoureiro de Reims. Dentre estes figuraram alguns dos correspondentes de João<sup>194</sup>.

João de Salisbury e Pedro de Celle viviam em meios diferentes, o primeiro era clérigo secular enquanto o segundo era monge. A vida de João de Salisbury tinha sido

---

<sup>190</sup>“*Episcopus et abbates Anglorum a suspensione relaxauerat dominus Theobaldus Cantuariensis archiepiscopus, preter Henricum Wintoniensem, qui Romam profectus in persona propria satisfecit.*”. In: CHIBNALL, op. cit, p.78.

<sup>191</sup>McLOUGHLIN, op. cit, p.155.

<sup>192</sup>PEPIN, Ronald E. (trad.). **Anselm & Becket: two Canterbury saints’ lives**. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 2009.

<sup>193</sup>PEPIN, op. cit, pp.41-44.

<sup>194</sup>HIRATA, op. cit, p.78.

devotada ao serviço administrativo, enquanto, a de Pedro de Celle aos serviços espirituais<sup>195</sup>. Apesar dessas diferenças Pedro de Celle é uma amizade constante na vida de João de Salisbury. Várias de suas cartas são endereçadas a ele, pedindo conselhos e agradecendo ajudas recebidas.

Em uma das cartas podemos observar que João de Salisbury agradece ao amigo o envio de uma obra composta por ele, intitulada *De Panibus*<sup>196</sup>. Debates historiográficos indicam que João de Salisbury teria enviado o *Policraticus* ao amigo, para que ele lesse e opinasse a respeito do escrito. No entanto, não temos nenhuma correspondência que faça menção nem ao envio da obra e nem à sua recepção<sup>197</sup>.

É a ele que o João dedica a *Historia Pontificalis*. Observamos a partir da leitura do documento que ele seria o leitor pretendido por João de Salisbury. Em três momentos diferentes o autor se refere ao amigo no escrito, no entanto, seu nome aparece uma única vez.

No prólogo, João de Salisbury, escreve que de bom grado irá obedecer ao pedido do amigo e fará um breve relato acerca dos acontecimentos que tocam a história papal<sup>198</sup>. No capítulo I, único momento em que o nome de Pedro de Celle é mencionado, João de Salisbury, narra que, com o propósito de tornar o escrito uma continuação da crônica de Sigeberto de Gembloux, ele irá iniciar a narrativa a partir do momento que Sigeberto teria terminado sua obra, contudo, menciona também que irá acrescentar detalhes que foram omitidos, mas que poderiam ser úteis para aqueles que conduziam os assuntos da Igreja<sup>199</sup>. E, por fim, a última menção ao amigo acontece no capítulo XV quando, depois de dois longos capítulos escrevendo acerca da teologia de Gilberto de Poitiers, o autor retorna para o assunto que configuraria o principal tema da obra<sup>200</sup>, descrevendo que se demorou

---

<sup>195</sup>HIRATA, op. cit, p.65.

<sup>196</sup>MILLOR, op. cit, pp.55-56.

<sup>197</sup>PEPIN, Ronald E. **Amicitia Jocosa: Peter of Celle and John of Salisbury**. Florilegium, volume 5, 1983, p.160.

<sup>198</sup>“Vnde uoluntati tue, dominorum amicorumque karissime, libentius acquiescens, omissis aliis, ea que ad pontificalem hystoriam pertinente, prout precipis, Dei gratia preeunte perstringere curabo [...]”. In: CHIBNALL, op. cit, p.3.

<sup>199</sup>“Vt itaque, mi Petre, cui sicut apostolo future uirtutis presagio quodam a fidei soliditate nomen inditum est, cronicis Sigeberti narratio nostra continuari possit, a concilio Remensi, in quo ille suam finit, ordimur nostram, subtexentes ea que ab illo constat fuisse pretérita, et ecclesiasticis negotiis adminiculari posse creduntur. ”. In: CHIBNALL, op. cit, p.4.

<sup>200</sup>“Hec, amicorum karissime, diffusius fortasse quam ratio propositi exigebat prosecutus sum, tum ut hominem plenius noueris quem te uidisse gaudes et doles non audisse, tum ut tue satisfacerem uoluntati, edisserens intelligentiam quam prefatus episcopus in supra positis credebatur habere capitulis. Superest ut ad pontificalem redeamus hystoriam. ”. In: CHIBNALL, op. cit, p.41.

nos assuntos referentes à teologia para dar uma imagem completa do bispo de Poitiers ao amigo.

### Rei dos Ingleses

Não é apenas na *Historia Pontificalis* que João de Salisbury escreve a respeito de Estevão, rei dos ingleses, este aparece em outras duas obras do autor, *Entheticus* e *Policraticus*. O rei é mencionado em 12 capítulos<sup>201</sup> dentro da narrativa, a primeira menção se deve ao fato de ter privado o arcebispo de York de assumir sua cátedra, porque sua eleição teria acontecido contra a vontade de Estevão<sup>202</sup>. Logo no capítulo seguinte – capítulo II – o rei incorre na ira do papa por ter proibido que João Paparo, cardeal diácono e legado na Irlanda, viajasse pela Inglaterra em direção à província que lhe fora delegada. O rei também detivera os bispos e abades ingleses convocados para o concílio e estava excluindo Henrique, arcebispo de York, de sua sé<sup>203</sup>.

No capítulo XV<sup>204</sup>, não é o rei que aparece, mas seus mensageiros, que se encontram com Teobaldo de Canterbury advertindo-o a deixar o país o mais rápido possível, devido ao fato de ter desafiado a proibição do monarca e ter participado do Concílio de Reims. Nos capítulos finais do manuscrito João de Salisbury começa a tratar principalmente de questões referentes à Inglaterra, e sobre acontecimentos de casos de simonia dentro da igreja inglesa. O rei inglês aparece nesses capítulos aceitando dinheiro e presentes para validar as eleições de bispos e abades<sup>205</sup>. A partir da leitura do documento, podemos observar que o rei dos ingleses é o monarca que aparece em maior número de capítulos, estando esses mais dispersos ao longo da narrativa.

<sup>201</sup>Capítulos I, II, XV, XVII, XVIII, XIX, XX, XXXVI, XLII, XLIII, XLV, XLVI.

<sup>202</sup>“[...] quia Stephanus rex Anglorum eundem archi/episcopum see sua priuabat, quia contra uoluntatem et prohibitionem suam electus fuerat, et a domino papa Autisiodori consecratus. ”. In: CHIBNALL, op. cit, p.5.

<sup>203</sup>“Et quia prefatus rex Anglorum Iohannem Papa/ronem diaconum cardinalem et Hybernie legatum, transire per Angliam prohibuerat in prouinciam sibi delegatam, et episcopos et abbates Anglie uocatos ad concilium detinuerat, et supra dictum Eboracensem excludebat ab archiepiscopatu suo, meruerat indignationem domini pape [...]”. In: CHIBNALL, op. cit, p.6.

<sup>204</sup>“Qui cum applicuisset, occurrerunt ei nuncii regis, ipsi archiepiscopo fidelitate astricti, Ricardus de Luci et Guillelmus Martellus et alii, denunciantes ei ut festinanter egrederetur de terra, quia contra prohibitionem regis ad concilium uenire presumpserat. ”. In: CHIBNALL, op. cit, p.42.

<sup>205</sup>“Obiit Hugo abbas sancti Augustini Cantuarie, cui successit Siluester eiusdem ecclesie prior. Sed electio eius apud multos suspitionem contraxit symonie, eo quod rex quinhentas marcas accepit ut abbate defuncto liceret monachis libere quem uellent eligere [...]”. In: CHIBNALL, op. cit. p.86 e “Rex uero eis eligendi libertatem concedere noluit antequam quinhentas libras, exemplo monachorum sancti Augustini, ei appenderint. ”. In: CHIBNALL, op. cit, p.88.

## Rei dos Francos

Luís VII, rei dos francos aparece na obra de João de Salisbury em 9 capítulos<sup>206</sup>. A primeira menção ao monarca acontece no capítulo referente a um acontecimento considerado profético, quando o papa estava rezando uma missa e o vinho consagrado é derrubado por um de seus assistentes. Isso seria interpretado como um sinal de que a Igreja estava em perigo. Mais para o final do capítulo é mencionado que a crença estava correta, pois naquele mesmo ano Luís, o rei dos francos e também Conrado, quase não escaparam com vida após a aniquilação de seus exércitos pelos sarracenos no Leste<sup>207</sup>.

O rei dos francos aparece nos relatos referentes à Segunda Cruzada, sua chegada em Antioquia com sua esposa e o quase divórcio que aconteceu entre eles nesse momento<sup>208</sup>, assim como em suas tratativas com os germânicos sobre os ataques e as estratégias que deveriam seguir nas batalhas<sup>209</sup>.

O retorno do rei dos francos para a terra natal depois da Segunda Cruzada é narrado com detalhes por João de Salisbury, em especial, o encontro dos soberanos com o papa, nesse encontro, como mencionado, o papa reconciliou o casal que partiu em harmonia<sup>210</sup>. João de Salisbury menciona e nomeia na obra que Luís VII seria o mais cristão dos reis.

## Rei dos Germânicos

O rei dos germânicos é o que em menor número de vezes aparece mencionado na *Historia Pontificalis*, em 5 capítulos<sup>211</sup>. Esse número reduzido de citações acerca de Conrado corrobora a crítica feita no prólogo a crônica de Sigeberto de Gembloux que teria dado muito espaço ao império. A primeira menção a Conrado, rei dos germânicos acontece no mesmo capítulo<sup>212</sup> em que Luís, rei dos francos é mencionado, a respeito da destruição do exército de ambos pelos sarracenos no Leste.

O rei dos germânicos continua sendo mencionado nos capítulos que tratam a respeito da Segunda Cruzada, como o momento de encontro entre os exércitos dos francos

<sup>206</sup>Capítulos V, VI, XXIII, XXIV, XXV, XXVIII, XXIX, XXX, XXXV.

<sup>207</sup>“Eodem enim anno Conradus rex Romanorum et Christianissimus rex Francorum Ludouicus, deletis exercitibus eorum a Sarracenis in oriente, uix euaserunt, dampno tamen irreparabili illato Christiane religioni. ”. In: CHIBNALL, op. cit, p.11.

<sup>208</sup>CHIBNALL, op. cit, pp.52-53.

<sup>209</sup>CHIBNALL, op. cit, pp.54-58.

<sup>210</sup>CHIBNALL, op. cit, pp.60-62.

<sup>211</sup>Capítulos V, XXIV, XXV, XXVI, XXXVIII.

<sup>212</sup>CHIBNALL, op. cit, pp.11-12.

e dos germânicos e as decisões que foram tomadas sobre como deviam prosseguir ou não nos ataques<sup>213</sup>. É relatado o fato de que Conrado visava a coroa imperial, e para isso teria enviado embaixadores para promover sua causa tanto com o papado quanto com os romanos<sup>214</sup>.

O rei dos germânicos aparece apenas nesses dois momentos distintos da narrativa: quando João de Salisbury está escrevendo a respeito da Segunda Cruzada e no capítulo em que é narrado que Conrado visava a coroa imperial.

### **Concílio de Reims**

Os quatro primeiros capítulos da obra são dedicados a narrar eventos do Concílio de Reims. O autor inicia seu texto no ponto em que Sigeberto de Gembloux termina sua crônica, assim, o escrito se inicia com o concílio. No entanto, João de Salisbury, menciona que adicionará acontecimentos que foram omitidos por Sigeberto, mas que poderiam ser úteis para aqueles que conduziam os assuntos da Igreja, anunciando que primeiramente lidará com assuntos legais que foram discutidos e resolvidos na ocasião<sup>215</sup>.

O capítulo seguinte segue a narrativa abordando questões referentes à Inglaterra, sobretudo, ao fato do rei ter detido os bispos e abades ingleses convocados, a fuga de Teobaldo de Canterbury e sua chegada ao concílio, além de sua intercessão em favor do rei inglês quando o papa iria o excomungar.

O terceiro capítulo, trata da promulgação dos decretais, o autor apresenta as interpretações dadas a respeito de três cânones que foram aprovados por consenso geral – cânone 2, 7 e 13 -, João de Salisbury menciona querer evitar repetições, e por isso não copia os decretos, pois os mesmos se encontravam entre os cânones, ele apenas acrescenta explicações e interpretações de alguns que poderiam parecer duvidosos:

---

<sup>213</sup>CHIBNALL, op. cit, pp.54-59.

<sup>214</sup>“*Rex Conradus ad imperium aspirabat, et ob hanc causam tam ad ecclesiam quam ad urbem destinauerat nuntios suos. Rogauit etiam dominum papam quatinus a latere suo destinaret aliquos quorum consilio regno disponderet et qui uice sua causas ecclesiasticas diffinirent.* ” In: CHIBNALL, op. cit, p.75.

<sup>215</sup>“*Et quidem primo de proclamationibus ibi factis, eo quod auctoritate sanctorum constat synodali proclamatione, quase litis contestatione, possessionis interruptionem ciuiliter fieri.* ” In: CHIBNALL, op. cit, p.4.

- Cânone 2: proibição de mantos multicoloridos para o clero, Reinaldo de Hildesheim e outros germânicos teriam protestado que o decreto seria odiado por ambas gerações, presentes e futuras<sup>216</sup>;
- Cânone 7: a respeito da proibição para o clero de contrair matrimônio, mesmo mencionando que isso parecia desnecessário para alguns o autor cita exemplos de casamentos que teriam acontecido<sup>217</sup>;
- Cânone 13: a respeito de quem teria levantado a mão violentamente contra clérigos, monges, irmãos da lei ou freiras que deveriam ir ao papa em busca de absolvição. O autor coloca a interpretação do papa a respeito desse cânone, por fim, declara que todos deveriam aplicar essas interpretações, pois o cânone foi promulgado com aquela intenção<sup>218</sup>.

Por último, narra a suspensão do papa a todos os que tinham falhado em obedecer à convocação do concílio, mencionando a dissolução do mesmo e a permanência apenas dos dignitários mais proeminentes para resolver outros negócios. Descreve o papa concedendo ao arcebispo de Canterbury o poder de absolver ou deixar sob pena todos os bispos e abades culpados da Inglaterra. Desse modo, encerra o relato acerca do Concílio de Reims passando a narrar a respeito do julgamento de Gilberto de Poitiers.

### **Concílio de Cremona**

O Concílio de Cremona ocupa um único capítulo dentro da narrativa de João de Salisbury – XXI -, o autor narra que, enquanto o papa se encontrava em Cremona, a caminho de Roma, teria convocado um concílio com os bispos italianos, exceto o bispo de Mântua, que esteve presente no Concílio de Reims. Frente as reivindicações feitas por bispos e arcebispos as mesmas respostas e os mesmos decretos foram promulgados em ambos os concílios e após a conclusão desse o papa seguiu seu caminho<sup>219</sup>.

---

<sup>216</sup>“*Nam cum usus uariarum pellium clericis interdiceretur, et plurimi interrogati sibi complacere responderent, Raginaldus de Hildenesham et alii Teutones reclamauerunt decretum hoc nec placere presentibus nec posteris placiturum.*” In: CHIBNALL, op. cit, p.8.

<sup>217</sup>“*Nam cum inhiberetur ne episcopi, abbates, presbiteri, diaconi, subdiaconi, canonici regulares, monachi, conuersi professi, item ne moniales, coniugia contrahant.*” In: Idem.

<sup>218</sup>“*Hoc ita dominus papa interpretatus est, asserens omnes episcopos et fideles ecclesie debere sequi prescriptas interpretationes, quia sub hac intentione promulgauit canones.*” In: CHIBNALL, op. cit. p.10.

<sup>219</sup>“*Sed omnibus responsum est quod proclamantibus in synodo Remensi, in utroque concilio decreta eadem promulgata sunt.*” In: CHIBNALL, op. cit, p.50.

## O julgamento de Gilberto de Poitiers

### História

Em 1148, Gilberto de Poities, foi levado a julgamento. O caso estava aos cuidados do papa Eugênio III, e teve lugar após os assuntos oficiais do Concílio de Reims. Oito anos após a condenação bem-sucedida de Pedro Abelardo, Bernardo de Claraval utilizava a mesma metodologia para acusar Gilberto de quatro proposições heréticas que estariam contidas no comentário que o bispo havia redigido sobre o *De Trinitate* de Boécio.

### Narrativas

O processo contra Gilberto de Poitiers foi narrado por dois autores, Otto de Freising<sup>220</sup> e João de Salisbury. Os dois escritores seguem linhas narrativas parecidas, Bernardo e Gilberto são apresentados em ambas as obras como os dois maiores e mais instruídos homens da sua geração.

A descrição de Otto de Freising na *Gesta Frederici Imperatores*<sup>221</sup> é a primeira, redigida entre 1156-58. Ela aborda questões a respeito do Concílio de Reims, mas, se comparada com a narrativa de João de Salisbury, o relato é breve. Ao descrever o julgamento, Otto de Freising, começa fazendo uma apresentação de Bernardo de Claraval e uma retomada de como foi o julgamento de Pedro Abelardo. Em seguida, tece uma narrativa concisa a respeito do julgamento de Gilberto e parte para a descrição de um novo assunto, a Segunda Cruzada.

João de Salisbury dedica cinco capítulos da obra à disputa – capítulos VIII, IX, X, XI, XII. Começa apresentando o abade de Claraval, sua atuação no concílio e quais os meios que desenvolveu para o julgamento. Bernardo promoveu uma reunião com alguns líderes da Igreja, em particular, para discutir as proposições consideradas por ele como heréticas, que foram levadas ao julgamento.

O autor menciona que nesse momento da narrativa ele estava escrevendo o que ele mesmo observou e colocava sua reputação em risco para assegurar estar escrevendo a “verdade”. Cita nomes de pessoas que estavam presentes ao acontecimento, mas que, no entanto, já teriam falecido no momento da escrita. E cita pessoas que ainda eram vivas e poderiam confirmar o relato, entre os nomes estão o arcebispo Teobaldo de Canterbury,

---

<sup>220</sup>MIEROW, Charles Christopher (trad.). **The deeds of Freferick Barbarossa. Otto of Freising and his continuator, Rahewin.** Toronto: University of Toronto Press, 1994.

<sup>221</sup>MIEROW, op. cit, pp.82-84.

Henrique de York, o abade Suger de São Denis, Tomas Becket, Rogério de York dentre outros<sup>222</sup>.

Gilberto de Poitiers é apresentado em seguida, bem como as ações tomadas por ele durante o julgamento, o processo de defesa e o modo como ele respondeu e reagiu às denúncias, João de Salisbury relata que o bispo de Poitiers disse que os erros julgados como dele, na verdade, pertenciam a alunos que teriam escutado seus ensinamentos e os interpretado livremente, e que, concordando com o papa, ele considerava aquelas colocações como heréticas<sup>223</sup>, e mencionou que apenas poderia ser julgado pelos próprios trabalhos e que ele não era um herege e nunca seria, pois reconhecia e respeitava a doutrina apostólica<sup>224</sup>.

Em seguida, o papa divulgou as quatro proposições como elas foram formuladas na reunião convocada pelo abade, e João de Salisbury as descreve no texto<sup>225</sup> – as proposições também aparecem na obra de Otto de Freising<sup>226</sup> -, mencionando, que não tinha sido capaz de encontrar registros dessas, embora ele estivesse presente no momento da publicação<sup>227</sup>, apesar desse fato João de Salisbury menciona que elas podem ser encontradas no escrito de Geoffrey de Auxerre<sup>228</sup>.

Com o término do julgamento, Bernardo de Claraval tentou se encontrar com Gilberto para discutirem os escritos de Hilário. João de Salisbury menciona que ele

---

<sup>222</sup>“*Quod uidi loquor et scribo, sciens mihi apud Deum et homines conscientie et fame dispendium imminere, si falsitas presertim de re tanta fuerit in ore et opere meo. Nec deerit qui redarguat mentientem: supersunt enim plures pleni fide et graues auctoritate uiri, quos huic uerbo interfuisse certissimum est. Affuerunt enim boné memorie Theobaldus Cantuariensis et Gaufridus Burdegalensis et Henricus Eboracensis archiepiscopi, Sigerius sancti Dionisii, et Balduinus Castellionis super Secanam abbates, et qui adhuc supersunt Thomas Cantuariensis et Rogerus Eboracensis archiepiscopi et alii plurimi quos enarrare longum est.*”. In: CHIBNALL, op. cit, p.17.

<sup>223</sup>“*Videte, pater, qualiter me tractetis, cum in infamiam meam in sacro consistório uestro alieni recitantur errores. Fateor me plures habuisse discipulos, qui me quidem omnes audierunt, se quidam minus intellexerunt: quod opinati sunt scripserunt de corde suo, non spiritu meo.*”. In: CHIBALL, op. cit, p.22.

<sup>224</sup>“*Proclamauit ergo episcopus se debere non de alienis, sed de operibus propriis conueniri, et neminem, nedum episcopum, nisi confessum aut conuictum ex causa criminis condemnandum. Dicebat se nec esse hereticum nec futurum, qui paratus erat et semper fuerat acquiescere ueritati et apostolicam sequi doctrina (...)*”. In: CHIBALL, op. cit, pp.21-22.

<sup>225</sup>Op. cit, p.24.

<sup>226</sup>MIEROW, op. cit, p.98.

<sup>227</sup>“*Vnde eadem capitula, licet ea audierim, utpote qui presens aderam, publicari, tamen nec inter acta concilii, nec in domini Eugenii regesto potui repperire [...]*”. In: CHIBNALL, op. cit, p.25.

<sup>228</sup>Na obra intitulada *Libellus* de Geoffrey de Auxerre.

mesmo, a pedido do abade, fez o convite ao bispo, que negou, e assim a disputa teve fim<sup>229</sup>.

Após a exposição da disputa, João de Salisbury dedica dois extensos capítulos da *Historia Pontificalis*<sup>230</sup> para expor a teologia do bispo ou o que ele entendia ser a teologia de Gilberto de Poitiers.

A partir da leitura dos relatos, podemos observar que Bernardo de Claraval e Gilberto de Poitiers representam papéis diferentes. Bernardo promovia a ação para a história, ele era o gerador dos eventos, enquanto, Gilberto é descrito como permanecendo sólido e forte em sua defesa.

Para Clare Monagle, João de Salisbury se utiliza da exposição da teologia de Gilberto para demonstrar sua própria posição teológica, e nesses capítulos acontece uma retomada de assuntos presentes no *Metalogicon*<sup>231</sup>. A narração da disputa, feita por João de Salisbury, privilegia os argumentos de Gilberto sobre Bernardo. A razão para o autor apoiar o bispo se torna clara com as divagações teológicas que ocupam os dois capítulos seguintes da narrativa<sup>232</sup>.

Segundo Clare Monagle<sup>233</sup>, os dois relatos do julgamento se encontram no que ela denomina histórias administrativas desses autores, João de Salisbury e Otto de Freising. Ela considera os dois textos como histórias administrativas, pois abordam estratégias de liderança e de governo que extrapolam as obras daqueles que seriam os personagens principais das narrativas, o imperador Frederico Barbarossa e o papa Eugênio III, apesar dos textos se apresentarem como sendo a respeito desses personagens outros ganham posição de destaque em determinados momentos.

Ainda segundo Monagle, o texto de João de Salisbury também apareceria como uma história burocrática<sup>234</sup>, devido ao fato de ir traçando dia a dia as operações do papado. Eugênio é descrito engajado em uma rotina diária de administração, na qual é retratado

---

<sup>229</sup>“*Inter ipsum [et] abbatem concordia inita est [...]. Memini me ipsum ex parte abbatis episcopum sollicitasse quatinus conuenirent in aliquo religioso loco, siue in Pictauia siue in Francia siue in Burgundia, ubi episcopo uisum esset, ut amice et sine contentione conferente super dictis beati Hylarii. Ille uero respondit iam satis esse quod hucusque contenderant [...]*”. In: CHIBNALL, op. cit, p.26.

<sup>230</sup>CHIBNALL, op. cit, pp.28-41.

<sup>231</sup>MONAGLE, Clare. **Contested Knowledges – John of Salisbury’s *Metalogicon* and *Historia Pontificalis***. Parergon, vol.21.1. 2004, p.17.

<sup>232</sup>MONAGLE, op. cit, p.227.

<sup>233</sup>MONAGLE, Clare. **The Trial of Ideas: Two Tellings of the Trial of Gilbert of Poitiers**. Viator: Medieval and Renaissance Studies, vol. 35, 2004, p.114.

<sup>234</sup>Op. cit, p.115.

em diversas atividades distintas, negociando com nobres que requisitaram o divórcio, respondendo ameaças de cisma da igreja inglesa e supervisionando os concílios de Reims e Cremona. Tanto na obra de Otto de Freising quanto na de João de Salisbury estaria presente uma mistura entre história, política e teologia.

### **Segunda Cruzada**

A primeira menção à Segunda Cruzada decorre de um acontecimento visto como divino e profético – capítulo V. Enquanto o papa celebrava uma missa um dos assistentes derramou o vinho consagrado no tapete próximo ao altar, o papa então ordenou que aquele pedaço fosse guardado juntamente com as outras relíquias. No entanto, os homens que estavam reunidos ficaram alarmados imaginando que algum mal iria acontecer à Igreja.

No final do capítulo, João de Salisbury, menciona que a crença não estava errada, pois naquele mesmo ano os reis Conrado e Luís quase não escaparam com vida após a aniquilação de seus exércitos pelos sarracenos<sup>235</sup>. Após essa primeira menção da Cruzada em meio a um sinal, o autor, narra que o papa ficou sabendo da destruição dos exércitos cristãos no Leste, enquanto se encontrava fora da Itália, decidindo voltar imediatamente<sup>236</sup>.

Após essa breve menção ao acontecimento, João de Salisbury dedica seis capítulos – XXIII, XXIV, XXV, XXVI, XXVIII e XXIX – da narrativa para a Segunda Cruzada. A descrição do autor não se inicia com uma batalha ou uma explicação teológica que justificaria a Cruzada, mas sim com uma intriga matrimonial, entre o rei franco e a rainha, ambos hospedados com o príncipe Raimundo da Antioquia, tio da rainha. Por ocasião da partida para Jerusalém a rainha teria mencionado que gostaria de ficar com o príncipe e invocado para o pedido de separação a consanguinidade. No entanto, o pedido não foi acatado e ela teria sido forçada a partir para Jerusalém<sup>237</sup>.

Em seguida há o relato do desentendimento entre os francos e os germânicos a respeito de como deveriam proceder nos ataques, e esse desentendimento foi agravado ainda mais por dois bispos que diziam ocupar o cargo de legado papal, mesmo isso não

---

<sup>235</sup>“*Eodem enim anno Conradus rex Romanorum et Christianissimus rex Francorum Ludouicus, deletis exercitibus eorum a Sarracenis in oriente [...]*”. In: CHIBNALL, op. cit, p.11.

<sup>236</sup>“*[...] dominum papam non retardaret, Italiam ingressus est et ideo, prout ab aliquibus dicebatur, festinancius, quia iam audierat Christianorum exercitus in oriente esse confectos.*”. In: CHIBNALL, op. cit, p.45.

<sup>237</sup>“*Abstracta ergo coacta est cum rege Ierosolimam proficisci, et in cor utriusque uicissim altius ascenderat et, licet dissimularent ut poterant, manebat iniuria.*”. In: CHIBALL, op. cit, p.53.

sendo verdade, eram esses Arnulfo, bispo de Lisieux e Godfrey, bispo de Langres<sup>238</sup>. Finalmente, o autor narra o momento em que os exércitos atacam Damasco e como os reis foram persuadidos a mudar a estratégia que haviam planejado e assim teriam se visto enganados<sup>239</sup>.

Há um pequeno capítulo que menciona a volta de Conrado para casa – capítulo XXVI – e dois capítulos – XXVIII e XIX - mais extensos que narram o retorno do rei Luís e da rainha. Nesse retorno se encontraram com o papa que os reconciliou confirmando o casamento<sup>240</sup>.

A partir do texto podemos perceber que os relatos a respeito da Cruzada apresentam uma história de erros, que inicia com uma intriga matrimonial e termina com o papa promovendo uma reconciliação. O autor descreve os eventos a partir da perspectiva do exército dos francos, no entanto, não há uma ênfase na descrição das estratégias militares e das batalhas, o que se sobressai no relato são as intrigas, e os momentos de egoísmo e incompetência por parte dos protagonistas<sup>241</sup>, além da falta ou da falha de comunicação entre eles.

Outros historiadores do período também escreveram a respeito da Segunda Cruzada. Otto de Freising<sup>242</sup>, dedica três capítulos – LXII, LXIII, LXIV – aos acontecimentos. A narrativa é vista a partir do exército germânico, e apesar de pontuar que o rei dos francos esteve em Antioquia com o tio da rainha, não narra a questão da intriga matrimonial. Já Guilherme de Nangis, na *Chronique Latine*<sup>243</sup>, ao narrar os

---

<sup>238</sup>“*Arnulfus Lexouiensis et Godefridus Lingonensis episcopi, gloriantes se fungi in exercitu legatione sedis apostolice, cum tamen hanc non acceperint potestatem, adeo discordes erant ut uix aut nunquam in aliquo consilio conuenirent.*”. In: CHIBNALL, op. cit, p.54.

<sup>239</sup>“*Sed Christiani magna uirtute irrupentes subactis hostibus optinuerunt ortos. [...]. Sed eadem nocte regibu persuasum est quod ciuitas abe a parte non poterat expugnari, quia inde erant turres et munimina tutiora, et quod a parte opposita, utpote munitionibus carente, facile capi posset. [...]. Celebre est interuenisse prodicionem et circumuentum esse Christianissimum regem [...]*”. In: CHIBNALL, op. cit, p.57.

<sup>240</sup>“*Discordiam regis et regine, quae Antiochie concepta fuerat, auditis querelis utriusque seorsum omnino sedauit, prohibens ne de cetero consanguinitatis inter eos mentio haberetur; et confirmans matrimonium tam uerbo quam scripto [...]*”. In: CHIBNALL, op. cit, p.61.

<sup>241</sup>MONAGLE, op. cit, p.229.

<sup>242</sup>MIEROW, op. cit, pp.100-103.

<sup>243</sup>NANGIS, Guillaume. **Chronique latine de Guillaume de Nangis de 1113 a 1300 avec les continuations de cette chronique de 1300 a 1368**. 1843, p.lxi. – “*Cumque rex pararet eam exinde reuellere, ipsa parentelae mentionem faciens dixit illicitum esse ut diutius commanerent, quia inter eos cognatio in quarto gradu vertebatur. Unde rex plurimum turbatus, quamuis eam affectu fere immoderato diligeret, acquievisset eam dimittere si consilarii sui et Francorum proceres permissent.*”, p.44.

primeiros acontecimentos da Cruzada faz menção às questões matrimoniais do rei Luís, em um relato muito próximo ao de João de Salisbury.

### **Arnaldo de Brescia**

O capítulo – XXXI – em que João de Salisbury se dedica a escrever sobre Arnaldo de Brescia é o que apresenta maior digressão, retornando ao ano de 1139. O autor começa narrando como estava sendo complicado para o papa manter a paz em Roma, devido ao fato de os cidadãos se recusarem a expulsar Arnaldo de Brescia da cidade<sup>244</sup>. Contudo para que o leitor possa compreender quem é esse personagem, João de Salisbury estabelece uma digressão que nos leva a acontecimentos do ano de 1139 para informar sobre ele, onde e com quem realizou seus estudos, como foi uma primeira vez expulso de Roma pelo papa Inocêncio, mas que depois da morte desse se encontrou com Eugênio e recebeu perdão e uma penitência, e que no cumprimento dessa teria conseguido conquistar a confiança da cidade e tecido críticas ao papa<sup>245</sup>, não permitindo que esse permanecesse em Roma em paz.

Apesar de mencionar no prólogo que tinha como pretensão tratar apenas da história papal, para escrever a respeito de Arnaldo de Brescia João de Salisbury se utiliza de uma longa digressão para a exposição de um personagem que ocupa apenas um capítulo da obra. Por quê João de Salisbury escolheu escrever sobre Arnaldo de Brescia não sabemos dizer, mas o que temos que notar é que o autor narra os acontecimentos entre Arnaldo de Brescia e os papas, em especial a relação dele com Eugênio. Ele não menciona nenhum acontecimento de quando ele estava com os germânicos.

Toda a narração referente a Arnaldo de Brescia se limita aos seus estudos na França e suas atividades na Itália. Ao abordar esse personagem, João de Salisbury, coloca sua atenção no papado e no diálogo com a rebelião romana. Rebelião essa que já teria sido descrita pelo autor em um capítulo<sup>246</sup> anterior. O lado do império não interessaria ao

---

<sup>244</sup>“*Inter dominum papam et Romanos de pace tractabatur et ad alterutros hinc inde crebra legatio discurrebat. Sed pacem tum multa prepediebant, tum maxime quod eicere nolebant Arnaldum Brixiensem (...)*”. In: CHIBNALL, op. cit, pp.62-63.

<sup>245</sup>“*Dum sub optentu penitentis Rome degeret, urbem sibi conciliauit, et domino papa agente in Galliis liberius predicans hominum sectam fecit que adhuc dicitur heresis Lumbardorum. (...) Ipsum papam non esse quod profitetur, apostolicum uirum et animarum pastorem, sed uirum sanguinum qui incendiis et homicidiis prestat auctoritatem (...)*”. In: CHIBNALL, op. cit, pp.64-65.

<sup>246</sup>Capítulo XXVII.

autor. Sua preocupação seria a rebelião que Arnaldo de Brescia teria incitado contra o papa<sup>247</sup>.

Arnaldo de Brescia também se configura como um personagem importante para outra história do período, a de Otto de Freising<sup>248</sup>. Mas para Otto de Freising mais importante são as ações tomadas por Frederico Barbarossa<sup>249</sup> contra a herege. Narra como o imperador lutou contra Arnaldo de Brescia em favor do papa e libertou Roma de sua influência. O texto de Otto de Freising coloca a questão germânica, que não é abordada por João de Salisbury.

Diferente da narrativa de Otto de Freising, temos que notar que o testemunho de João de Salisbury acerca de Arnaldo de Brescia era tardio e possivelmente de segunda mão, diferindo em alguns momentos do fornecido por aquele. Giesebrecht teria combinado as duas narrativas para compor seu artigo sobre Arnaldo de Brescia, mas, como pontua Arsenio Frugoni, temos que lembrar que seus fios narrativos e suas propostas de escrita eram diferentes<sup>250</sup>. Os personagens principais de suas obras ocupavam posições opostas e a escolha dos temas de seus escritos, também, eram opostos.

Como podemos observar a partir dos documentos: Otto de Freising, inicia o texto com uma carta enviada por Frederico pedindo que ele narrasse as magníficas realizações dos imperadores<sup>251</sup>. E no prólogo do livro I descreve que o propósito para escrever a história é o de exaltar os atos dos homens valentes para incitar os corações da humanidade à virtude e mostrar que a autoridade do império romano prevalece por causa das virtudes do príncipe mais vitorioso, Frederico<sup>252</sup>.

João de Salisbury segue o caminho oposto se propondo a dar um relato a respeito dos acontecimentos que tocam a história papal e omitindo tudo o que não diz respeito ao assunto. Como observarmos os autores se colocam em pontos opostos, Otto de Freising foca sua narrativa a respeito dos feitos do imperador e João de Salisbury na história papal.

---

<sup>247</sup>FRUGONI, op. cit, p.105.

<sup>248</sup>MIEROW, op. cit, p.61.

<sup>249</sup>MIEROW, op. cit, pp.142-144.

<sup>250</sup>FRUGONI, op. cit, pp.112-113.

<sup>251</sup>MIEROW, op. cit, p.17.

<sup>252</sup>MIEROW, op. cit, pp.24-25.

### **Octávio de Santa Cecília, antipapa Vítor IV**

João de Salisbury, na *Historia Pontificalis*, faz menção a Octávio de Santa Cecília, que, no momento em que a narrativa era composta, era conhecido como Vítor IV, antipapa eleito pelo partido da causa imperial, que rivalizava com Alexandre III. Octávio aparece em um capítulo, no qual o autor narra que Conrado, rei dos germânicos visava a coroa imperial e teria enviado embaixadores para promover a causa com o papado e entre os romanos. Ele pediu ao papa que lhe enviasse alguns legados que poderiam aconselhar e julgar sobre casos eclesiásticos a partir da autoridade papal. Um dos cardeais enviados seria Octávio de Santa Cecília, descrito como ganancioso e adulator dos germânicos<sup>253</sup>.

O autor narra que Eugênio recomendou que ambos, tanto Octávio quanto Jordan de Santa Susanna, que juntamente com ele fora enviado, agissem em conjunto, tivessem cautela ao lidar com os germânicos e que não fizessem nada de injusto, mas eles não teriam cumprido nenhuma das ordens do pontífice, e discutiam a respeito de tudo, além de estarem sempre se contradizendo. Desse modo, o papa teria ordenado que eles alterassem suas maneiras, mas a ordem não surtiu efeito, então tiveram que retornar. No entanto, antes do retorno Octávio ganhou os grandes homens do reino para o seu lado, entrando em um acordo de ajuda e conselhos para o futuro. João de Salisbury menciona que daquele momento em diante ele se tornou um defensor dos germânicos na cúria papal<sup>254</sup>.

### **Guido de Crema, antipapa Pascoal III**

Guido de Crema, que no momento de produção da obra atuava como o antipapa Pascoal III aparece na narrativa de João de Salisbury, sendo brevemente mencionado em um único capítulo – XVIII. Representantes de Teobaldo encontraram com o papa em Brescia e expuseram a ele a questão do exílio do arcebispo de Canterbury, imposto pelo rei inglês. O papa, atendendo ao pedido deles, escreve a todos os bispos da Inglaterra para que advertissem ao rei sobre seu erro e restaurassem ao arcebispo todos os seus bens e que se o rei não cumprisse com a advertência seria excomungado. Alguns cardeais, no

---

<sup>253</sup>“*Octavianus autem, et genere nobilior et affatu benignior et beneficentia liberalior, fastuosus erat et pomposus, cultor Teutonum et fauoris Romanorum (quem nunquam habuit) plurimus appetitor.*”. In: CHIBNALL, op. cit, p.75.

<sup>254</sup>“*Cum ergo necessitate reuerti cogerentur, Octavianus regni magnates allexit, inita cum eis de prestando auxilio et consilio in posterum mutua obligatione, recepitque comendatícias eorum ad dominum papam. Ab illo uero tempore semper in curia patronus extitit Teutonicorum. Ambo itaque recesserunt, ecclesiam Romanam odibilem et contemptibilem relinquentes in terra.*”. In: CHIBNALL, op. cit, pp.76-77.

entanto, se opuseram ao pedido, e entre eles estava Guido de Crema<sup>255</sup>, o cardeal foi contra os ordenamentos e também contra o arcebispo de Canterbury.

### **Menções a cisma dentro da obra**

João de Salisbury, como mencionado, compõe a narrativa em um momento de cisma papal e em 6 capítulos<sup>256</sup> dentro da obra relata acontecimentos que poderiam levar a algum tipo de cisma.

O primeiro momento é referente ao julgamento de Gilberto de Poitiers. Os cardeais, que haviam descoberto que o abade de Claraval tinha se reunido com outros para acusar o bispo de Poitiers de uma forma muito parecida com aquela que utilizou contra Pedro Abelardo, se rebelaram com isso, pois imaginavam que ele tinha a intenção de trazer para o seu lado a igreja da Inglaterra e da Gália, deixando dessa forma o papa sem ação para agir a não ser em concordância com o que tinha estabelecido, mas os cardeais se opuseram a esse arranjo e permaneceram ao lado de Gilberto, pois para eles o abade não poderia ser capaz de causar um cisma dentro da Igreja<sup>257</sup>, Bernardo, percebendo que não teria as mesmas forças que obteve contra Pedro Abelardo, convenceu o papa a se colocar ao seu lado, no entanto, diferentemente do primeiro julgamento, dessa vez não alcançou a condenação pretendida.

A segunda menção também faz parte do julgamento de Gilberto de Poitiers. No momento de sua defesa ele menciona que não era um herege e nunca seria um, pois estava pronto para reconhecer a verdade e respeitar a doutrina apostólica e que não era a ignorância da verdade que fazia um herege, mas o orgulho de espírito presumindo causar disputas e cismas<sup>258</sup>. As duas primeiras menções acontecem em um contexto bem particular, provavelmente não se referiam diretamente a um cisma papal, mas pontuam que os julgamentos e as desavenças dentro da Igreja poderiam levar a acontecimentos como esse.

---

<sup>255</sup>“*Inuenerunt eum apud Brixiam nuntii/domini Cantuariensis et exposita causa facile optinuerunt ut redirent compotes uoti. Eis tamen aduersabantur quatenus audebant cardinales Octavianus et Guido Cremensis, gloriantesse cognatos esse regis Anglorum, eo quod auia eius Lumbarda fuerit [...]*”. In: CHIBNALL, op. cit, p.45.

<sup>256</sup>Capítulos IX, X, XVIII, XIX, XXXI e XXXVI.

<sup>257</sup>“*[...] et uiros in ecclesia potentissimos dicebant ad hoc fuisse conoucatos, ut apostólica sedes metu scismatis cogereetur abbatem sequi.* ”. In: CHIBNALL, op. cit, p.20.

<sup>258</sup>“*Dicebat se nec esse hereticum nec futurum, qui paratus erat et semper fuerat acquiescere ueritati et apostolicam sequi doctrinam; hereticum namque facit non ignorantia ueri, sed mentis elatio contumaciam pariens, et in contentionis et scismatis presumptionem erumpens [...]*”. In: CHIBNALL, op. cit, pp.21-22.

A terceira menção a um possível cisma está relacionada a questões do arcebispo de Canterbury. Representantes seus se encontraram com o papa em Brescia e relataram o caso de que Teobaldo de Canterbury se encontrava exilado por ordem do rei inglês. Após ouvir o caso, Eugênio escreveu para todos os bispos da Inglaterra ordenando que advertissem o rei a restaurar os bens confiscados do arcebispo, sem demora, e mencionou que se o rei não cumprisse com as advertências poderia ser excomungando. O papa também escreveu aos bispos e príncipes da França pedindo que ajudassem o arcebispo da melhor forma possível e por fim ordenou a todos na província de Canterbury que mostrassem obediência ao arcebispo. No entanto, os bispos não cumpriram com as determinações, pois se encontravam à mercê do rei e temiam que, ao cumprir os mandamentos do papa, pudessem colocar a si próprios em perigo e a igreja inglesa, que poderia estar próxima a um cisma<sup>259</sup>.

O quarto momento, diz respeito à consagração de um bispo da Normandia que recusou lealdade ao príncipe aprovado pelo papa. João de Salisbury menciona que um bispo não tinha o direito de causar um cisma dentro da igreja<sup>260</sup>.

Há a menção ao cisma no capítulo em que João de Salisbury escreve sobre Arnaldo de Brescia. O autor menciona que, por todos os lugares, Arnaldo de Brescia era considerado líder do cisma, impedindo que os cidadãos pudessem permanecer em paz com o clero<sup>261</sup>.

E por fim, provavelmente a descrição de cisma que mais se aproxime daquela pela qual a Igreja vinha passando se refere ao caso de João Paparo que, se recusando a ser ordenando arcebispo da Irlanda, ameaçou ir para Roma, incitar os cidadãos a escolherem um outro papa para restaurar a paz<sup>262</sup>.

A partir da leitura do documento notamos que João de Salisbury segue metodologias que compõe um texto de história no século XII e por isso sua obra pode ser entendida como tal. Ao nos atentarmos para o adjetivo *pontificalis* no título da obra, podemos dizer que o editor ao nomear o texto de história do papado teve como intenção

---

<sup>259</sup> “*Sed episcopi fere omnes facti sunt ei in arcum prauum qui erant in regis potestate, et clericos obedientie quietem pretulit, alii namque subterfugiebant ut absentibus nichil precipi posset; alii sua et amicorum pericula et ecclesiarum dampna et iustum quase imminentis scismatis metum [pretendebant].*”. In: CHIBNALL, op. cit, p.46.

<sup>260</sup> CHIBNALL, op. cit, pp.47-49.

<sup>261</sup> “*Sed, ut aiunt, sediciosus erat et auctor scismatis, et qui ciues, ubicumque locorum degebat, cum clero pacem habere non sineret.*”. In: CHIBNALL, op. cit, p.63.

<sup>262</sup> CHIBNALL, op. cit, pp.70-72.

inserir a obra em uma tradição específica, oposta àquela que João de Salisbury critica no começo do texto, que seria a de Sigeberto de Gembloux, de escrever uma história do império.

### Conclusão

Para McLoughlin a *Historia Pontificalis* é um trabalho que apresenta quatro objetivos diferentes<sup>263</sup>:

- 1.) Apresentar uma apologia de Teobaldo e mostrar que a igreja de Canterbury tinha como tradição ser leal ao rei e ao papa.
- 2.) Prover informações em benefício das gerações futuras para estabelecer ou abolir costumes e manter ou destruir privilégios.
- 3.) Informar Pedro de Celle sobre o processo contra Gilberto de Poitiers e defender a reputação do bispo.
- 4.) Entreter e informar Pedro de Celle e seu círculo com testemunhos de pessoas que os interessasse.

Todos esses pontos podem ser observados ao longo da narrativa. João de Salisbury, no prólogo, também anuncia que pretende tratar dos acontecimentos dos homens, e são esses acontecimentos que ele narra na maior parte do texto. Como já mencionado, em apenas três momentos há a “presença da profecia” ou dos acontecimentos que receberiam um status de divino, no caso do vinho consagrado derramado durante uma missa indicando a derrota dos exércitos cristãos na Segunda Cruzada, quando Bernardo de Claraval faz uma profecia dirigida ao conde Rafael<sup>264</sup> e quando Teobaldo de Canterbury estava consagrando o bispo de Hereford e há o aparecimento de uma frase “profética” quando o evangelho é consultado<sup>265</sup>. A presença do divino se manifestaria por meio das relações e ações dos e entre os homens.

Por mais que João de Salisbury tivesse a intenção de tratar apenas de questões referentes a acontecimentos da cúria papal, a Inglaterra, e em especial, Canterbury, estão presentes na narrativa, sobretudo, nos capítulos finais em que começa a tratar com frequência de assuntos referentes a essas localidades.

Podemos colocar a hipótese de que ele continuaria compondo o texto, devido ao fato de ter continuado presente na cúria papal, dando mais atenção a partir desse momento à sua terra natal. Também podemos pensar que ele não estava na cúria todo o tempo, mas

---

<sup>263</sup>McLOUGHLIN, op. cit, pp.182-183.

<sup>264</sup>Capítulo VII.

<sup>265</sup>“*In euangelio sententia hec pronostica inuentia est, ‘Dormir? Non potuisti uma hora vigilare mecum?’ quod ideo nonnulli recte contigisse suspicati sunt, quia in Angliam rediens regi Stephano contra obligationem qua duci tenebatur fidelitatem fecit.*” In: CHIBNALL, op. cit, p.48.

viajando entre a Inglaterra e ao encontro do papa, e por isso os dois temas aparecem no escrito.

Observamos, com a leitura do documento, que dentre todos os soberanos que figuram na *Historia Pontificalis* o rei inglês é o que aparece mais vezes ao longo do texto, demonstrando que João de Salisbury tinha interesse em escrever sobre assuntos pertinentes à Inglaterra. E o menos citado é o rei dos germânicos, confirmando a crítica que João de Salisbury fez ao escrito de Sigeberto de Gembloux, que teria dado muito espaço para a questão imperial, deixando as questões da Igreja e do papado de lado.

Dessa forma, João de Salisbury deixa claro seu posicionamento ao compor o texto, ele recusa o partido imperial e se dedica ao partido da Igreja. Ao narrar os acontecimentos sempre o faz pelo ponto de vista da Igreja, do papado, ou dos francos. Em momentos diversos da narrativa há uma aproximação dos acontecimentos com o papado, ou com algo que poderia afetá-lo. Assim sendo, uma das principais preocupações do autor era tratar de assuntos ditos pontificais.

Marjorie Chibnall, na introdução da edição da obra menciona que, devido ao fato de o autor ter deixado o texto sem um título - o que conhecemos é proveniente de uma pequena frase que inicia o capítulo XV da narrativa, *superest ut ad pontificalem redeamus hystoriam*<sup>266</sup> e foi estabelecido pelos primeiros editores da obra no século XIX - sugere que o texto poderia ter sido concebido como Memórias da Cúria Papal e o documento comprova ter sido essa a intenção do autor. João pretendeu, portanto, escrever suas memórias a respeito do tempo que passou junto a cúria papal, e assim sendo, o papa estava presente na narrativa, mas o texto não seguiria o modelo do *liber pontificalis*.

Ao compor o texto, João de Salisbury, em três capítulos diferentes, faz uma referência clara ao fato de que as narrativas partem da sua memória pessoal:

- Capítulo IX – ao descrever as intenções de Bernardo de Claraval ao reunir homens influentes da Igreja antes do julgamento de Gilberto de Poitiers, menciona que, “tanto quanto ele se lembra”<sup>267</sup>, não havia um único cardeal, exceto, Alberico, bispo de Ostia, que fizesse oposição ao abade;

---

<sup>266</sup>CHIBNALL, op. cit, p.41.

<sup>267</sup> “[...] quod meminerim [...]”. In; CHIBNALL, op. cit, p.20.

- Capítulo X – durante o julgamento contra Gilberto de Poitiers o bispo, ao ser atacado a respeito de uma questão, que o autor não menciona qual seria, apenas responde que não teria lido sobre aquilo, mas aceitaria a fé e a doutrina apostólica. João de Salisbury, então, pontua que não se lembra de ninguém que tenha se gabado de ter lido qualquer coisa que o bispo não tivesse lido<sup>268</sup>;
- Capítulo XII – após o julgamento de Gilberto de Poitiers, João de Salisbury narra que se lembra de que ele próprio, em nome do abade, solicitou ao bispo um encontro entre os dois<sup>269</sup>. E a respeito do próprio abade que, segundo o autor, era tão grande conhecedor das escrituras, ele menciona que não consegue se lembrar de qualquer escritor que tivesse tão habilmente ilustrado um determinado verso de Horácio<sup>270</sup>.

Notamos a partir dessas colocações que João de Salisbury esteve presente no julgamento de Gilberto de Poitiers, sendo esse um acontecimento importante para autor, que faz questão de narrá-lo em detalhes para proveito do amigo Pedro de Celle, mencionando em momentos distintos se lembrar ou não de determinados eventos.

É preciso também levar em consideração que o manuscrito ao qual temos acesso é um fragmento. Como discutido, não podemos concluir se o texto original estava inacabado ou se o manuscrito que o copista tinha em mãos era um fragmento, o que podemos supor é que, se João de Salisbury pretendia narrar as memórias a respeito dos momentos que passou na cúria papal, o texto continuaria, pois há indícios em outras obras de que ele esteve junto à cúria pelo menos até 1156. A proximidade com o papa Adriano IV e também o fato de ser inglês podem sugerir que o autor tinha a intenção de inclui-lo na narrativa.

Como mencionado por Frugoni, o fragmento a que temos acesso pode ser entendido como uma vida do papa Eugênio III e não como uma *historia pontificalis*, devido ao fato de abordar apenas brevemente os acontecimentos de um único papa. E além disso, ao longo do texto, em alguns momentos, há alternância entre uma narrativa envolvendo o papa ou sobre outro assunto, como podemos observar no capítulo XXI, quando João de Salisbury está escrevendo a respeito do Concílio de Cremona, e no

---

<sup>268</sup> “*Non memini tamen quempiam gloriatum ibi se legisse quod ille non legerat.* ”. In: CHIBNALL, op. cit, p.21.

<sup>269</sup> “*Memini me ipsum ex parte abbatis episcopum sollicitasse [...]*”. In: CHIBNALL, op. cit, p.26.

<sup>270</sup> “*Non memini me legisse auctorem qui poeticum illud tanta felicitate fuerit assecutus: ‘Dixeris egregie, notum si callida uerbum reddiderit iunctura nouum.* ’”. In: CHIBNALL, op. cit, p.27.

capítulo seguinte – XXII – está narrando sobre o retorno de Teobaldo para Canterbury e a restauração da paz.

Os estudiosos da obra de João de Salisbury a classificam como um exemplar de história composto na Idade Média. As divergências se dão na questão de que tipo de história ela é: história do papado, história administrativa, história burocrática? O texto, e em especial o prólogo, segue a metodologia dos textos de história compostos no período, no entanto, não classificamos a obra como um exemplar da história do papado, pois notamos que apesar, de o papa Eugênio ser o personagem central da narrativa, outros assuntos e personagens são considerados importantes para o autor.

Assim, tendemos a concordar com McLoughlin, quando menciona que provavelmente João de Salisbury tem como público alvo Pedro de Celle e seu círculo de amigos. Escrever e tecer opiniões sobre pessoas que ainda eram vivas e influentes na época poderia ser um problema devido a sua posição, pois João de Salisbury em alguns momentos da narrativa coloca sua opinião acerca do assunto que está narrando<sup>271</sup>. Não que o autor não tivesse a intenção de que sua obra se tornasse reconhecida, pois podemos notar que ele possui a intenção de coloca-la dentro de uma determinada tradição histórica, mas, em um primeiro momento sendo desenvolvida para um grupo específico de leitores, e talvez ganhando reconhecimento posteriormente.

A partir da leitura do documento, e com o conhecimento das outras obras do autor, apresentamos a hipótese de que os textos de João de Salisbury se apresentam com um caráter pedagógico, como podemos observar:

- a.) *Policraticus*: a intenção do autor com o texto seria a de levar Tomas Becket, a quem a obra é dedicada, a refletir sobre a própria conduta na corte e sobre a melhor forma de exercer suas funções enquanto conselheiro do rei Henrique II. Segundo João de Salisbury, o soberano estava rodeado por súditos corruptos e tomava medidas cada vez mais hostis à Igreja<sup>272</sup>.

---

<sup>271</sup>O momento que chamou atenção na obra juntamente com um tom de sátira pode ser observado no capítulo XL, quando Henrique de Winchester estava em Roma fazendo as pazes com o papa e há um rumor de que estivesse instigando o rei inglês, seu irmão, contra a Igreja, João de Salisbury comenta no meio do capítulo que o rei não tinha aceitado nenhum conselho dele ou de qualquer outro homem sábio, como as suas ações claramente demonstravam, como observamos no documento: “*Credebatur fratrem suum regem contra ecclesiam instigare. Sed rex (quod manifesta declarant opera) nec illius nec sapientis alterius consilio agebatur.*”. In: CHIBNALL, op. cit, p.78.

<sup>272</sup>SOUSA, Ana Alexandra Alves de. **O Processo de Leitura dos Auctores no Policrático, de João de Salisbúria**. In: FERREIRA, J. Carlos Viana, SERRAS, Adelaide Meira, SOUSA, Alcinda Pinheiro de, ROSA, Alexandra Assis, PIETA, Hanna, FALCÃO, Luísa, GIL, Marília Martins, VALDEZ, Susana, CID,

- b.) *Metalogicon*: proposta de um modelo de currículo a partir da defesa do *trivium* e da lógica.
- c.) *Historia Pontificalis*: a crônica como um exemplo das relações entre os homens e servindo para abolir ou preservar costumes e privilégios, o texto como um modelo a ser seguido, tanto em seu formato, quanto nos eventos e resoluções descritas.

Segundo, Sophia Menache os autores costumam aproximar os processos históricos por eles narrados de suas agendas, daquilo que lhes parece importante e mais interessante<sup>273</sup>. Podemos notar que João de Salisbury, na *Historia Pontificalis*, segue essa lógica, ele faz menção a dois antipapas que já teriam atuado ou estariam atuando no momento da escrita do texto, quando eles aparecem na narrativa são ainda cardeais, mas os comentários que o autor tece demonstram a opinião de João de Salisbury sobre eles - Octávio de Santa Cecília se uniu aos germânicos se tornando um defensor deles na cúria papal, e Guido de Crema foi contra uma ordem do papa agindo contra o arcebispo de Canterbury.

Seguindo essa ideia de aproximação dos escritos com questões caras ao autor, podemos notar que João de Salisbury escreve a respeito de três arcebispos de Canterbury que foram exilados, Anselmo, Teobaldo e Tomas Becket. As narrativas a respeito do exílio de Anselmo e de Teobaldo se aproximam, pois, há indícios de que João de Salisbury estava sendo influenciado por uma única fonte, a *Historia Novorum* de Eadmer, enquanto o relato a respeito do exílio de Tomas Becket seria diferente dos outros dois. O relato da *Historia Pontificalis* a respeito do exílio de Teobaldo de Canterbury se aproxima do relato do exílio do autor e de outros seguidores de Becket.

Com isso, podemos supor que a *Historia Pontificalis* era também entendida como uma apologia a Teobaldo e a hagiografia de Becket uma apologia a ele. E, devido à proximidade e ao fato de ter seguido os preceitos dos dois arcebispos, João de Salisbury talvez esperasse para si uma elevação ao arcebispado de Canterbury, se colocando talvez como um continuador dos dois arcebispos por ele retratados.

---

Teresa e MALAFAIA, Teresa de Ataíde. **A Schollar for all Seasons. Homenagem a João de Almeida Flor**. Centro de Estudos Anglófilos da Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, s/d, p.145.

<sup>273</sup>MENACHE, Sophia. **Chronicles and historiography: the interrelationship of fact and fiction**. *Journal of Medieval History*, volume 32, 2006, p.345.

É preciso notar, também, que o valor histórico da obra está no fato de que em alguns momentos o escrito se configura na única ou uma das poucas fontes a respeito de certo acontecimento, como podemos mencionar: nos capítulos que tratam a respeito do julgamento de Gilberto de Poitiers, a narração detalhada de João de Salisbury é uma das poucas e também nas questões referentes à sucessão do trono inglês.

Por isso, podemos observar que a obra se configura como um exemplar de história composto na Idade Média, com particularidades, mas seguindo métodos utilizados pelos outros escritos. Além disso, a obra apresenta valor histórico, ao narrar acontecimentos em que o autor esteve presente e dos quais sua obra é uma das poucas fontes escritas. E se pensarmos nos outros escritos de João de Salisbury ela se alinharia ao caráter pedagógico de suas duas obras mais famosas, *Metalogicon* e *Policratcius*, bem como com a apologia dirigida a outros dois arcebispos de Canterbury, Anselmo e Tomas Becket.

## Bibliografia

### Fontes

ARANGUREN, Ináki e BALLANO, Mariano (eds. e trads.). **Obras completas de San Bernardo – Cartas**. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 2003;

CHIBNALL, Marjorie (ed. e trad.). **The *Historia Pontificalis* of John of Salisbury**. New York: Oxford University Press Inc, 2002;

DUCHESNE, L. **Le liber pontificalis (3v)**. Paris: Boccard, 1981;

HASELDINE, Julian (ed.). **The Letters of Peter of Celle**. Oxford: Clarendon Press, 2001;

KEATS-ROHAN, K. S. B. (ed.). **Ioannis Saresberiensis *Policraticus* I-IV**. Turnholti: Brepols, 1993;

McGARRY, Daniel (ed. e trad.). **The *Metalogicon* of John of Salisbury: a twelfth century defense of the verbal and logical arts of the trivium**. Gloucester, Mass.: Peter Smith, 1962;

MIEROW, Charles Christopher (trad.). **The deeds of Frederick Barbarossa. Otto of Freising and his continuator, Rahewin**. Toronto: University of Toronto Press, 1994;

MILLOR, W. J. e BUTLER, H. E. (eds.). **The Letters of John of Salisbury. (2v)**. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 2003;

NANGIS, Guillaume. **Chronique latine de Guillaume de Nangis de 1113 a 1300 avec les continuations de cetter chronique de 1300 a 1368**. 1843;

NEDERMAN, Cary J. (ed. e trad.). ***Policraticus*, the Frivolities of Courtiers and the Footprints of Philosophers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990;

PEPIN, Ronald E. (trad.). **Anselm & Becket: two Canterbury saints' lives**. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 2009.

### Obras

ARDUINI, Maria Lodovica. **Contributo alla Ricostruzione Bioagráfica di Giovanni di Salisbury**. Revista di Filosofia Neo-Scolastica, volume 90, número 1/2, 1998, pp.198-214;

- BISSON, Thomas N. **The crisis of the twelfth century: power, lordship, and the origins of European government.** Princeton: Princeton University Press, 2009;
- BOLTON, Brenda. **Adrian IV, the English Pope, 1154-1159: studies and texts.** Aldershot, Hampshire, England: Burlington, VT: Ashgate, 2003;
- BOLLERMANN, Karen e NEDERMAN, Cary J. **A Special Collectio: John of Salisbury's Relics of Saint Thomas Becket and Other Holy Martyrs.** *Mediaevistik*, volume 26, 2013;
- BROOKE, Christopher. **Aspects of John of Salisbury's *Historia Pontificalis*.** In: SMITH, Lesley e WARD, Benedicta (eds.). **Intellectual Life in the Middle Ages.** Londres: The Hambledon Press, 1992;
- BROOKE, Christopher. **John of Salisbury and his world.** *Studies in Church History. Subsidia*, número 3, 1994, pp.1-20;
- BROWN, M. Anthony. **John of Salisbury.** St. Bonaventure University – Franciscan Institute Publications: *Franciscan Studies*, volume 19, número 3/4, 1959, pp.241-297;
- CHASTANG, Pierre. **L'archéologie du texte médiéval. Autor de travaux recents sur l'écrit au Moyen Âge.** *Histoire, Sciences Sociales*, volume 63, número 2, 2008;
- CHAZAN, Mireille. **L'Empire et l'histoire universelle de Sigebert de Gembloux à Jean de Saint-Victor (XII-XIV siècle).** Paris: Honoré Champion, 1999;
- CHAZAN, Mireille e DAHAN, Gilbert (orgs.). **La méthode critique au Moyen Âge.** Turnhout: Brepols, 2006;
- CHENU, M. D. **Auctor, Actor, Autor.** Union Académique Internationale, Bruxelles, Belgique, 1927;
- FOREVILLE, Raymonde. **Une lettre inédite de Jean de Salisbury, évêque de Chartres.** In: *Revue d'histoire de l'Église de France*, tomo 22, número 95, 1936, pp.179-185;
- FRUGONI, Arsenio. **Arnaud de Brescia dans les sources du XIIe siècle.** Paris: Les Belles Lettres, 2004;

GIESEBRECHT, W. von. **Arnold von Brescia**. In: *Sitzungsberichte der philosophisch-philologischen und historischen Classe der k.b. Akademie der Wissenschaft zu München*, 1873, pp.122-154;

GRANSDEN, Antonia. **Legends, traditions and History in Medieval England**. Londres: The Hambledon Press, 1992;

GRANSDEN, Antonia. **Historical writing in England**. Londres: Routledge, 1996;

GRELLARD, Christopher e LACHAUD, Frédérique (eds.). **A Companion to John of Salisbury**. Boston: Leiden, 2014;

GUENÉE, Bernard. **Histoire et culture historique dans l'Occident médiéval**. Paris: Aubier Montaigne, 1980;

GUENÉE, Bernard. **L'histoire entre l'éloquence et la Science. Quelques remarques sur le prologue de Guillaume de Malmesbury à ses *Gesta Regum Anglorum***. In: *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 126e année, numéro 2, 1982, pp.357-370;

HAMESSE, Jacqueline (ed.). **Les prologues médiévaux: actes du colloque international organisé par l'Academia Belgica et l'Ecole française de Rome avec le concours de la F.I.D.E.M., Rome, 26-28 mars 1998**. Turnhout: Brepols, 2000;

HIRATA, Yoko. **John of Salisbury and his Correspondents: a study of the epistolar relationships between John of Salisbury and his Correspondents (3v)**. Universidade de Sheffield, 1991;

HUIZINGA, Johan. **Men and ideas: history, the Middle ages, the Renaissance**. New York: Meridian, 1966;

LAKE, Justin. **Authorial Intention in Medieval Historiography**. In: *History Compass*, 2014, pp.344-360;

LANZIERI, Carlile. **“De todas as coisas, a mais desejável é a sabedoria” Os mestres de João de Salisbury e o método educacional de Bernardo de Chartres no *Metalogicon* (século XII)**. Artigo cedido pelo próprio autor;

LIEBESCHÜTZ, Hans. **Mediaeval Humanism in the life and writings of John of Salisbury**. Nendeln: Kraus, 1980;

- McLOUGHLIN, John Patrick. **John of Salisbury (c.1120-1180): The career and attitudes of a schoolman in church politics.** Irlanda: Trinity College, 1998;
- MENACHE, Sophia. **Chronicles and historiography: the interrelationship of fact and fiction.** In: *Journal of Medieval History*, volume 32, 2006, pp.333-345;
- MICHEL, Alain. **Théologiens et mystiques au Moyen Âge: la poétique de Dieus, Ve-XVe siècles.** Paris: Gallimard, 1998;
- MONAGLE, Clare. **Contested Knowledges – John of Salisbury’s *Metalogicon* and *Historia Pontificalis*.** In: *Parergon*, volume 21.1, 2004, pp.1-18;
- MONAGLE, Clare. **The Trial of Ideas: Two Tellings of the Trial of Gilbert of Poitiers.** In: *Viator: Medieval and Renaissance Studies*, volume 35, 2004, pp.113-129;
- MOULINIER, Laurence. **Jean de Salisbury, un réseau d’amitiés continentales.** In: AURELL, Martin. **Culture politique des Plantagenêt (1154-1204).** Colloque International, 2002, Poitiers, France. Poitiers: CESCUM, 2003;
- NEDERMAN, Cary J. **John of Salisbury.** Arizona: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies, 2005;
- NEDERMAN, Cary J. **The Changing face of Tyranny: The Reign of King Stephen in John of Salisbury’s Political Thought.** Brepols, 1987;
- PELTZER, Jörg. **Henry II and the Norman Bishops.** *The English Historical Review*, volume 119, número 484, 2004;
- PEPIN, Ronald E. **Amicitia Jocosa: Peter of Celle and John of Salisbury.** In: *Florilegium*, volume 5, 1983, pp.140-156;
- POIRION, Daniel (ed.). **La chronique et l’histoire au Moyen Âge: colloque des 24 et 25 mai 1982.** Paris: Université de Paris-Sorbonne, 1986;
- ROBERTSON, Lynsey. **Exile in the Life and Correspondence of John of Salisbury.** In: NAPRAN, Laura e HOUTS, Elisabeth van. (eds.). **Exile in the Middle Ages: selected proceedings from the International Medieval Congress, University of Leeds, 8-11 July 2002.** Turnhout: Brepols, 2004, pp.181-198.
- ROEST, Bert. **Later Medieval Institutional History.** In: DELIYANNIS, Deborah Mausekopf (ed.). **Historiography in the middle ages.** Boston: Brill, 2003;

SENEILLART, Michel. **As artes de governar**. São Paulo: Editora 34, 2006;

SOUSA, Ana Alexandra Alves de. **O Processo de Leitura dos Auctores no Poligráfico, de João de Salisbúria**. In: FERREIRA, J. Carlos Vianna, SERRAS, Adelaide Meira, SOUSA, Alcinda Pinheiro de, ROSA, Alexandra Assis, PIETA, Hanna, FALCÃO, Luísa, GIL, Marília Martins, VALDEZ, Susana, CID, Teresa e MALAFAIA, Teresa de Ataíde. **A Schollar for all Seasons. Homenagem a João de Almeida Flor**. Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, s/d;

SOUTHERN, R. W. **Scholastic Humanism and the Unification of Europe (volumes I e II)**. Oxford, Reino Unido: Blackwell, 1997;

TEIXEIRA, Igor S. e BASSI, Rafael (org.). **A Escrita da História na Idade Média**. Rio Grande do Sul: Oikos, 2016;

VERBALL, Wim. **The Council of Sens reconsidered: Masters, Monks, or Judges?** In: Church History, volume 74, número 3, 2005, pp.460-493;

WATT, J. A. **The Church and the two nations in Medieval Ireland**. Cambridge: University Press, 1970.

## Anexos

## Anexo I

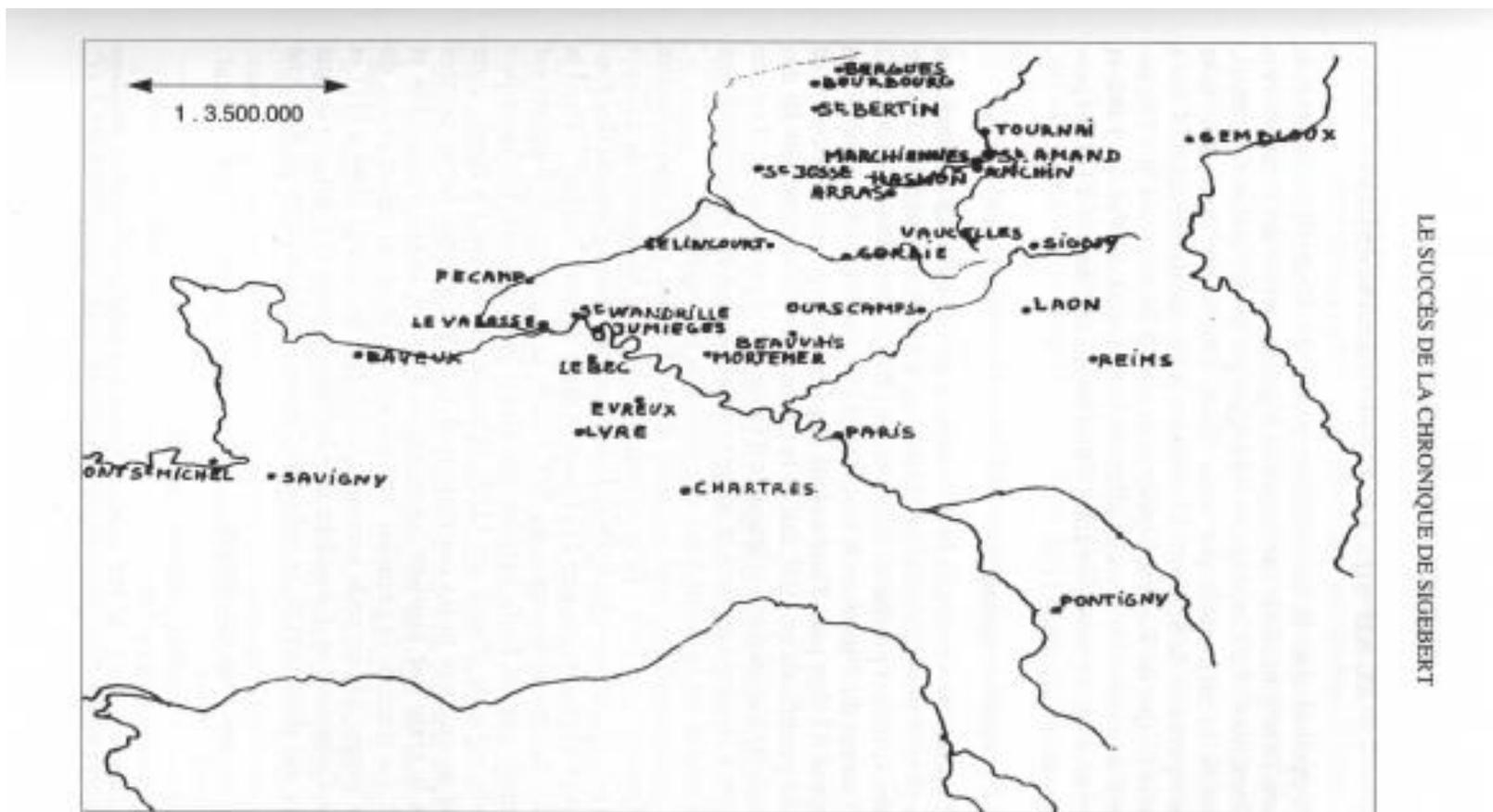


Fig. 2: Les manuscrits de la chronique de Sigebert de Gembloux aux XII<sup>e</sup> et XIII<sup>e</sup> siècles dans le royaume de France.

## Anexo II

Lista de mestres e descrição dos ensinamentos que João de Salisbury teria recebido com os mesmos:

Nome	Descrição
Pedro Abelardo	“Este era um mestre famoso e sábio, admirado por todos. Aos seus pés, aprendi os princípios elementares dessa arte [Lógica ou Dialética], bebendo com avidez e a inteira extensão de meus limitados talentos, todas as palavras que caíam de seus lábios. ”
Alberico de Reims	“[...] tornei-me discípulo de Alberico de Reims, que possuía alta reputação, como o melhor dos dialéticos. ”
Roberto de Melun	“Depois de passar quase dois anos inteiros no Monte [Santa Genoveva], tive como instrutores nessa arte [Dialética] Alberico [de Reims] e também mestre Roberto de Melun. ”
Guilherme de Conches	“Então, depois de deliberação, consulta e aprovação de meus instrutores, fui transferido para o gramático [Guilherme] de Conches. Com esse último, estudei por três anos, período durante o qual muito aprendi. ”
Ricardo, o Bispo	“Com Ricardo, revi tudo aquilo que estudei sob outros mestres, assim como aprendi certos pontos adicionais do <i>Quadrivium</i> [...]. ”
Hardewin, o Germânico	“Com Ricardo [o Bispo], revi tudo aquilo que estudei sob outros [mestres], assim como aprendi certos pontos adicionais acerca do <i>Quadrivium</i> , aos quais fui previamente introduzido por Hardewin, o Germânico. ”
Teodorico de Chartres	“Eu também revisei a retórica que, junto com outros assuntos, já havia aprendido um pouco em estudos prévios sob o Mestre Teodorico [de Chartres] [...]. ”
Pedro Elias	“Entretanto, mais tarde, aprendi mais retórica com Pedro Elias. ”
Adão do Petit Point	“Conseqüentemente, recorri a Mestre Adão, de quem me tornei muito íntimo. Adão é um homem de intelecto muito afiado e também, indiferente ao que outros possam pensar, uma pessoa de amplo aprendizado. Ele é especialmente devotado ao estudo de Aristóteles.

	Ainda que não fosse um de seus discípulos, ele dividiu comigo seus bens [de conhecimento] [...]. ”
Gilberto de La Porrée	“Ao final de três anos, retornei [possivelmente para Paris] e procurei pelo Mestre Gilberto [de la Porrée], de quem me tornei discípulo em assuntos dialéticos e teológicos. ”
Roberto de Pullen	“Todavia, muito rapidamente, Gilberto foi transferido [para se tornar bispo de Poitiers]. Roberto de Pullen, seu sucessor, era um homem louvável por sua virtude e seu conhecimento. ”
Simão de Poissy	“Os dois últimos mencionados [Roberto de Pullen e Simão de Poissy] somente me instruíram em teologia. ”

**Anexo III**

Lista de capítulos e temas que aparecem na *Historia Pontificalis*:

Nome	Tema
Prólogo	Autores que escreveram sobre a história da Igreja; objetivo da escrita; uso da crônica, (pp.1-4);
I	Concílio de Reims (final da crônica de Sigeberto); questão da primazia das Igrejas; questões de direito canônico, (pp.4-6);
II	Controvérsias entre o rei inglês e o papa, envolvendo João Paparo; proibição por parte do rei inglês ao arcebispo de Canterbury para comparecer ao Concílio de Reims; fuga do arcebispo de Canterbury; tentativa de excomunhão do rei inglês pelo papa e intercessão a favor do rei pelo arcebispo de Canterbury, (pp.6-8);
III	Promulgação dos decretais do concílio e as interpretações e explicações; explicações a respeito de alguns cânones que poderiam parecer duvidosos, (pp.8-10);
IV	Suspensão dos bispos que tinham desobedecido à convocação para o concílio; dissolução do concílio; permanência dos dignitários mais importantes para resolução de outros problemas, (pp.10-11);
V	Anúncio de uma profecia prevendo que a Igreja estaria em perigo; acontecimentos da Segunda Cruzada, (pp.11-12);
VI	Absolvição da excomunhão de Rafael, conde de Vermandois e a definitiva anulação de seu casamento, (pp.12-13);
VII	Profecia de São Bernardo dirigida ao conde Rafael, (pp.14-15);
VIII	Início da disputa entre Bernardo de Claraval e Gilberto de Poitiers; apresentação de ambos; reunião entre Bernardo de Claraval e os principais líderes da Igreja na tentativa de condenar Gilberto de Poitiers, (pp.15-19);
IX	Continuação da disputa entre o abade e o bispo; as ações tomadas por Bernardo de Claraval, (pp.19-21);
X	Continuação da disputa entre o abade e o bispo; as ações tomadas por Gilberto de Poitiers; julgamento das obras do bispo e sua defesa, (pp.21-23);
XI	Continuação da disputa entre o abade e o bispo; e também continuação do julgamento das obras do bispo e sua defesa, (pp.23-25);

XII	A paz foi feita entre Bernardo de Claraval e Gilberto de Poitiers; descrição de ambos e dos conhecimentos dos dois, (pp.26-27);
XIII	Exposição dos ensinamentos teológicos e de alguns dos pensamentos de Gilberto de Poitiers, (pp.28-38);
XIV	Continuação da exposição dos ensinamentos teológicos e de alguns dos pensamentos de Gilberto de Poitiers, (pp.38-41);
XV	Retomada da história papal [ <i>superest ut ad pontificalem redeamus hystoriam</i> ]; os dignitários são mandados embora (retomada do assunto do capítulo IV); o papa parte para a Itália; o arcebispo Teobaldo de Canterbury retorna para a Inglaterra; o arcebispo parte para o exílio em São Omer, (pp.41-42);
XVI	Viagem do papa e pedidos dirigidos a ele, (p.43);
XVII	Questões a respeito da Normandia, (p.44);
XVIII	Questões referentes à Segunda Cruzada; viagem do papa à Itália; carta do papa ao rei inglês a respeito do arcebispo de Canterbury, (pp.45-47);
XIX	Eleição de Gilberto, abade de Gloucester; questões referentes à Normandia, (pp.47-49);
XX	Questões referentes à Normandia, (p.49).
XXI	Papa em Cremona a caminho de Roma; convocação de um concílio com os bispos italianos, (pp.50-51);
XXII	Paz restaurada na Igreja de Canterbury e penitências impostas àqueles que tinham ido contra os mandamentos papais, (pp.51-52);
XXIII	O rei francês chega a Antioquia; início da anulação do casamento do rei francês; partida para Jerusalém, (pp.52-53);
XXIV	Questões referentes à Segunda Cruzada, (pp.54-56);
XXV	Questões referentes à Segunda Cruzada; ataque a Damasco, (pp.56-58);
XXVI	Viagem de volta de rei Conrado para seu país; e também viagem de volta dos príncipes francos, (pp.58-59);
XXVII	O papa é forçado a deixar Roma pelas turbulências causadas pelos cidadãos, (pp.59-60);
XXVIII	Volta do rei francês para casa, (pp.60-61);
XXIX	O papa reconcilia o rei e a rainha franceses, (pp.61-62);
XXX	O rei francês viaja para a França em segurança e sob glórias, (p.62);

XXXI	Acontecimentos envolvendo Arnaldo de Brescia; descrição de quem seria e de sua trajetória, (pp.62-65);
XXXII	O papa deixa Roma e vai tratar da paz com o rei da Sicília, (pp.65-67);
XXXIII	Hugo é consagrado em Palermo; o rei da Sicília exige o <i>pallium</i> para a sé, (pp.67-68);
XXXIV	O rei da Sicília consagra seu filho como rei, o bispo de Palermo realiza a consagração, sem o consentimento do papa, (pp.68-69);
XXXV	Henrique, irmão do rei francês, se torna bispo de Beauvais, (pp.69-70);
XXXVI	Questões referentes à Irlanda; exortação de João Paparo como diácono cardeal da Irlanda, (pp.70-72);
XXXVII	Guido de Florença convoca um sínodo, (pp.73-75);
XXXVIII	O rei Conrado visa a coroa imperial e busca promover sua causa, (pp.75-77);
XXXIX	Os cardeais sacerdotes enviados ao rei Conrado, retornam para a Itália, no entanto, cada um seguindo um caminho diferente, (pp.77-78);
XL	Ações do arcebispo de Canterbury; desavenças entre o rei inglês e a Igreja; passagem de Henrique, bispo de Winchester por Roma, (pp.78-80);
XLI	Tentativa de dissolução do casamento do conde Hugo; o papa nega a dissolução do matrimônio, (pp.80-82);
XLII	A paz é firmada entre Henrique, arcebispo de York, e o rei da Inglaterra; caso de sucessão do trono inglês, entre o rei Estevão e a imperatriz Matilda, (pp.83-86);
XLIII	Suspeita de simonia dentro da Igreja, (pp.86-87);
XLIV	Morte de Suger, abade de São Denis; suspeita de mais um caso de simonia dentro da Igreja, (pp.87-88);
XLV	Morte do bispo de Londres; sucessão do bispo de Londres; suspeita de mais um caso de simonia dentro da Igreja, (pp.88-89);
XLVI	O rei inglês e sua esposa fundam um mosteiro; final abrupto; [ <i>Rex Stephanus et Matillis uxor sua fundat monasterium de Fauresham in Cancia eique Clarembaldus...</i> ], (p.89).

**Anexo IV**

Lista de personagens que aparecem na *Historia Pontificalis*, de acordo com a ordem em que são citados:

- 1.) Arcebispos de Lyon, Rouen, Sens, Tours, Viena, Bourges e Narbonne;
- 2.) Bispo de Le Puy;
- 3.) Abade de Bourg-Dieu;
- 4.) Teobaldo de Canterbury – primeiro personagem a aparecer com nome próprio;
- 5.) Henrique de York;
- 6.) Estevão, rei dos ingleses;
- 7.) Alberico, arcebispo de Trèvesm;
- 8.) João Paparo;
- 9.) Roberto de Hereford;
- 10.) William de Norwich;
- 11.) Hilário de Chichester;
- 12.) Reinaldo de Hildesheim;
- 13.) Bispo de Winchester;
- 14.) Arcebispos de Mainz e Colônia;
- 15.) Guido de Pisa;
- 16.) Papa Eugênio III – até o momento – capítulo XI – vinha sendo mencionado apenas como papa;
- 17.) Conrado, rei dos germânicos;
- 18.) Luís, rei dos francos;
- 19.) Geoffrey de Rancon;
- 20.) Rafael, conde de Vermandois;
- 21.) Gregório, de São Ângelo;

- 22.) Bartolomeu, bispo de Laon;
- 23.) Conde Teobaldo;
- 24.) Bernardo de Claraval – capítulo VII;
- 25.) Filipe, conde de Flandres;
- 26.) Gilberto de Poitiers – capítulo VIII;
- 27.) Suger, abade de São Denis;
- 28.) Mestre Arnaldo;
- 29.) Pedro Lombardo;
- 30.) Roberto de Melun;
- 31.) Geoffrey de Bordeaux;
- 32.) Balduíno de Châtillon-sur-Seine;
- 33.) Tomas de Canterbury;
- 34.) Rogério de York;
- 35.) Geoffrey de Auxerre;
- 36.) Roberto de Bosco;
- 37.) Gilberto, abade de Westminster;
- 38.) Alberico, bispo de Ostia;
- 39.) Henrique de Pisa;
- 40.) Ricardo de Lucy;
- 41.) Guilherme Martel;
- 42.) Felipe, ex-bispo de Tours;
- 43.) Pedro Leão;
- 44.) Miles, bispo de Térouanne;
- 45.) Geoffrey, conde de Anjou;

- 46.) Otávio e Guido de Crema;
- 47.) Guido de Summa;
- 48.) Silvestre, prior;
- 49.) William, prior;
- 50.) Abade Hugo;
- 51.) Gilberto, abade de Gloucester;
- 52.) Roberto de Londres;
- 53.) Jocelin de Salisbury;
- 54.) Nicolau de Cambrai;
- 55.) Conde Hugo Bigod;
- 56.) Príncipe Raimundo, da Antioquia;
- 57.) Arnulfo, bispo de Lisieux;
- 58.) Godfrey, bispo de Langres;
- 59.) Theodwin, bispo do Porto;
- 60.) Thierry, conde de Flandres;
- 61.) Roberto, rei da Sicília;
- 62.) Roberto, príncipe da Capua;
- 63.) Arnaldo de Brescia;
- 64.) Hugo de Palermo;
- 65.) Henrique de Beauvais;
- 66.) Guido de Florença;
- 67.) Jordan de Santa Susanna;
- 68.) Octávio de Santa Cecília;
- 69.) Conde Hugo;

70.) Odo, de São Denis.